Agatha Christie

MATAR É FÁCIL



Graças à sua sagacidade e a um aguçado talento psicológico, a velha solteirona Miss Fullerton consegue descobrir a identidade de um criminoso, responsável por quatro assassinatos, e garante saber inclusive o nome da próxima vítima. É isso, pelo menos, o que ela conta a seu companheiro de viagem Luke Fitzwilliam, um ex-policial aposentado que retorna de trem a Londres depois de uma longa ausência do país. Fitzwilliam está disposto a desfrutar do sossego da aposentadoria, mas quando, logo em seguida, descobre que Miss Fullerton foi assassinada, desconfia que terá que abandonar o merecido descanso e voltar à ação.

Capítulo 1

Inglaterra! Inglaterra, depois de tantos anos!

Como a acharia? É o que perguntava a si mesmo Luke Fitzwilliam enquanto se dirigia à prancha de desembarque do cais. Esta pergunta continuou em seu subconsciente durante todo o tempo em que esperava no balcão da alfândega. E agora, sentado no trem, o pensamento voltava subitamente à tona. Aqui estava ele, decentemente aposentado, com uma pensão, com algum rendimento próprio, um cavalheiro desocupado, de volta à sua terra natal. Que faria consigo? Com esforço, Luke Fitzwilliam desviou o olhar da paisagem que se descortinava pela janela do trem, e concentrou-se na leitura dos jornais que acabara de comprar: o Time, o Daily Clarion e o Punch.

Começou com o Daily Clarion. O Clarion era um jornal especializado em turfe. Ele apostara num cavalo no sweepstake do clube, e procurava descobrir agora o que pensava o correspondente de turfe do Clarion sobre as suas possibilidades. Viu-o desdenhosamente menosprezado numa única frase: ““ Quanto aos outros, Jujube II, Mark’s Mile, Santoni e Jerry Boy, pouca possibilidade têm de classificação. Um provável azarão é... ”

Mas Luke não deu nenhuma atenção ao azarão do páreo. Seu olhar pulou para as apostas. Jujube II estava quotado num modesto 40 a 1. Olhou o relógio. Um quarto para as quatro, “Bem — agora já foi.” Antes tivesse apostado em Clarigold que era o segundo favorito.

A seguir, abriu o Times e absorveu-se em assuntos mais sérios. Após uma boa meia hora, o trem diminuiu a marcha e

finalmente parou. Luke olhou pela janela. Estava numa espaçosa estação de aparência deserta, com muitas plataformas. Avistou uma banca de jornais e revistas com um placar do resultado das corridas. Luke abriu a porta, pulou para fora, e correu para a banca. No momento seguinte, olhava com um largo sorriso de satisfação umas poucas linhas meio borradas:

RESULTADO DAS CORRIDAS

JUJUBE II

MAZEPPA

CLARIGOLD

Luke riu satisfeito. Uma centena de libras para esbanjar! E viva Jujube II, tão desdenhosamente menosprezado por todos os fornecedores de barbadas! Dobrou o jornal; ainda sorrindo consigo mesmo, voltou-se ... e nada mais encontrou! Na excitação da vitória de Jujube II, seu trem escapulira da estação, sem que ele notasse!

— Para onde diabo foi aquele trem? — perguntou a um cabineiro de ar sorumbático.

— Que trem? Não há trem nenhum desde o das 3h 14m.

— Havia um trem aqui! Eu desci dele. O expresso.

— O expresso não faz nenhuma parada até Londres.

— Mas fez — afirmou Luke. — Eu desci dele.

Diante dos fatos, o cabineiro mudou de tática.

— Não devia ter feito isso — disse com ar de reprovação. — Ele não pára aqui.

— Mas parou!

— Era só uma sinalização, só isso. Só esperou o sinal ficar verde para ele. Não é o que se chama de parada. O senhor não devia ter saído do trem.

— Bem, admitamos isso — disse Luke. — O mal está feito e não tem remédio. O que eu quero saber é o que o senhor, como um homem experiente no serviço de estradas de ferro, me aconselha a fazer.

— Acho melhor o senhor tomar o das 4h 25m — respondeu o cabineiro.

— Se o das 4h 25m vai para Londres, é o trem que me serve — disse Luke.

Resolvida esta questão. Luke ficou perambulando pela plataforma. Uma grande tabuleta informava-lhe que se encontrava na estação de entroncamento de Fenny Clayton com Wychwood Under Ashe. E neste momento uma composição formada de um vagão empurrado invertidamente por uma pequena e antiquada locomotiva chegou resfolegando e colocou-se modestamente em seu lugar.

Afinal, com grande imponência, chegou o trem de Londres. Luke examinou minuciosamente cada compartimento. No primeiro, onde era permitido fumar, havia um senhor com aparência de militar, fumando um charuto. Passou ao seguinte, onde havia uma jovem de aspecto polido e cansado, provavelmente uma governanta, e um garoto de ar irrequieto de

uns três anos. Luke passou pelas duas cabinas rapidamente. A próxima porta estava aberta, e o compartimento continha apenas uma passageira — uma senhora idosa. Ela lhe recordava ligeiramente uma de suas tias, a tia Mildred que corajosamente lhe permitira ficar com uma cobra d'água quando ele tinha dez anos. Tia Mildred tinha sido decididamente uma boa tia, considerando-se como costumam ser as tias. Luke entrou na cabina e sentou-se.

Depois de uns cinco minutos de intensa atividade de engates, bagagens e muita agitação, o trem começou vagarosamente a deixar a estação. Luke desdobrou o jornal e entregou-se à leitura das notícias que podem interessar um homem que já leu o seu jornal da manhã. Não tinha esperança de faze-lo por muito tempo. Sendo um homem de muitas tias, tinha plena certeza de que a simpática velhinha não tinha intenção alguma de viajar em silencio até Londres. E tinha razão. Uma janela que precisava ser regulada, um guarda-chuva derrubado, e ela já estava comentando a qualidade do trem.

— Somente uma hora e dez. Isto é muito bom, o senhor sabe, muito bom mesmo. Muito melhor que o da manhã, que leva uma hora e quarenta — continuou. — Naturalmente, quase todos vão pelo da manhã. Isto é, em dias comuns é bobagem ir no trem da tarde. Eu tinha intenção de ir esta manhã, mas Wonky Pooh desapareceu... é o meu gato, um gato persa, uma beleza, só que ultimamente anda com uma orelha doente... e naturalmente eu não podia sair de casa antes de encontra-lo.

— Naturalmente que não — murmurou Luke, e olhou intencionalmente para o jornal. Mas de nada adiantou.

— Então, dos males o menor; eu tomei o trem da tarde em vez

do da manhã, o que naturalmente não deixa de ter o seu lado bom, porque este não está tão cheio. Não que isso tenha importância quando se viaja de primeira classe. Naturalmente eu faço isso sempre, mas é que eu estava tão perturbada, porque, veja o senhor, eu estou indo à cidade por um motivo muito importante, e eu queria pensar exatamente no que vou dizer... com sossego, sabe.

Luke reprimiu um sorriso.

— Naturalmente — continuou ela rápida, olhando de relance o rosto bronzeado de Luke, — sei que militares de folga têm que viajar de primeira classe. Isto é, sendo oficiais, é o que se espera deles.

Dois olhinhos brilhantes e curiosos se fixaram em Luke. Ele capitulou imediatamente. Sabia que mais cedo ou mais tarde isso iria mesmo acontecer.

— Não sou militar — disse.

— Oh! Sinto muito, eu não tive intenção, só que pensei... o senhor está tão queimado de sol! Pensei que estivesse voltando para casa de licença.

— Estou voltando para casa mas não em licença — disse Luke. E livrou-se de uma conseqüente investigação com uma afirmação categórica: — Eu pertenço à Polícia.

— É da Polícia! Ora, francamente, isto é muito interessante! O filho de uma grande amiga acabou de ingressar na Polícia da Palestina. Oh, mas que interessante! Francamente, é uma enorme coincidência... isto é, que o senhor esteja viajando nesta cabina, porque, o senhor sabe, este motivo pelo qual eu estou indo a

Londres... bem, na realidade é a Scotland Yard que eu estou indo.

— Realmente? — perguntou Luke.

A velhinha continuou animada:

— É sim! Eu pretendia ir esta manhã mas conforme lhe contei fiquei muito preocupada com Wonky Pooh. Mas o senhor não acha que é tarde demais, acha? Isto é, a Scotland Yard não tem um horário especial como os escritórios, tem?

— Não creio que eles fechem as quatro ou algo parecido.

— Não, naturalmente eles não poderiam fazer uma coisa dessas, não é mesmo? O que eu quero dizer é que alguém pode querer denunciar um crime importante a qualquer minuto, não é?

— Exatamente — disse Luke.

Por um momento a velhinha ficou em silencio. Parecia preocupada.

— Eu sempre acho que o melhor é a gente ir diretamente à fonte principal — disse ela por fim. — John Reed é uma ótima pessoa... ele é o nosso chefe de polícia em Wychwood... um homem muito cortês e agradável, mas o senhor sabe, eu não sinto que ele seja exatamente a pessoa indicada para lidar com uma coisa séria. Está muito acostumado a lidar com pessoas que beberam demais, que excederam os limites de velocidade, ou que desrespeitaram os sinais de tráfego; com pessoas que não tiraram licenças para os seus cachorros e talvez até com roubos. Mas acho... aliás, tenho certeza... que não é a pessoa indicada para lidar com assassinatos.

Luke ergueu as sobrancelhas:

— Assassinatos?

A velhinha sacudiu vigorosamente a cabeça.

— Isso mesmo! Assassinatos! O senhor está surpreso, posso notar. Eu também fiquei, a princípio. Francamente, não podia acreditar. Pensei que estava imaginando coisas.

— E tem certeza de que não está? — perguntou Luke maneirosamente.

— Oh, não! — ela sacudiu a cabeça com veemência. — Eu poderia estar na primeira vez, mas não na segunda, na terceira, ou na quarta. Depois disso, tem-se certeza.

Luke perguntou:

— A senhora quer dizer que houve... hum... vários assassinatos?

A vozinha suave respondeu:

— Receio que uma boa porção deles... É por isso que achei que seria melhor ir diretamente a Scotland Yard e conta tudo a eles. O senhor não acha que é a melhor coisa a fazer?

Luke olhou insinuantemente para ela e respondeu:

— Bem, sem dúvida. Eu acho que a senhora tem absoluta razão. E pensou consigo mesmo: “Eles saberão como lidar com ela. Provavelmente são procurados por uma dúzia de velhinhas todas as semanas, que vêm denunciar uma porção de assassinatos cometidos em seus suburbiozinhos agradáveis e sossegados. É capaz que haja até um departamento especializado

em lidar com as queridas velhinhas.

Foi afastado de seus pensamentos pela vozinha delicada que continuava:

— Sabe, eu me lembro de ter lido uma vez... acho que foi no caso Abercombrie. Ele conseguiu envenenar uma porção de pessoas antes de levantar qualquer suspeita... O que é mesmo que eu estava dizendo? Ah, sim! Alguém disse que ele olhava de um jeito especial... de um jeito todo especial para alguém, e então, logo depois, aquela pessoa adoecia. Eu não acreditei muito nisso quando li mas é verdade.

— O que é que é verdade?

— Este jeito especial de olhar.

Luke encarou-a. Ela estava ligeiramente trêmula e as maçãs do seu rosto, levemente rosadas, tinham perdido um pouco da cor.

— Eu vi acontecer a primeira vez com Amy Gibbs... e ela morreu. Depois, foi Carter. E Tommy Pierce. Mas agora, ontem, foi com o Dr. Humbleby... e ele é um homem tão bom, um homem realmente bom. Carter, para dizer a verdade, bebia, e Tommy Pierce era um garoto horrivelmente insolente e atrevido que vivia perseguindo os meninos menores, torcendo-lhes os braços, beliscando-os. Não senti muito por eles mas com o Dr. Humbleby é diferente. Ele tem que ser salvo. E o que é mais terrível é que se eu fosse contar-lhe diretamente ele não me acreditaria! A única coisa que faria seria rir! E John Reed, tão pouco acreditariam mim! Mas a Scotland Yard será diferente. Porque, naturalmente, eles lá estão acostumados com crimes.

Ela olhou pela janela.

— Oh! Chegaremos num minuto — alvoroçou-se um pouco abrindo e fechando a bolsa, recolhendo o guarda-chuva. — Foi um alívio conversar com o senhor. Muito gentil da sua parte, sem dúvida. Fico muito feliz em saber que o senhor acha que eu estou agindo acertadamente.

Luke disse com delicadeza:

— Estou certo de que na Scotland Yard eles saberão o que fazer.

— Estou sinceramente agradecida — remexeu em sua bolsa. — Meu cartão... oh, meu Deus!, eu só tenho um. E preciso dele para dar a Scotland Yard

— Não há dúvida! Não há Dúvida!

— Mas o meu nome é Fullerton.

— Sra. Fullerton — disse Luke sorrindo, — meu nome é Fitzwilliam.

Quando o trem entrava na estação, perguntou-lhe:

— Quer que lhe arranje um táxi?

— Oh, não! — a Sra Fullerton pareceu muito chocada com a idéia. — Tomarei o metrô. Ele me deixará em Trafalgar Square e, de lá, caminharei até Whitehall.

— Bem, boa sorte — disse Luke.

A Sra. Fullerton apertou-lhe a mão calorosamente.

— O senhor foi tão amável — disse outra vez. — Sabe, a

princípio eu pensei que não acreditasse em mim.

Luke quase perdeu o jeito.

— Bem — disse. — Tantos assassinatos! Parece meio difícil cometer tantos assassinatos e escapar impune, não?

A Sra. Fullerton sacudiu a cabeça e afirmou categórica:

— Não, não, meu caro rapaz, é aí que o senhor se engana. É muito fácil matar, desde que não se suspeite da gente. E o senhor sabe, a pessoa em questão é exatamente a última pessoa de quem se poderia suspeitar.

— Bem, de qualquer maneira, boa sorte! — disse Luke.

A Sra. Fullerton foi engolida pela multidão. Quanto a ele, partiu à procura de sua bagagem, pensando: “Um tantinho maluca? Não, acho que não. Uma imaginação muito viva, isso sim. Espero que eles a desiludam com jeito. Uma velhinha tão simpática!”

Capítulo 2

Jimmy Lorrimer era um dos mais velhos amigos de Luke. Aliás foi com ele que Luke ficou quando chegou a Londres. E foi com ele que saiu na noite de sua chegada à procura de diversão. Foi o café de Jimmy que tomou na manhã seguinte com a cabeça doendo. E agora, fora Jimmy que ficara sem resposta enquanto ele lia pela segunda vez um pequeno e insignificante parágrafo no jornal da manhã.

— Sinto muito, Jimmy — disse, voltando a si num sobressalto.

— Em que estava você tão absorvido? Na situação política?

Luke sorriu.

— Não tenha esse medo. Não, é... é um pouco esquisito. Uma velhinha que viajou comigo no trem, foi atropelada...

— Provavelmente confiou no sinal de cruzamento — disse Jimmy. — Como é que você sabe que é ela?

— Naturalmente pode ser que não seja. Mas o nome é o mesmo... Fullerton. Foi atropelada e morta por um carro quando cruzava Whitehall. O carro não parou.

— Quem quer que estivesse guiando aquele carro vai pagar por isso. Instaura-se um processo de homicídio culposo ou involuntário. Fique sabendo que eu morro de medo de guiar hoje em dia.

— Qual é o carro que você tem agora?

— Um Ford. E sabe...

A conversa tornou-se puramente técnica.

***

Foi mais de uma semana depois que Luke, correndo os olhos descuidadamente pelas páginas do Times, exclamou sobressaltado.

— Ora, com os diabos!

Jimmy Lorrimer olhou para ele.

— O que foi?

Luke ergueu a cabeça e olhou para o seu amigo. Sua expressão era tão estranha que Jimmy se espantou.

— Que aconteceu, Luke? Você parece que viu um fantasma!

Por instantes, o outro não respondeu. Deixou cair o jornal, afastou-se até a janela e tornou a voltar. Jimmy observava-o com espanto crescente. Luke deixou-se cair numa poltrona e inclinou-se para frente.

— Jimmy, meu velho, lembra-se de eu ter mencionado uma velhinha que viajou comigo até aqui, quando cheguei a Londres?

— A que você disse que o fazia lembrar-se de sua tia Mildred? E que depois foi atropelada por um carro?

— Esta mesma. Escute Jimmy. Ela veio com uma lenga-lenga de que ia a Scotland Yard denunciar uns crimes. Em resumo, havia um assassino à solta no lugarejo onde ela morava, que

estava levando a cabo uma série bastante rápida de execuções.

— Você não me contou que ela era maluca — disse Jimmy.

— Não achei que ela estivesse fora de seu juízo. Foi bastante circunstancial; mencionou nominalmente uma ou duas vítimas e depois explicou que o que realmente a aturdia era o fato de saber qual seria a próxima vítima.

— Sim? — perguntou Jimmy animando-o a prosseguir.

— A questão é que o nome do homem era Humbleby... Dr. Humbleby. A minha velhinha disse que o Dr. Humbleby seria a próxima vítima e ela estava aflita, porque ele era um homem tão bom!

— E daí?

— E daí, olhe isso — Luke passou-lhe o jornal, marcando com o dedo uma notícia na coluna necrológica. — "Humbleby. A 12 de junho, faleceu subitamente na sua residência em Sandgate, Wychwood Under Ashe, o Dr. Johned Ward Humbleby. Deixa viúva a Sra. Jessie Rose Humbleby. O enterro sairá sexta-feira. Pede-se não sejam enviadas flores." Vê Jimmy? Este é o nome e o lugar, e ele é um médico. Que você conclui disso?

Jimmy levou uns segundos para responder. Sua voz era grave, quando finalmente falou sem muita convicção:

— Acho que tudo não passa de uma estranha coincidência.

Luke voltou-se para ele bruscamente.

— Suponha que cada palavra que aquela velhinha tagarela falou seja verdade! Suponha que aquela fantástica história seja exatamente a verdade!

— Ora vamos, meu caro! Esta é um pouco forte! Coisas como essa não acontecem!

— Como é que você sabe? Elas podem acontecer com muito mais freqüência do que você imagina!

— Agora fala o policial! Não pode esquecer que é um agente policial agora que se aposentou?

— Uma vez policial, sempre policial, acho eu — disse Luke. — Agora, olhe Jimmy. O caso é este: contaram-me uma história, uma história pouco provável, mas não impossível. Uma evidencia indiscutível, a morte do Dr. Humbleby, corrobora esta história. E há um outro fato significativo. A Sra. Fullerton estava indo, com a sua história pouco provável, a Scotland Yard. Mas não chegou até lá. Foi atropelada e morta por um carro que não parou.

Jimmy contestou:

— Você não sabe se ela chegou até lá. Ela pode ter sido morta depois de ter saído de lá e não antes.

— Pode ser que ela tenha estado lá mas eu acho que não.

— Isso é pura suposição. E se baseia nisso: você acredita nesse melodrama.

Luke sacudiu a cabeça com vivacidade.

— Não, eu não diria isso. Tudo o que acho é que aí está um caso a ser investigado.

— Em outras palavras, você vai a Scotland Yard?

— Não, não chego a este ponto... ainda não. Como você mesmo disse, a morte desse homem, Humbleby, pode ser pura

coincidência.

— Então, posso perguntar qual é a sua idéia?

— Minha idéia é ir até esse lugar e dar uma olhada no caso

— Então é essa a idéia, não é?

— Você não concorda que esta é a melhor maneira de começar a agir?

Jimmy encarou-o, e em seguida, disse:

— Você está levando este caso a sério, Luke?

— Completamente.

— Suponha que tudo não passe de uma fantasia?

— Isso seria o melhor que poderia acontecer.

— Sim, é lógico — concordou Jimmy. — Mas você não está achando que seja, não é?

— Meu caro, não tenho uma opinião formada.

Jimmy refletiu em silencio. Em seguida perguntou:

— Tem algum plano? Você tem que arranjar um motivo para chegar de repente a esse lugar.

— Sim, acho que sim.

— Num caso desses não se pode achar apenas. Você tem idéia do que é uma cidadezinha inglesa? Qualquer forasteiro fica na maior das evidencias!

— Tenho que me disfarçar? — riu Luke. — O que é que você sugere? Um pintor? Difícil. Não sei nem desenhar, quanto mais

pintar.

Jimmy disse:

— Espere um pouco. Passe-me esse jornal outra vez — deu uma rápida olhada e anunciou triunfante: — Eu sabia! Luke, meu velho, em poucas palavras, já resolvi o seu problema! Fácil como um piscar de olhos!

Luke voltou-se.

— O quê?

Jimmy prosseguiu com fingida modéstia:

— Bem que o nome estava parecendo familiar! Wychwood Under Ashe. É lógico! É esse mesmo o lugar!

— Será que você por acaso tem algum amigo que conheça o Chefe de Polícia de lá?

— Desta vez não é isso. Mas é muito melhor, rapaz! Como você sabe a vida me presenteou regiamente com tias e primas; meu pai pertencia a uma família de treze irmãos. Agora, ouça isso: eu tenho um parente em Wychwood Under Ashe.

— Jimmy, você caiu do céu!

— Em boa hora, não é? — disse Jimmy modestamente.

— Fale-me sobre ele.

— Ele não, ela. É uma prima. Seu nome é Bridget Conway. Há dois anos é secretária de Lord Easterfield.

— O homem que é dono daqueles semanariozinhos asquerosos?

— Esse mesmo. E ele é um tantinho asqueroso também. Pretensioso. Nasceu em Wychwood Under Ashe e é daquele tipo esnobe que fica impingindo a todo mundo a história da sua origem e que se orgulha de se ter feito sozinho. Voltou à cidade natal, comprou a única mansão que havia nas vizinhanças — que por sinal pertencia antes aa família de Bridget — e se ocupa em transformar o lugar em uma propriedade modelo.

— E sua prima é a secretária dele?

— Era — respondeu Jimmy meio brusco. — Agora ela subiu de posto! Ficou noiva dele.

— Oh! — disse Luke meio desconcertado.

— Naturalmente, ele é um bom partido — continuou Jimmy. — Nada em dinheiro. Bridget andou levando uns contras de um camarada. Isso acabou com o que havia de romance nela. É bem capaz de dar certo. Provavelmente será bondosa e autoritária com ele, e ele será um cordeirinho em suas mãos.

— E aonde é que eu entro nisso?

Jimmy respondeu rápido:

— Você vai lá para passar uns tempos. É melhor que você seja um outro primo, Bridget tem tantos, que um a mais, um a menos, não vai fazer diferença. Eu me entendo nesse ponto com ela! Nós sempre fomos bons amigos. Agora, o motivo de sua ida... feitiçaria, meu caro.

— Feitiçaria?!

— Folclore, supertições locais... tudo o que se relaciona com isso. Wychwood Under Ashe tem uma reputação razoável nesse

sentido. Um dos últimos lugares em que se faziam assembléias de bruxas. No século passado ainda se queimavam bruxas lá. Tem toda espécie de tradições. Você está escrevendo um livro, entendeu? Sobre o folclore inglês.... suas características, etc. Você sabe, todo aquele negócio! Fique andando de lá para cá, com um livro de notas na mão e interrogue os habitantes mais antigos sobre os costumes e as supertições locais. Eles estão acostumados com essas coisas e, se você vai ficar lá, isso mostra que entende do assunto.

— E Lord Easterfield?

— Não há problemas com ele. Não tem cultura nenhuma e é completamente crédulo. Para falar a verdade, acredita até no que lê nos seus próprios jornaizinhos. De qualquer modo, Bridget cuida dele. Ela é ótima. Respondo por ela.

Luke suspirou profundamente.

— Jimmy, meu velho, parece que vai ser fácil. Você é formidável! Se puder realmente ajustar as coisas entre mim e sua prima...

— Quanto a isso, não há dúvida; deixe por minha conta.

— Não tenho como agradecer.

— Tudo o que peço — disse Jimmy — é que, se você vai caçar um assassino, me convide para o fim. O que aconteceu? — perguntou rápido.

Luke respondeu devagar.

— Lembrei de uma coisa que minha velhinha me disse. Eu tinha dito a ela que achava meio difícil assassinar impunemente

tantas pessoas assim, e ela me respondeu que eu estava errado... que é muito fácil matar.

Luke parou e depois prosseguiu lentamente:

— Será que é verdade, Jimmy? Será que é...

— O quê?

— ... fácil matar?

Capítulo 3

O Sol de junho brilhava quando Luke desceu a colina em direção à cidadezinha de Wychwood Under Ashe. Localizada junto ao sopé da serra de Ashe, formada principalmente de uma extensa rua, tinha, sob a luz do sol, um ar inocente e pacifico. Parecia singularmente distante, estranhamente impassível. Luke pensou: “Provavelmente eu estou louco. Essa história toda é fantástica!”

Conduziu o carro sem pressa pela estrada sinuosa e entrou na cidade. Wychwood, como já foi dito, era formada de uma única rua principal. Havia lojas comerciais, pequenas casas de estilo georgiano, pretensiosas e aristocráticas, de degraus imaculados e aldravas polidas. Havia pitorescos chalés de jardins floridos. Havia uma hospedaria: Bells and Motley, um pouco recuada da rua. Havia um jardim público e um lago com cisnes. E, dominando tudo, uma majestosa casa georgiana que Luke imaginou, de início, ser seu destino — Ashe Manor. Porem, ao aproximar-se, verificou que havia uma grande placa informando ser o Museu e Biblioteca. Mais adiante, havia um anacronismo: uma grande construção moderna, sóbria e descabida, em confronto com o ar alegre e casual do resto do lugar. Luke deduziu ser um Clube ou Instituto local. Parou e indagou sobre a direção que deveria tomar.

Foi informado de que Ashe Manor ficava cerca de oitocentos metros mais adiante; veria os portões à direita. Luke continuou seu caminho. Encontrou os portões facilmente — eram novos e de elaborado ferro forjado. Entrou com o carro e teve uma rápida visão de tijolos vermelhos por entre as árvores. Fez uma curva do

caminho e deparou estupefato com um apavorante e incrível maciço com aparência de castelo.

Enquanto contemplava aquele pesadelo, o sol se pôs. Uma súbita e cortante rajada de vento arrancou as folhas das arvores e, nesse momento, uma jovem surgiu por detrás de um dos lados daquela mansão-castelo. O vento desmanchou os seus cabelos pretos e Luke lembrou-se de um quadro que vira certa vez — A Feiticeira de Nevinson. A face alongada, pálida e delicada, o cabelo negro esvoaçando em direção ao céu. Podia imaginar essa moça voando numa vassoura até a lua. Ela encaminhou-se diretamente a ele.

— Você deve ser Luke Fitzwilliam. Eu sou Bridget Conway.

Luke apertou a mão que lhe era estendida. Podia vê-la agora, como realmente era — não mais num súbito momento de fantasia. Alta, delgada, um rosto longo de feições delicadas, as maçãs do rosto ligeiramente encovadas, sobrancelhas negras e irônicas, cabelos e olhos pretos. Assemelhava-se a uma delicada gravura, pensou Luke, linda e enternecedora.

— Como vai? — disse ele. — Devo pedir-lhe desculpas por me intrometer desta maneira, mas Jimmy disse que tinha certeza de que você não se importaria.

— Oh, nós não nos importamos! Estamos encantados! — sorriu, um sorriso rasgado que levou o canto dos lábios até o meio das faces. — Jimmy e eu sempre estamos de acordo e, se você está escrevendo um livro sobre folclore, este é o lugar ideal. Temos uma verdadeira coleção de lendas e locais pitorescos.

— Magnífico! — exclamou Luke.

Caminharam juntos em direção a casa. Furtivamente, Luke olhou-a mais uma vez. Distinguia, agora, traços de uma soberba habitação estilo Rainha Anne, abafada e esmagada pela ostensiva magnificência. Lembrou-se de que Jimmy mencionara o fato da casa ter pertencido originalmente à família de Bridget. Isso, pensou ele mal-humorado, fora nos belos tempos. Já dentro de casa, Bridget Conway conduziu-o a uma sala cheia de estantes de livros e confortáveis poltronas, onde duas pessoas estavam sentadas a uma mesa de chá, junto à janela.

— Gordon, este é Luke, um primo afastado meu.

Lord Easterfield era um homem pequeno, meio calvo. Tinha um rosto redondo e infantil, a boca amuada e olhinhos de contas. Estava vestido à vontade, com roupas campestres, que não favoreciam seu talhe de estomago avantajado. A colheu Luke com afabilidade.

— Prazer em vê-lo, muito prazer. Soube que acabou de voltar do Leste. Lugar interessante. Está escrevendo um livro, é o que me disse Bridget. Dizem que se escrevem livros demais hoje em dia. E eu digo: Não! Há sempre lugar para um bom livro.

Bridget disse:

— Minha tia, Sra. Anstruther.

Luke apertou a mão de uma mulher de meia-idade, com um sorriso um tanto tolo.

A Sra. Anstruther, como logo Luke ficou sabendo, devotava-se de corpo e alma à jardinagem. Depois das apresentações, ela prosseguiu:

— Acho que aquela nova espécie de rosas se adaptaria

perfeitamente a este clima — e continuou imersa em catálogos.

Deixando cair em uma poltrona sua figura atarracada, Lord Easterfield passou a sorver seu chá, estudando Luke apreciativamente.

— Então você escreve livros! — murmurou.

Sentindo-se ligeiramente nervoso, Luke preparava-se para entrar em explicações, quando percebeu que Lord Easterfield não estava realmente interessado em obter informações.

— Penso freqüentemente em escrever, eu também, um livro — continuou o Lord complacente. — O problema é que eu não tenho tempo. Sou um homem muito ocupado.

— Sem dúvida. Deve ser mesmo.

— Você nem acreditaria se eu lhe dissesse que responsabilidades eu tenho — continuou Lord Easterfield. — Interesso-me pessoalmente por todas as minhas publicações, uma a uma. Levo em consideração o fato de ser eu o responsável pela formação da mentalidade do povo. A semana que vem, milhões de pessoas estarão pensando e sentindo exatamente o que eu pretendi faze-los pensar e sentir. Este é um pensamento profundo. Isto significa responsabilidade. Não a temo. Sei como enfrentar as responsabilidades.

Lord Easterfield estufou o peito, tentou encolher a barriga e lançou a Luke um olhar penetrante e magnânimo.

Bridget Conway disse sutilmente:

— Você é um grande homem, Gordon. Tome mais um pouco de chá.

Lord Easterfield respondeu com toda a simplicidade:

— Eu sou um grande homem. Não, eu não quero mais chá — a seguir, dignando-se a descer das alturas até o nível dos simples mortais, perguntou gentilmente a seu hospede: — Conhece alguém nesta região?

Luke sacudiu a cabeça. E então, num impulso, sentindo que quanto mais cedo chegasse aonde pretendia, tanto melhor, acrescentou:

— Há uma pessoa aqui que eu prometi visitar... um amigo de amigos meus. Um homem chamado Humbleby. É um médico.

— Oh! — Lord Easterfield endireitou-se em sua cadeira. — Dr. Humbleby? Que pena!

— O que é pena?

— Morreu há cerca de uma semana — respondeu Lord Easterfield.

— Oh! Meu Deus! — disse Luke. — Eu sinto muito!

— Não creio que você o teria apreciado — disse Lord Easterfield. — Teimoso, aborrecido, trapalhão, um velho tolo.

— O que significa que ele discordava de Gordon — acrescentou Bridget.

— Uma questão sobre o nosso fornecimento de água — disse Lord Easterfield. — Posso assegurar-lhe, Fitzwilliam, que sou um homem que zela pelo bem-estar público. Desejo do fundo do coração o bem-estar desta cidade. Nasci aqui. Sim, eu nasci aqui nesta cidade!

Exaustivos detalhes da carreira de Lord Easterfield foram exibidos em concessão a Luke. E o Lord rematou triunfalmente:

— Sabe o que se ergue hoje onde era a loja de meu pai? Um belo edifício construído e doado por mim — o Clube Masculino — todo de primeira ordem e moderníssimo. Contratei o melhor arquiteto do país. Tenho que confessar que ele construiu uma obra simples, sem enfeites. Para mim, parece mais um asilo, ou prisão, mas eles dizem que é muito bom, então suponho que seja.

— Console-se — disse Bridget. — Você arrumou esta casa a seu gosto.

Lord Easterfield deu um risinho de satisfação.

— Pois é. Eles tentaram impor-se a mim aqui! Quando um arquiteto se recusava a fazer o que eu queria, eu o punha para fora e arranjava outro. O último camarada entendeu as minhas idéias perfeitamente.

— Ele embarcou nos vôos malucos da sua imaginação — disse Bridget.

— Ele queria que o lugar ficasse como estava — disse Lord Easterfield, dando-lhe umas palmadinhas no braço. — Não adianta viver no passado, minha cara. Eu sempre sonhei com um castelo, e agora tenho um!

— Bem — falou Luke sem saber direito o que dizer, — é uma grande coisa saber-se o que se quer.

— E além de saber o que quero, geralmente o consigo — disse Lord Easterfield dando uma de suas risadinhas.

— Você quase não conseguiu o que queria no projeto de

fornecimento de água — lembrou-lhe Bridget.

— Oh, aquilo! — disse Lord Easterfield. — Humbleby foi um idiota. Esses velhos, em geral, são cabeçudos. Não querem ouvir a voz da razão.

— Dr. Humbleby devia ser o tipo do homem que não tem papas na língua, não é? — arriscou Luke. — Imagino que deve ter feito muitos inimigos por causa disso.

— Não, não. Eu acho que não diria isso — objetou Lord Easterfield. — Hei Bridget?

— Eu sempre o achei muito popular com todo o mundo — disse Bridget. — Só o encontrei uma vez, quando ele veio ver-me aquela ocasião por causa do meu calcanhar, mas simpatizei muito com ele.

— Sim, de maneira geral, ele era bastante popular — admitiu Lord Easterfield. — Apesar de eu saber de uma ou duas pessoas que não iam lá muito com ele. Num lugar como este, há sempre rodinhas e briguinhas.

— Sim, suponho que sim — disse Luke. Hesitou sem muita certeza do próximo passo a seguir. — Que tipo de pessoas vive aqui? — perguntou.

Foi uma pergunta meio vaga mas que recebeu uma resposta imediata.

— Sobras, em sua maioria — disse Bridget. — Filhas, irmãs e esposas de pastores. E filhas, irmãs e esposas de médicos. Cerca de seis mulheres para cada homem.

— Mas há alguns homens? — arriscou Luke.

— Oh, sim, há o Sr. Abbot, o advogado, o jovem Dr. Thomas, assistente do Dr. Humbleby, e o Sr. Wake, o pároco, e... quem mais há Gordon? Oh! O Sr. Ellsworthy, dono da loja de antiguidades e o Major Horton e seus buldogues.

— Há mais alguém que eu me lembro de terem meus amigos mencionados — disse Luke. — Falaram-me de uma velhinha simpática, bastante tagarela. Qual era mesmo o seu nome? Já sei: Fullerton.

Lord Easterfield resmungou:

— Francamente, o senhor não tem sorte! Ela também morreu. Foi atropelada outro dia em Londres. Morte instantânea.

— Parece que vocês têm muitas mortes por aqui — comentou Luke sutil.

Lord Easterfield protestou imediatamente:

— De maneira nenhuma. Um dos lugares mais saudáveis da Inglaterra. Não se podem levar em conta os acidentes. Eles podem acontecer a qualquer um.

Porem Bridget disse pensativamente:

— Pensando bem, Gordon, houve uma série de mortes este ano. A toda hora está havendo enterros.

— Tolice, minha cara.

— A morte do Dr. Humbleby foi acidental?

Lord Easterfield sacudiu a cabeça.

— Oh, não! — respondeu. — Humbleby morreu de uma septicemia. É mesmo de médico. Arranhou o dedo num prego

enferrujado ou algo parecido, não ligou, houve uma infecção. Morreu em três dias.

— Os médicos são assim mesmo — disse Bridget. — E naturalmente eles não tomam cuidado; ficam muito sujeitos às infecções, suponho. Mas foi bastante triste. Sua esposa ficou inconsolável.

— Não adianta revoltar-se contra os desígnios da Providencia — sentenciou Lord Easterfield.

“Mas seriam mesmo os desígnios da Providencia?!” Luke perguntava a si mesmo enquanto se trocava para o jantar. “Septicemia? Talvez! Entretanto uma morte muito súbita.” E, pelo seu pensamento passavam as palavras casuais de Bridget: “Houve uma série de mortes este ano...”

Capítulo 4

Luke imaginara o seu plano de ação com cuidado e preparou-se para leva-lo a cabo sem mais delongas, quando desceu para o café da manhã, no dia seguinte. A tia jardineira não estava à vista mas Lord Easterfield comia rins e tomava café; Bridget já havia terminado sua refeição e olhava pela janela. Depois da troca de "bons dias" e de Luke ter-se sentado diante de um prato de ovos e bacon bastante generoso, ele começou:

— Preciso começar a trabalhar — disse. — Uma coisa difícil é induzir as pessoas a falar. Sei o que digo; não pessoas como você e... Bridget. — Lembrou-se em tempo de não dizer Srta. Conway. — Vocês me diriam tudo o que sabem mas o problema é que não saberiam as coisas que eu quero, isto é, as superstições locais. Vocês nem acreditam o colosso de superstições que ainda persistem em lugares mais afastados. Vejam, há um lugarejo em Devonshire. O pároco teve que mandar remover uns antigos menires de granito, que havia ao lado da igreja, porque as pessoas insistiam em fazer uma procissão à sua volta, cada vez que havia uma morte. É extraordinário como esses ritos pagãos persistem.

As palavras seguintes eram quase textuais de um trabalho que Luke lera para a ocasião:

— As mortes são o assunto que mais pode ser explorado — continuou. — Os ritos e costumes de funerais sempre sobrevivem mais tempo que os outros. Além do mais, por uma ou outra razão, as pessoas de lugarejos sempre gostam de falar sobre mortes.

— Elas apreciam os funerais — disse Bridget da janela.

— Acho que vou fazer disso o meu ponto de partida —

prosseguiu Luke. — Se conseguir na paróquia uma lista dos óbitos recentes, seguir a pista dos parentes e estabelecer contatos com eles, não tenho duvida de que logo conseguirei o que quero. De quem devo tentar os dados... do pároco?

— O Sr. Wake provavelmente se mostraria muito interessado — disse Bridget. — É muito simpático e um estudioso de coisas antidas. Espero que ele lhe possa fornecer um bom material.

Luke teve um momento de apreensão durante o qual desejou que o pároco não fosse um estudioso tão eficiente que o pudesse desmascarar. Em voz alta, disse com entusiasmo:

— Ótimo. Acho que vocês não se lembram de quem morreu neste último ano, não?

Bridget respondeu:

— Deixe-me ver. Carter, que era dono do Seven Stars, aquele bar asqueroso perto do rio.

— Um beberrão desordeiro — interrompeu Lord Easterfield. — Um desses socialistas grosseiros e insolentes. Até que ele foi tarde.

— E a Sra. Rose, a lavadeira — continuou Bridget. — E o pequeno Tommy Pierce, um garoto irritante. Ah! E também a jovem Amy.

Sua voz mudou ligeiramente quando pronunciou o último nome.

— Amy? – perguntou Luke.

— Amy Gibbs. Ela era nossa criada e depois foi para a Sra. Waynflete. Houve um inquérito sobre o caso.

— Por quê?

— A tola trocou uns vidros no escuro — disse Lord Easterfield. — Pensou que fosse xarope e tomou tinta de chapéu.

— Que tragédia! — exclamou Luke.

— Pensaram que talvez tivesse feito de propósito. Tinha tido uma encrenca com um rapaz.

Bridget falava devagar, quase relutante. Fez-se uma pausa. Luke sentiu instintivamente o ambiente pesado. Alguma coisa não fora dita mas a idéia estava presente. Pensou: "Amy Gibbs? Sim, este fora um dos nomes mencionados pela Sra. Fullerton. Ela havia mencionado também um menino: Tommy qualquer coisa, de quem evidentemente tinha má opinião, que era segundo parecia, compartilhada por Bridget. E, ele tinha quase certeza, também tinha falado no nome de Carter."

Levantando-se, disse casualmente:

— Falar sobre este assunto faz-me sentir meio mórbido, como se estivesse remexendo em sepulturas. Cerimônias de casamento também têm ritos interessantes, porém este é um assunto mais difícil de introduzir naturalmente em uma conversação.

— Pensei que fosse a mesma coisa — disse Bridget com um débil sorriso.

— Macumbas e maus olhados, este é um outro assunto interessante — continuou Luke com um entusiasmo fingido. — A gente encontra isso com freqüência nessas regiões do velho mundo. Sabem de algum mexerico dessa espécie por aqui?

Lord Easterfield sacudiu a cabeça vagarosamente.

— Coisas deste gênero dificilmente chegariam até nossos ouvidos — disse Bridget.

Luke, que chegara aonde queria, mal deixou que ela terminasse de falar:

— Sem duvida alguma, eu tenho que entrar em contato com as camadas sociais mais baixas para conseguir o que quero. Primeiro, vou dar um pulo até a paróquia, para ver o que consigo lá. Depois talvez uma visita ao... Seven Stars, não foi o que você disse? E que tal o garoto de hábitos desagradáveis? Ele deixou algum parente que o lamente?

— A Sra. Pierce tem uma banca de jornais na Rua High.

— Isto é bastante providencial — disse Luke. — Bem, eu já vou.

Com um movimento rápido e gracioso, Bridget deixou a janela.

— Acho que vou com você, se não se incomodar — disse ela.

— Claro que não — Luke tentou parecer o mais sincero possível, mas pensou consigo mesmo se ela não teria notado que, por um momento, se sentira desconcertado. Seria mais fácil para ele manejar um velho clérigo antiquário sem uma inteligência perspicaz e vigilante ao seu lado. “Ora, pois bem” disse a si mesmo, “cabe a mim, convence-los da minha história”.

— Luke, quer esperar um pouquinho enquanto troco de sapatos? — disse Bridget.

Seu nome de batismo, Luke, pronunciado com tanta

facilidade, deu-lhe uma estranha sensação de calor. E, no entanto, de outra maneira poderia ela tê-lo chamado? Uma prima, dificilmente poderia chamá-lo de Sr. Fitzwilliam. Foi tomado por um súbito pensamento, que o deixou inquieto: “O que será que ela pensa de tudo isso? O que será?”

Ele a havia imaginado — se é que tentara imaginar alguma coisa — como uma secretariazinha, loura, suficientemente esperta para conquistar um homem rico e caprichoso. Em vez disso encontrara uma jovem inteligente, persuasiva, com um raciocínio frio e lógico; e não tinha a menor idéia do que ela pensava sobre ele. “Não é uma pessoa fácil de enganar” pensou.

— Estou pronta.

Ela havia voltado para junto dele tão silenciosamente, que ele nem percebera sua aproximação. Não usava chapéu, ou lenço, nos cabelos. Quando saíram daquele castelo monstruoso, o vento forte fustigou seus longos cabelos pretos, fazendo-os dançar loucamente ao redor do rosto. Olhando para as ameias atrás deles. Luke disse irritado:

— Que coisa abominável! Não há ninguém que possa faze-lo parar com isso?

— Seu lar é seu castelo — citou Bridget. — Gordon levou isso ao pé da letra. Ele o adora.

Consciente de que sua observação era de mau gosto, mas incapaz de controlar-se, Luke disse:

— É o seu antigo lar, não é? E você? Adora vê-lo do jeito que está agora?

Ela olhou para ele — era um olhar firme, levemente irônico.

— Odeio destruir a imagem dramática que você construiu. Mas na realidade, eu saí daqui quando tinha dois anos e meio, portanto, não se aplica nesse caso, a idéia do “velho lar”. Não consigo nem mesmo lembrar-me deste lugar.

— Você tem razão. Desculpe ter sido tão teatral.

Ela riu:

— A realidade raramente é romântica.

Havia um travo de amargura em sua voz, que o chocou. Seu rosto bronzeado tornou-se violentamente vermelho, mas de súbito compreendeu que ela não tivera intenção de feri-lo. O desdém e a amargura, existentes em suas palavras, eram dirigidas a ela mesma. Luke achou que o mais sensato seria conservar-se em silencio. Bridget Conway deixava-o bastante intrigado.

Cinco minutos foram suficientes para chegarem à igreja e à paróquia que ficava ao lado. Encontraram o pároco em seu estúdio. Alfred Wake era um homem pequeno, curvado, com olhos azuis muito meigos, um ar absorto, porem cortes. Pareceu satisfeito com a visita, embora um pouco surpreso.

— O Sr. Fitzwilliam é nosso hospede em Ashe Manor e deseja consulta-lo sobre um livro que está escrevendo — explicou Bridget.

Wake pousou os olhos meigos e inquisidores em Luke, que mergulhou imediatamente em suas explicações. Ele se sentia duplamente nervoso. Primeiro, porque aquele homem deveria possuir, sem duvida alguma, um conhecimento sobre folclore e superstições muito mais profundo do que o que alguém poderia adquirir através de um simples amontoado de informações

obtidas apressadamente numa coleção de livros escolhidos a esmo. Segundo, porque Bridget estava a seu lado, escutando.

Luke sentiu-se aliviado, quando descobriu que o interesse do Sr. Wake concentrava-se nas relíquias romanas. O pároco confessou francamente que pouco sabia sobre folclore medieval ou sobre feitiçaria. Mencionou a existência de certos itens da história de Wychwood, ofereceu-se para levar Luke a um determinado local da colina onde, segundo diziam, eram feitas as concentrações das feiticeiras. Mas desculpou-se por não poder dar nenhuma informação mais detalhada.

Luke, sentindo-se na verdade bastante aliviado, fingiu um certo desaponto e passou para uma série de perguntas sobre as superstições referentes a mortes.

Wake sacudiu a cabeça delicadamente:

— Acho que eu seria a última pessoa a ter conhecimento disso. Meus paroquianos teriam o cuidado de não deixar chegar a mim qualquer coisa menos ortodoxa.

— Sem dúvida. O senhor tem razão.

— Mas assim mesmo, não tenho dúvida de que no fundo eles acreditem em muitas superstições. Essas pequenas comunidades são muito atrasadas.

— Eu pedi a Srta. Conway uma lista de todos os recentes óbitos de que ela se lembrava — disse Luke. — Pensei que, por esse meio, talvez conseguisse chegar a alguma coisa. Se o senhor pudesse fornecer-me uma lista, eu escolheria os mais prováveis informantes.

— Sim, isso pode ser arranjado. Giles, nosso sacristão, uma

boa pessoa, apesar de surdo, pode ajuda-lo. Deixe-me ver. Depois de um rigoroso inverno e de uma primavera traiçoeira, houve uma porção... uma boa porção de acidentes. Parece que houve realmente um período de azar.

— Algumas vezes um período de azar é atribuído à presença de uma determinada pessoa — disse Luke.

— Sim, sim. A velha história de Jonas. Mas não creio que tenha aparecido nenhum estranho por aqui... isto é, ninguém que merecesse destaque sob qualquer ponto de vista... e eu não ouvi nenhum rumor sobre isso mas, como eu disse antes, talvez não chegasse até mim. Agora, vejamos: bem recentemente, tivemos as mortes do Dr. Humbleby e da pobre lavínia Fullerton. O Dr. Humbleby era um excelente homem.

— O Sr. Fitzwilliam conhece alguns amigos dele — disse Bridget.

— Conhece? Muito triste. Sua falta será muito sentida. Um homem com tantos amigos.

— Mas certamente com alguns inimigos também — disse Luke. — Estou apenas repetindo o que ouvi meus amigos dizerem — continuou apressadamente.

Wake suspirou.

— Digamos antes, que era um homem que sempre falava o que sentia, e nem sempre com muito tato — sacudiu a cabeça. — Isso irrita as pessoas. Mas ele era muito amado pela classe mais pobre.

Luke disse com ar casual:

— Sabe, eu sempre achei que uma das coisas mais desagradáveis da vida, mas que se tem que admitir, é o fato de que há sempre alguém que lucra com a morte de outra pessoa... e não me refiro somente ao lucro financeiro.

O pároco concordou pensativamente:

— Compreendo o que o senhor quer dizer. Lê-se nos noticiários de óbitos que a morte de um homem é lamentada por todos mas temo que só muito raramente isso seja verdade. No caso do Dr. Humbleby, não se pode negar que seu colega, Dr. Thomas, melhorará muito de posição com a sua morte.

— Como assim?

— Acho Thomas uma pessoa muito competente... sem dúvida o Dr. Humbleby sempre soube disso... mas nunca se saiu muito bem. Acho que ele era ofuscado pelo Dr. Humbleby, que era um homem de um magnetismo marcante. Em contraste com ele. Thomas ficava meio apagado. Ele não impressionava em absoluto os seus pacientes. Acho que isso o preocupava e tornava-o pior, mais nervoso, com maior dificuldade de expressar-se. Para falar a verdade, eu já notei uma assombrosa diferença. Mais pose, mais confiança. Acho que sente uma nova força em si mesmo. Dr. Humbleby e ele nem sempre estavam de acordo. Thomas é sempre partidário de métodos mais modernos de tratamento, enquanto que Humbleby aferrava-se ao mais antigos. Houve choques entre eles, mais de uma vez, por causa disso, e por questões familiares. Mas eu não devia falar da vida alheia.

Bridget disse suave e claramente:

— Mas eu acho que o Sr. Fitzwilliam gostaria de que o senhor falasse da vida alheia.

Luke lançou-lhe um olhar rápido e perturbado.

Wake sacudiu a cabeça em dúvida, com um leve sorriso de desaprovação.

— Receio que a gente acabe aprendendo a se interessar muito pela vida dos vizinhos. Rose Humbleby é uma jovem muito bonita. Não é de admirar que o Geoffrey Thomas se apaixonasse. E, naturalmente, o ponto de vista de Humbleby também era perfeitamente compreensível... a moça é jovem e enterrada aqui, nunca teve chance de conhecer outros homens.

— Ele se opôs? — perguntou Luke.

— Drasticamente. Disse que eles eram jovens demais. E naturalmente pessoas jovens se ressentem de ouvir uma coisa destas. Mas tenho certeza de que o Dr. Thomas ficou profundamente penalizado com a morte inesperada de seu colega.

— Foi septicemia, segundo me disse Lord Easterfield.

— Sim, um pequeno arranhão que se infectou. Os médicos correm grandes riscos no exercício de sua profissão, Sr. Fitzwilliam.

— Sem dúvida que sim — concordou Luke.

Wake teve um sobressalto.

— Mas eu me afastei muito do nosso assunto — disse. — Acho que sou um velho tagarela. Nós estávamos falando sobre os ritos pagãos de morte que ainda existem, e sobre os recentes óbitos. Houve a morte de Lavínia Fullerton, uma das contribuintes mais generosas da nossa igreja. Depois foi aquela

pobre jovem Amy Gibbs. É capaz de o senhor descobrir alguma coisa que o interessa aí, Sr. Fitzwilliam. Sabe, houve suspeita de um possível suicídio, e há uns ritos misteriosos associados a esse tipo de morte. Existe uma tia, receio que não seja um tipo de pessoa muito estimada, que não era muito afeiçoada à sobrinha, mas é uma grande tagarela.

— Valiosa — disse Luke.

— Depois foi Tommy Pierce. Pertenceu ao nosso coro durante certo tempo. Um belo agudo, perfeitamente angelical, mas receio que ele não fosse nada angelical em outros sentidos. Afinal tivemos que nos livrar dele; fazia com os outros meninos também se comportassem mal. Pobre rapaz, acho que ele não era muito apreciado em lugar nenhum. Foi demitido do correio, onde lhe havíamos arranjado um emprego de mensageiro. Esteve no escritório do Dr. Abbot durante algum tempo, mas também foi logo demitido, creio que se intrometeu com alguns papéis confidenciais. Depois esteve em Ashe Manor por algum tempo como ajudante de jardineiro, não foi, Srta. Conway? E Lord Easterfield teve de despedi-lo porque foi insolente e atrevido. Senti por sua mãe, uma boa alma, que se mata de trabalhar. A Sra. Waynflete, muito bondosamente arranjou-lhe um serviço extra de lavador de vidraças. Lord Easterfield fez objeções a princípio mas depois imprevistamente deu-se por vencido. Na verdade foi uma pena que ele se deixasse convencer.

— Por quê?

— Porque foi assim que o rapaz acabou morrendo. Ele estava limpando as janelas altas da biblioteca... do edifício público, o senhor sabe... e estupidamente resolveu dançar, ou algo parecido, no peitoril da janela. Perdeu o equilíbrio, ou ficou tonto e caiu.

Um negócio desagradável! Não chegou a recobrar a consciência e morreu algumas horas depois de ter sido levado para o hospital.

— Alguém o viu cair? — perguntou Luke interessado.

— Não. Ele estava do lado do jardim, não do lado da frente da casa.

— Quem o encontrou?

— A Sra. Fullerton. O senhor se lembra, aquela senhora que eu falei há pouco e que morreu infortunadamente num acidente outro dia. Pobre alma; ela ficou terrivelmente perturbada. Uma experiência horrível. Tinha obtido permissão para colher algumas mudas de plantas, e encontrou o rapaz deitado lá, onde tinha caído.

— Deve ter sido um choque muito desagradável — disse Luke pensativamente. E consigo mesmo pensou: “Um choque maior do que o senhor pensa!”

— Ele era agressivo e insuportável — disse Bridget. — O senhor bem sabe, Sr. Wake. Sempre perseguindo gatos e animaizinhos sem dono e atormentando os meninos menores.

— Eu sei, eu sei — Wake sacudiu a cabeça tristemente. — Mas sabe, minha cara Srta. Conway, algumas vezes a maldade é menos inata do que devida à falta de amadurecimento mental. É por isso que se pode chegar a compreender que a astúcia e selvageria de um louco... um homem adulto com a mentalidade de uma criança... pode não ser percebida nem por ele próprio. Estou convencido de que a deficiência de desenvolvimento de algum setor é a causa básica de tanta crueldade, e de tanta barbaridade, do mundo de hoje. Era preciso que as pessoas se

libertassem da imaturidade... — sacudiu a cabeça num gesto de desalento

Bridget disse com voz rouca:

— Sim, o senhor tem razão. Compreendo o que quer dizer. A coisa mais perigosa deste mundo é um homem que é uma criança.

Luke gostaria muito de saber quem seria a pessoa em quem Bridget estava pensando.

Capítulo 5

Wake murmurou mais alguns nomes consigo mesmo.

— Deixe-me ver. A pobre Sra. Rose, o velho Bem e aquela criança dos Elkins. E Henry Carter. Compreenda, nem todos eles freqüentam a minha igreja. A Sra. Rose e Carter eram dissidentes. E aquela onda de frio em março acabou por levar o velho Bem Stanbury... ele estava com noventa e dois anos.

— Amy Gibbs morreu em abril — disse Bridget.

— Sim, pobre pequena. Uma tristeza se enganar daquele jeito.

Luke olhou para Bridget e descobriu que ela estava observando. Ela baixou os olhos rapidamente. Luke pensou aborrecido: "Há alguma coisa aqui que eu ainda não percebi o que é. Alguma coisa relacionada com essa jovem Amy Gibbs."

Quando já se tinham despedido do pároco e já se encontravam do lado de fora outra vez, ele perguntou:

— Exatamente quem e o que era Amy Gibbs?

Bridget demorou alguns minutos para responder. Em seguida falou, e Luke notou um leve constrangimento em sua voz.

— Amy era uma das empregadas mais ineficientes que eu já conheci.

— Foi por esse motivo que foi despedida?

— Não. Ela ia passear com um rapaz e voltava tarde demais. Gordon é um moralista antiquado. Em seu ponto de vista, o pecado não existe até as onze horas; depois disso, é desenfreado.

Ele chamou a sua atenção e ela foi atrevida.

— Essa é aquela que tomou tinta de chapéu, pensando que fosse xarope? — perguntou Luke.

— Sim.

— Que estupidez fazer uma coisa destas! — arriscou Luke.

— Muita estupidez.

— Ela era estúpida?

— Não, ela era uma moça muito esperta.

Luke olhou-a de esguelha. Estava intrigado. Suas respostas eram dadas num tom tranqüilo, sem ênfase, sem sequer muito interesse. Mas ele estava convencido de que havia alguma coisa oculta atrás de suas palavras.

Neste momento, Bridget parou para falar a um homem alto que tirou i chapéu e saudou-a calorosamente. Depois de algumas palavras, apresentou-o a Luke.

— Este é o Sr. Fitzwilliam, nosso hóspede em Manor. Veio até aqui para escrever um livro. Este é o Sr. Abbot.

Luke olhou para Abbot com um certo interesse. Era este o advogado que havia empregado Tommy Pierce. Abbot de maneira nenhuma tinha o tipo convencional do advogado; não era nem magro nem seco, nem tinha lábios apertados. Era um homem grande e vistoso, num terno de tweed, com um ar amigável, expansivo e jovial. Havia pequenas rugas ao redor de seus olhos, que eram mais astutos do que se poderia desejar para um primeiro olhar casual.

— Escrevendo um livro, hein? Romance?

— Folclore — disse Bridget.

— Veio ao lugar certo — disse o advogado. — Esta é uma parte do mundo maravilhosamente interessante.

— É a conclusão a que estou chegando — disse Luke. — Creio que o senhor me poderia dar uma boa ajuda. Devem chegar às suas mãos velhos documentos curiosos, ou talvez saiba de alguns costumes interessantes que ainda existam.

— Bem, não sei, não. Quem sabe... quem sabe!

— Nenhuma casa mal-assombrada?

— Não, não sei nada sobre isso.

— Conhece naturalmente a superstição sobre crianças — continuou Luke. — Quando um menino morre... de morte violenta, sempre reaparece como assombração. Menina não... interessante isso!

— Muito — disse o advogado. — Nunca tinha ouvido isso antes.

O que não era de estranhar, uma vez que Luke acabara de inventar.

— Parece que há um menino aqui... Tommy qualquer coisa... até esteve algum tempo em seu escritório. Tenho motivos para acreditar que acham que ele anda aparecendo.

O rosto corado do Sr. Abbot tornou-se levemente purpúreo.

— Tommy Pierce? Um bisbilhoteiro intrometido e impossível, que não prestava para nada. Quem o viu? Que história é essa?

— É difícil saber quem foi — disse Luke. — As pessoas não fazem depoimentos dessa natureza às claras. Fica tudo no ar, ouve-se falar.

— Sim, sim. Suponho que sim!

Luke mudou de assunto com destreza.

— Eu tenho que falar com o médico local. Eles escutam uma porção de coisas das pessoas mais simples que atendem. Toda espécie de superstições e encantamentos... provavelmente filtros de amor e tudo o mais.

— O senhor deve procurar o Dr. Thomas. Um bom sujeito, o Thomas, um homem completamente atualizado. O contrário do pobre Dr. Humbleby.

— Ele era um bocado intransigente, não?

— Um terrível cabeçudo, um reacionário da pior espécie.

— Vocês tiveram uma briga de verdade com o plano de abastecimento, não foi? — perguntou Bridget.

Novamente um vivo rubor tingiu o rosto de Abbot.

— Humbleby era uma pedra no caminho do progresso — disse secamente, — Ele fez pressão contra o plano! E também foi bastante rude no que falou. Não mediu as palavras. Algumas das coisas que me disse eram positivamente litigiosas.

— Mas os advogados nunca recorrem à justiça, não é? Eles sabem o que fazem — disse Bridget.

Abbot caiu na gargalhada. Sua raiva se foi tão rapidamente

quanto viera.

— Muito boa, Srta. Bridget. E não está muito longe da verdade! Nós que estamos nesse meio, conhecemos muito sobre a justiça, há, há! Bem, preciso ir embora. Procure-me, se achar que posso ajuda-lo de alguma maneira, Sr...

— Fitzwilliam — disse Luke. — Obrigado, eu o farei.

Quando prosseguiam seu caminho, Bridget disse:

— Se quiser ouvir mais sobre Amy Gibbs, posso leva-lo a alguém que pode ajuda-lo.

— Quem é?

—A Sra. Waynflete, Amy foi para lá depois que saiu de Manor. Estava lá quando morreu.

— Oh! — disse Luke um pouco desconcertado. — Bem, muito obrigado.

— Ela mora aqui perto.

Estavam atravessando a praça da cidade. Indicando com a cabeça a grande casa estilo gregoriano que Luke notara na véspera, disse Bridget:

— Esta é Wych Hall. É uma biblioteca agora.

Vizinha a Wych Hall havia uma pequena casa que, em proporção, parecia mais uma casinha de boneca. Os degraus da escada da frente eram ofuscamente brancos, sua aldrava brilhava, e as cortinas das janelas destacavam-se brancas e impecáveis. Bridget empurrou o portão e avançou em direção aos degraus. Nesse momento, a porta se abriu e apareceu uma senhora idosa.

Era, na opinião de Luke, a típica solteirona do interior. De talhe delgado, vestia um impecável tailleur de tweed, e uma blusa de seda cinzenta, fechada por um broche de camafeu. Na cabeça bem feita, um chapéu de feltro corretamente colocado. Tinha um rosto agradável, e os olhos, por trás do pince-nez, eram decididamente inteligentes.

— Bom dia, Sra. Waynflete — disse Bridget. — Este é o Sr. Fitzwilliam. — Luke curvou ligeiramente a cabeça. — Ele está escrevendo um livro... sobre mortes, costumes de lugarejos e outras coisas horripilantes.

— Oh, meu Deus! Que coisa interessante! — disse a Sra. Waynflete, mostrando-se encorajadoramente radiante.

Luke lembrou-se da Sra. Fullerton.

— Pensei que talvez a senhora pudesse dizer-lhe algo sobre Amy — disse Bridget e, mais uma vez, Luke notou aquele curioso tom apático em sua voz.

— Oh! — exclamou a Sra. Waynflete. — Sobre Amy. Sim, sobre Amy Gibbs.

Ele sentiu uma mudança muito ligeira na sua expressão. Parecia que ela o analisava novamente, com toda a atenção. Então, como se tivesse chegado a uma decisão, recuou para o hall, dizendo:

— Entrem, eu posso sair mais tarde — e diante dos protestos de Luke: — Não, não. Eu não tenho nada realmente importante para fazer. Só uma comprazinha à toa.

A pequena sala de visitas estava primorosamente arrumada e tinha um ligeiro aroma de lavanda. A Sra. Waynflete ofereceu

cadeiras às visitas e desculpou-se:

— Como eu não fumo, não tenho cigarros, mas por favor, podem fumar, se desejarem.

Luke recusou, porém Bridget acendeu imediatamente um cigarro.

Sentada rigidamente em uma cadeira de braços entalhados, a Sra. Waynflete contemplou durante uns segundos suas visitas, e, então, desviando o olhar como se satisfeita, disse:

— O senhor quer saber daquela pobre jovem Amy? Foi um caso muito triste, que me deu muita pena. Um engano tão trágico!

— Não houve assim, uma dúvida sobre... suicídio? — perguntou Luke.

A Sra. Waynflete sacudiu a cabeça.

— Não, não. Eu não acredito nisso, de jeito nenhum. Amy não era desse tipo.

— E de que tipo era ela? — perguntou Luke francamente. — Gostaria de ouvir a sua versão sobre ela.

A Sra. Waynflete respondeu:

— Bem, naturalmente ela não era de modo algum uma boa criada. Mas hoje em dia, na verdade, a gente dá graças a Deus se arranjar alguma. Era muito desleixada no serviço e estava sempre querendo sair. Bem, na verdade era jovem e as moças são assim hoje em dia. Parecem não compreender que o seu tempo deve ser dedicado aos patrões.

Luke demonstrou-se adequadamente compreensivo e a Sra.

Waynflete continuou a expor suas idéias:

— Ela gostava imensamente de ser admirada e tinha tendência a se valorizar muito. O Sr. Ellsworthy... ele tem uma loja de antiguidades mas é, na verdade, um cavalheiro... pinta um pouco em aquarela, e fez um ou dois esboços de rosto da moça. E sabe, eu acho que aquilo lhe subiu à cabeça. Ela provocava brigas com o rapaz, do qual estava noiva... Jim Harvey. Ele trabalha como mecânico numa garagem e gostava profundamente dela — a Sra. Waynflete fez uma pausa e continuou: — Eu nunca me esquecerei daquela noite horrível. Amy estava adoentada; uma tosse terrível, e não sei mais o quê. Elas teimam em usar estas meias finas, esses sapatos com umas solas que parecem de papel, e ficam resfriadas. Foi consultar o médico aquela tarde.

— Dr. Humbleby ou Dr. Thomas? — interrompeu Luke.

— Dr. Thomas. E ele deu-lhe o xarope para tosse que ela trouxe consigo. Algo perfeitamente inofensivo. Creio que era uma amostra. Foi deitar-se cedo e, deveria ser cerca de uma hora da manhã, quando comecei a escutar aquele barulho... era uma espécie de grito sufocado, apavorante. Levantei-me e fui até a sua porta, mas estava trancada por dentro. Chamei por ela mas não obtive nenhuma resposta. A cozinheira estava comigo e ficamos ambas terrivelmente preocupadas. Então fomos até a porta da frente e, por sorte, Reed, o guarda estava justamente passando na sua ronda. Nós o chamamos. Ele deu a volta por trás da casa e conseguiu subir no muro, e como a janela dela estava aberta, pôde entrar facilmente e abrir a porta. Pobre moça, foi horrível! Não puderam fazer nada por ela. Morreu no hospital algumas horas mais tarde.

— E o que foi? Tinta de chapéu?

— Sim. Envenenamento por ácido oxálico, disseram eles. A garrafa tinha mais ou menos o mesmo tamanho da de xarope. Essa foi encontrada na pia. A de tinta estava ao lado de Amy. Ela deve ter apanhado a garrafa errada no escuro e posto ao lado de sua cama, para tomar se sentisse pior. Esta foi à teoria apresentada no inquérito.

A Sra. Waynflete ficou em silencio. Olhou para ele com seus olhos inteligentes e Luke sentiu um significado especial por trás daquele olhar. Teve a sensação de que ela deixara de contar algum pormenor, e uma sensação ainda maior, de que, por alguma razão, ela queria que ele percebesse isso.

Fez-se silencio — um longo e constrangedor silencio. Luke sentiu-se como um ator que não sabe seu papel. Disse meio francamente:

— E a senhora não acha que foi suicídio?

A Sra. Waynflete respondeu imediatamente:

— Certamente que não! Se a jovem tivesse resolvido dar fim à vida, provavelmente teria comprado qualquer coisa. Esta era uma garrafa velha, que ela deveria ter guardado há anos. E, de qualquer modo, como eu já lhe disse, ela não era esse tipo de moça.

— Então, qual a sua opinião? — perguntou Luke francamente.

— Acho que foi uma grande desgraça — cerrou os lábios e olhou para ele séria.

Luke procurava desesperadamente alguma coisa para dizer, quando algo aconteceu, desviando a atenção. Ouviu-se um

arranhar na porta e um miado queixoso. A Sra. Waynflete levantou0se de um salto e foi abrir a porta, deixando entrar um magnífico gato persa alaranjado. Este hesitou, lançou um olhar de desaprovação à visita e pulou para o braço da cadeira da Sra. Waynflete. Esta se dirigiu a ele numa voz amorosa.

— Ora vejam só! Wonky Pooh! E por onde andou o meu Wonky Pooh a manhã toda?

O nome despertou-lhe uma lembrança. “Onde ouvira ele algo sobre um gato persa chamado Wonky Pooh?” perguntou:

— É um belo gato. A senhora o possui há muito tempo?

A Sra. Waynflete sacudiu a cabeça.

— Oh não! Ele pertencia a uma velha amiga minha, a Sra. Fullerton. Foi atropelada por um desses carros horrorosos e, naturalmente, eu não podia deixar Wonky Pooh cair em mãos de estranhos. lavínia ficaria muito aborrecida. Ela simplesmente o adorava, e ele é muito lindo, não é?

Luke demonstrou uma reverente admiração pelo gato.

— Cuidado com as orelhas. Têm andado meio doloridas ultimamente — disse a Sra. Waynflete.

Luke acariciou o animal com cautela.

Bridget levantou-se dizendo:

— Nós precisamos ir.

A Sra. Waynflete apertou a mão de Luke.

— Talvez nos encontremos novamente.

— Espero que sim. Tenho certeza — disse Luke calorosamente.

Ela pareceu-lhe confusa e um pouco desapontada. Desviou o olhar de Luke para Bridget — uma olhadela rápida onde se insinuava uma pergunta. Luke sentiu que havia uma espécie de entendimento entre as duas mulheres, do qual ele estava excluído. Isto o aborreceu mas prometeu a si mesmo descobrir logo do que se tratava. A Sra. Waynflete acompanhou-os até lá fora. Luke parou um instante no alto da escada, olhando com aprovação a aparência do jardim da cidade e do lago dos patos. Disse:

— É maravilhoso como este lugar resistiu ao tempo.

O rosto da Sra. Waynflete se iluminou. Disse avidamente:

— Sim, realmente. Na verdade, continua exatamente como eu me lembro dele em criança. Nós morávamos em Wych Hall. Mas quando ela ficou para meu irmão, ele não se interessou em morar lá... na verdade, não tinha recursos para isso... e a casa foi posta à venda. Um construtor fez uma oferta e ia “expandir a propriedade”... acho que foi essa a frase que usou. Felizmente, Lord Easterfield interveio, comprou a propriedade e salvou-a . Ele transformou a casa em biblioteca e museu; na realidade está praticamente como era. Eu desempenho a função de bibliotecária duas vezes por semana, sem remuneração naturalmente, e nem posso explicar que prazer é estar na velha casa e saber que não está sujeita a vandalismos. E realmente ela é o lugar perfeito. O senhor precisa visitar o nosso pequeno museu qualquer dia, Sr. Fitzwilliam. Há umas peças locais bastante interessantes.

— Eu faço questão de visitá-lo, Sra. Waynflete, sem dúvida

nenhuma.

— Lord Easterfield tem sido um benfeitor de Wychwood — disse a Sra. Waynflete. — O que me penaliza é que haja pessoas tão tristemente ingratas.

Ela apertou os lábios. Luke, discretamente, não fez nenhuma pergunta. Despediu-se novamente.

Quando já se encontravam do lado de fora do portão, Bridget perguntou:

— Quer prosseguir nas suas pesquisas, ou vamos para casa pelo caminho do rio? É um passeio muito agradável.

Luke respondeu imediatamente. Ele não tinha mais cabeça para continuar as investigações com Bridget ao seu lado, escutando. Disse:

— Vamos pelo rio, sem dúvida.

Caminharam pela Rua High. Uma das ultimas casas tinha uma tabuleta com a palavra ANTIGUIDADES desenhada em letras douradas. Luke parou e examinou uma das vitrinas.

— Aquele prato de porcelana lá do fundo é bonito — comentou. — Está bom para dar a uma tia minha. Quanto será que estão pedindo por ele?

— Vamos entrar para saber?

— Você se importaria? Eu gosto de fuçar estas lojas de antiguidades. Às vezes a gente consegue uma boa pechincha.

— Duvido que o consiga aqui — disse Bridget sarcástica. — Ellsworthy conhece muito bem o valor de sua mercadoria.

A porta estava aberta. No vestíbulo havia cadeiras, canapés, e cômodas com porcelanas e artigos de cobre. Dos lados, havia duas salas cheias de mercadorias. Luke entrou na da esquerda e apanhou o prato. Neste momento aproximou-se, vindo do fundo da sala, uma sombra que estivera sentada numa escrivaninha de nogueira estilo Rainha Anne.

— Ah! Cara Srta. Conway. Que prazer em vê-la!

— Bom dia, Sr. Ellsworthy.

Ellsworthy era um homem magro e jovem; usava uma roupa marrom. Seu rosto era longo e pálido e o cabelo preto e comprido. Luke foi apresentado e Ellsworthy imediatamente transferiu a atenção para ele.

— É uma peça inglesa antiga, genuína. Linda, não é? Eu tenho algumas peças mas detesto vende-las. Sempre foi o meu sonho viver no interior e possuir uma pequena loja. Wychwood é um lugar maravilhoso; tem ambiente, se o senhor entende o que quero dizer.

— Temperamento artístico — disse Bridget.

Ellsworthy voltou-se para ela, estendendo as suas longas e pálidas mãos...

— Não use esta frase terrível, Srta. Conway. Sou um comerciante, apenas isso. Só um comerciante.

— Mas o senhor é na realidade um artista, não é? — perguntou Luke. — Quero dizer, o senhor pinta aquarelas, não pinta? A Sra. Waynflete contou-nos que o senhor fez vários esboços de uma jovem... Amy Gibbs.

— Oh, Amy!! — Disse Ellsworthy. Recuou, esbarrando numa caneca de cerveja. Equilibrou-a cuidadosamente. — Fiz? Oh! Sim, suponho que sim.

Perdera um pouco da pose.

— Ela era uma linda jovem — disse Bridget.

Ellsworthy já havia recuperado o seu autodomínio.

— Oh! A Srta. Acha? — perguntou. — Eu sempre a achei vulgar... Se o senhor está interessado em porcelana, eu tenho um par de pássaros — continuou, dirigindo-se a Luke.

Luke demonstrou pouco interesse pelos pássaros e perguntou o preço do prato. Ellsworthy citou uma determinada quantia.

— Obrigado — disse Luke, — mas afinal acho que não vou despoja-lo do prato.

— Sabe, eu sempre sinto um alívio quando não vendo. Tolice minha, não? Escute, eu deixo por um guinéu a menos. O senhor é um apreciador, eu posso perceber. Isto faz muita diferença. E, afinal de contas, isto é uma loja.

— Não, obrigado — disse Luke.

Ellsworthy acompanhou-os até a porta.

— Que sujeito esquisito — comentou Luke com Bridget, quando já não podia ser ouvido por ele.

— Acho que ele vive metido em magia negra. Não exatamente missas negras, mas coisas desta espécie. Acho que a reputação deste lugar ajuda.

Luke sentiu-se pouco à vontade.

— Nossa! Então acho que ele é o tipo do sujeito de que eu preciso. Devia ter falado com ele sobre esse assunto.

— Você acha? – perguntou Bridget. — Ele sabe muito sobre isso.

— Eu passo por aqui qualquer outro dia — disse Luke meio constrangido.

Bridget não respondeu. Eles já tinham saído do centro. Ela tomou um atalho e, logo depois, chegaram ao rio. Cruzaram com um homem baixo, de bigode espetado e olhos protuberantes. Tinha consigo três buldogues com os quais gritava alternadamente.

— Nero, venha cá!... Nellie, largue isso! Largue, eu estou mandando!... Augustus! Augustus!

Calou-se para tirar o chapéu a Bridget, olhar Luke com evidente curiosidade, e continuou, recomeçando seus gritos.

— Major Horton e seus buldogues? — perguntou Luke.

— Acertou.

— Bem, esta manhã nós encontramos praticamente todas as pessoas importantes de Wychwood, não foi?

— Praticamente.

— Eu me sinto meio intruso — disse Luke. — Acho que qualquer forasteiro numa cidadezinha inglesa fica muito em evidência — lamentou-se lembrando o que dissera Jimmy Lorrimer.

— O Major Horton nunca consegue disfarçar muito bem a sua curiosidade — disse Bridget.

— Ele é o tipo de homem que, só de olhar, a gente sabe que é Major, esteja ele onde estiver — disse Luke irônico.

Bridget disse de repente:

— Vamos sentar um pouquinho? Temos tempo de sobra.

Escolheram uma árvore caída, onde se sentaram. Bridget continuou:

— Sim, o Major Horton é o tipo do militar, com esse jeito mandão. Você nem acreditaria que ele era o marido mais carneiro do mundo, há um ano.

— O quê? Aquele camarada?!

— Sim. Sua esposa era a mulher mais desagradável que eu já conheci. Ela é que era rica, e não tinha o menor escrúpulo em propagar isso.

— Pobre Horton.

— Ele se comportava muito decentemente em relação a ela; sempre cavalheiro. Eu, pessoalmente, me espanto de como não dava uns berros com ela.

— Imagino que ela não era muito benquista.

— Ninguém gostava dela. Criticava Gordon e me tratava com ar de superioridade, e geralmente era desagradável aonde quer que fosse.

— Deduzo que a “misericordiosa Providência” a levou?

— Sim, cerca de um ano atrás. Gastrite aguda. Ela infernizou o marido, o Dr. Thomas e duas enfermeiras mas acabou morrendo. Até os buldogues ficaram mais vivos.

— Animais inteligentes!

Ficaram em silêncio. Bridget arrancava distraidamente as folhas da relva alta. Luke, de sobrancelhas franzidas olhava sem ver a outra margem do rio. Uma vez mais o obcecava a irrealidade da sua missão. Quanto havia de verdadeiro, e quanto de imaginação? Não seria prejudicial estudar cada nova pessoa que encontrava como um criminoso em potencial? Era algo degradante, sob esse ponto de vista. “Que vá tudo para o inferno!” disse consigo mesmo. “Já fui policial por muito tempo!”

Foi tirado do seu devaneio com um choque. Bridget estava perguntando numa voz clara e sem emoção:

— Sr. Fitzwilliam, o que, realmente, veio fazer aqui?

Capítulo 6

Luke foi surpreendido no momento em que acendia um cigarro. O inesperado da pergunta paralisou momentaneamente sua mão. Ficou durante alguns segundos sem ação. O fósforo aceso queimou-lhe o dedo.

— Diabo! — exclamou ele jogando o fósforo e sacudindo vigorosamente a mão. — Desculpe. Você me pegou de surpresa.

Sorriu contrafeito.

— Peguei?

— Sim — suspirou. — Oh, pois bem! Acho que qualquer pessoa realmente inteligente não ia deixar-se enganar por mim. Acho que você nunca acreditou nesta história de eu estar escrevendo um livro sobre folclore.

— Não depois de tê-lo conhecido.

— Não tenho cérebro suficiente para escrever um livro? Não me precisa poupar. Eu deveria saber.

— Você poderia escrever um livro mas não desse tipo. Você não tem nada que ver com superstições, pesquisas do passado. Não é seu gênero! Você não é do tipo de homem para quem o passado signifique muito... talvez nem o futuro... só o presente!

— Hum! Compreendo — fez uma careta. — Com os diabos! Você me deixou nervoso desde que cheguei aqui! Sua inteligência me desconcertou.

— Sinto muito — disse Bridget friamente. — O que é que você esperava?

— Bem, na verdade, eu não tinha pensado muito sobre isso.

Mas ela prosseguiu calmamente:

— Uma criaturinha insignificante, apenas com inteligência suficiente para avaliar as suas oportunidades e casar com seu patrão? — Luke balbuciou algo ininteligível. — Eu compreendo perfeitamente. Não estou aborrecida.

Luke preferiu enfrentar a situação.

— Bem, talvez tenha sido mais ou menos isso, ainda que remotamente. Mas eu não pensei muito sobre o caso.

Ela falou devagar:

— Não, não, você não pensou. Você não se preocupa antes da hora — fez uma pequena pausa e continuou: — Por que veio até aqui, Sr. Fitzwilliam?

Eles tinham feito um círculo e voltado à questão original. Luke sabia que teria que ser assim. Durante os últimos segundos estivera tentando decidir-se. Levantou a cabeça e seus olhos se encontraram. Os dela vivos e inquisitivos e olhar calmo e seguro. Havia também uma gravidade que ele não esperara encontrar.

— Acho que seria melhor não lhe dizer mais mentiras — disse pensativamente.

— Muito melhor.

— Mas é que a verdade é meio difícil. Escute aqui. Você mesma não formou alguma opinião? Quero dizer, não lhe ocorreu nenhum motivo para eu estar aqui? — ela assentiu vagarosa e pensativamente. — Qual é o seu palpite? Quer dizer-me? Tenho uma idéia de que, de algum jeito, vai ajudar-me.

— Tenho o palpite de que a sua vinda até aqui tem conexão com a morte daquela jovem Amy Gibbs.

— Então é isso! É isso o que eu percebia... que eu sentia cada vez que seu nome vinha à tona! Eu sabia que havia algo! Então você acha que vim aqui por causa disso!

— E não foi?

— De certo modo, sim.

Ele ficou em silêncio, de testa franzida. A jovem a seu lado permaneceu igualmente silenciosa, sem se mover. Nada disse, para não perturbar a corrente de seus pensamentos. Ele tomou uma resolução:

— Eu vim até aqui numa tentativa absurda... numa hipótese melodramática e, é bem possível, completamente absurda e fantástica. Amy Gibbs faz parte desta trama toda. Estou interessado em descobrir como foi exatamente que ela morreu.

— É, eu achei que sim.

— Mas por que é que você achou isso? O que houve em relação à sua morte que... bem, que despertou o seu interesse?

— Eu sempre achei que havia alguma coisa errada. Foi por isso que levei você para ver a Sra. Waynflete.

— Por quê?

— Porque ela também acha.

— Oh! — Luke fez um rápido retrospecto. Compreendia agora as sugestões veladas que havia nos modos daquela inteligente

solteirona. — Ela pensa como você... que há alguma coisa errada no caso? — Bridget concordou. — Por que, exatamente?

— Para começar, a tinta de chapéu.

— Que é que tem a tinta de chapéu?

— Bem, as pessoas pintavam chapéus há vinte anos. Num ano você tinha um chapéu de palha rosa; no seguinte, uma garrafa de tinta de chapéu, e ele virava azul-escuro. Depois, quem sabe, uma outra garrafa, e um chapéu preto! Mas não hoje em dia. Chapéus são baratos... um trambolho que se joga fora quando sai da moda.

— Mesmo jovens da classe de Amy Gibbs?

— Seria mais provável eu pintar um chapéu do que ela. Jogava dinheiro fora. E há uma outra coisa. Era tinta vermelha.

— E daí?

— Amy Gibbs tinha cabelo vermelho... ruiva!

— Você quer dizer que não combina?

Bridget concordou.

— Com cabelo ruivo nunca se usaria um chapéu vermelho. Isso é uma coisa que um homem não percebe, mas...

Luke interrompeu-a concordando gravemente:

— Não, um homem não perceberia uma coisa destas. Isto se encaixa. Tudo se encaixa.

— Jimmy tem alguns amigos estranhos na Scotland Yard. Você não é...

Luke retrucou rápido.

— Não sou um detetive autorizado e não sou nenhum investigador particular famoso, com escritório na Rua Baker, e tudo o mais.

— Sou exatamente o que Jimmy lhe disse o que eu era... um policial aposentado, chegado do Leste. Estou-me intrometendo neste negócio, por causa de uma coisa estranha que aconteceu no trem de Londres.

Fez um rápido resumo de sua conversa com a Sra. Fullerton e dos posteriores acontecimentos que ocasionaram a sua ida a Wychwood. Concluiu:

— E então, veja você, é fantástico! Eu estou procurando um certo homem... um assassino misterioso... um homem aqui em Wychwood, provavelmente bastante conhecido e respeitado. Se a Sra. Fullerton estava certa, e você e a senhora sei lá o nome estão certas também, este homem matou Amy Gibbs.

— Compreendo — disse Bridget.

— Poderia ser alguém de fora, eu suponho?

— Sim, creio que sim — disse Bridget vagarosamente. — Reed, o policial, entrou pela janela dela, subindo o muro. A janela estava aberta. Foi uma escalada difícil mas um homem razoavelmente ágil não encontraria grande dificuldade.

— E depois que teria feito ele?

— Substituído à garrafa de xarope pela de tinta.

— Na esperança de que ela agisse exatamente como agiu: acordasse, bebesse e depois todos diriam que tinha sido um

engano ou que ela se suicidara.

— Sim.

— E no inquérito não houve nenhuma suspeita de qualquer irregularidade?

— Não.

— Homens, outra vez, suponho. A questão da tinta do chapéu não foi levantada?

— Não.

— Mas ocorreu a você?

— Sim.

— E a Sra. Waynflete? Conversaram sobre isso?

Bridget sorriu.

— Oh! Não! Não do jeito que você pensa. Quero dizer, não dissemos nada abertamente. Não sei até que ponto chegaram as suas deduções. Acho que a principio ela só ficou preocupada mas depois se foi tornando cada vez mais inquieta. Sabe ela é bastante inteligente, e era bastante evoluída quando moça. Não tem essa mente embotada da maioria das pessoas daqui.

— Imagino que a Sra. Fullerton tinha a cabeça meio confusa — disse Luke. — Foi por isso que, de inicio, eu nem imaginei que houvesse qualquer coisa de verdadeiro na história dela.

— Eu sempre a achei bastante esperta — disse Bridget. — A maioria dessas velhinhas que parecem incoerentes é ladina como uma raposa. Ela mencionou outros nomes?

Luke assentiu.

— Sim. Um menino. Era esse Tommy Pierce. Eu me lembrei do nome assim que o ouvi. E tenho certeza de que o nome Carter também foi mencionado.

— Carter, Tommy Pierce, Amy Gibbs, Dr. Humbleby, — repetiu Bridget, pensativamente. — Como você disse é quase fantástico demais para ser verdade. Quem poderia querer matar essas pessoas? São todas tão sem relação entre si!

— Tem alguma idéia de algum motivo pelo qual alguém quisesse ver-se livre de Amy Gibbs? — perguntou Luke.

— Não posso imaginar nenhum — respondeu Bridget sacudindo a cabeça.

— E que tal esse homem, Carter? A propósito, como morreu ele?

— Caiu no rio e se afogou. Estava voltando para casa, era uma noite nevoenta e ele estava completamente bêbado. Há uma ponte para pedestres com corrimão de um lado só. Concluiu-se logicamente que ele tinha perdido o equilíbrio.

— Mas alguém poderia facilmente ter-lhe dado um empurrão?

— Oh, sim!

—E alguém poderia, com toda a facilidade, ter dado um empurrão no irritante Tommy, quando ele estava limpando as janelas?

— Mais uma vez, sim.

— Portanto, pode-se concluir que é realmente muito fácil dar

um fim a três seres humanos, sem que ninguém suspeite.

— A Sra. Fullerton suspeitou — lembrou Bridget.

— Acho que não adianta perguntar a você se suspeita de alguém? Não há ninguém em particular aqui em Wychwood que lhe dê calafrios na espinha, ou que tenha estranhos olhos turvos, ou a risada esquisita de um maníaco? — perguntou Luke.

— Você acha que esse homem é positivamente maluco?

— Oh! Eu diria que sim! Um lunático, sem duvida, mas muito sagaz. A Sra. Fullerton falou de um olhar todo especial que ele tinha quando avaliava a sua próxima vítima. Pela sua maneira de falar tive a impressão... é apenas a impressão, note bem... de que o homem era pelo menos da mesma condição social que ela. Naturalmente, eu posso estar errado.

— Você está provavelmente certo! Estas nuanças de conversação não podem ser postas preto no branco mas são a espécie de coisa sobre as quais a gente não comete enganos.

— Sabe, é um alívio ter você ciente da situação — disse Luke.

— Pelo menos não vai atrapalhar a sua linha de conduta, acho eu. Provavelmente poderei ajuda-lo.

— Sua ajuda seria inestimável. Você está mesmo falando sério?

— É lógico!

Luke perguntou ligeiramente embaraçado:

— E quanto a Lord Easterfield? Você acha que...

— Naturalmente não diremos nada disso a Gordon — disse

Bridget.

— Você que dizer que ele não acreditaria?

— Oh, ele acreditaria! Gordon é capaz de acreditar em qualquer coisa. Provavelmente ficaria todo excitado e insistiria em mandar meia dúzia dos seus espertos homens dar uma batida na vizinhança! Ele adoraria o caso!

— Então é preferível deixa-lo de fora — concordou Luke.

— Pois é, acho que não lhe podemos conceder esses simples prazeres.

Luke olhou para ela. Parecia prestes a dizer alguma coisa mas mudou de idéia. Olhou para o relógio.

— Sim — disse Bridget, — nós já deveríamos estar chegando a casa.

Levantou-se. Houve um súbito constrangimento entre eles, como se as palavras que Luke não dissera tivessem ficado pairando no ar. Dirigiram-se para casa em silêncio.

Capítulo 7

Luke estava sentado em seu quarto. Durante o almoço tivera que responder a um interrogatório da Sra. Anstruther sobre as flores que tinha em seu jardim. Ouvira quais as flores que se dariam bem lá. Ouvira também a continuação da Preleção a um Homem Jovem sobre o Assunto Eu, por Lord Easterfield. Agora ele estava misericordiosamente sozinho.

Pegou uma folha de papel e escreveu uma série de nomes.

A lista era a seguinte:

Dr. Thomas

Sr. Abbot

Major Horton

Sr. Ellsworthy

Sr. Wake

Sr. Jones

O namorado de Amy

Açougueiro, padeiro, etc...

Em seguida, pegou outra folha e escreveu: VÍTIMAS.

Sob este título, escreveu:

Amy Gibbs..... Envenenada

Tommy Pierce..... Empurrado de uma janela

Harry Carter..... Empurrado da ponte

(bêbedo ou sob o efeito de drogas)

Dr. Humbleby ..... Envenenamento sanguíneo

Sra. Fullerton..... Atropelada

Acrescentou:

Sra. Rose?

O velho Bem?

E depois de uma pausa:

Sra. Horton?

Estudou a lista enquanto fumava; depois pegou o lápis mais uma vez.

Dr. Thomas — Possíveis motivos de suspeita:

Forte razão no caso do Dr. Humbleby. Causa mortis condizente — envenenamento científico por germes. Amy Gibbs foi vê-lo na tarde do dia de sua morte. Alguma coisa entre eles? Chantagem?

Tommy Pierce? Nenhuma ligação positiva. Saberia Tommy de algo entre ele e Amy Gibbs?

Henry Carter? Nenhuma ligação positiva.

Estava o Dr. Thomas fora de Wychwood no dia em que a Sra. Fullerton foi a Londres?

Luke suspirou e começou outro item.

Sr. Abbot — Possíveis motivos de suspeita:

Sinto que o advogado é definitivamente uma pessoa suspeita. Possivelmente parcial. Sua personalidade jovial, vistosa, seria definitivamente suspeita num livro — os homens joviais e sem cerimônia são sempre suspeitos. Objeção: isto não é um livro mas sim a vida real.

Motivos para matar o Dr. Humbleby:

Existia entre eles um antagonismo evidente. H. opôs-se a A. motivo suficiente para um cérebro perturbado. Um antagonismo seria facilmente notado pela Sra. Fullerton.

Tommy Pierce? Espionou os papeis de Abbot. Descobriu alguma coisa que não podia ser conhecida?

Henry Carter? Nenhuma ligação positiva.

Amy Gibbs? Nenhuma ligação conhecida. Tinta de chapéu perfeitamente condizente com a mentalidade de Abbot — espírito antiquado.

Estava Abbot ausente de Wychwood no dia em que a Sra. Fullerton foi morta?

Major Horton

Nenhuma ligação conhecida entre ele e Amy Gibbs, Tommy Pierce ou Carter.

E quanto a Sra. Horton? A descrição da morte poderia indicar um envenenamento por arsênico. Se assim fosse, as outras mortes poderiam ser resultantes desta — chantagem?

N.B. — Thomas foi o médico que a assistiu. Mais um motivo de suspeita contra o Dr. Thomas.

Sr. Ellsworthy

Bastante coisa contra — metido em magia negra. Pode ter a índole de um assassino a sangue-frio. Ligação com Amy Gibbs? Alguma ligação com Tommy Pierce? Carter? Nenhuma conhecida. Humbleby? Podia ter desconfiado da condição mental de Ellsworthy.

Sra. Fullerton? Estava Ellsworthy ausente de Wychwood quando a Sra. Fullerton foi assassinada?

Sr. Wake

Muito improvável. Alguma possível mania religiosa? Uma missão de matar? Os velhos e piedosos clérigos surpreendem nos livros, mas (como antes) isto é vida real.

Observação: Carter, Tommy, Amy eram todas pessoas de mau caráter. Deveriam ser eliminadas por uma sentença divina?

Sr. Jones

Dados — nenhum

O namorado de Amy

Provavelmente todos os motivos para matar Amy, mas isso parece pouco provável sob um ponto de vista geral.

Os etcéteras!

Não imaginar coisas.

Releu o que tinha escrito. Balançou a cabeça, murmurando... "o que é um absurdo!" Rasgou as listas e queimou-as. Disse

consigo mesmo: “Isto não vai ser exatamente o que se chama fácil.”

Capítulo 8

Dr. Thomas recostou-se na sua cadeira e passou a longa e delicada mão nos cabelos espessos e claros. Era um homem jovem, e Luke concluiu que se enganara com a sua aparência. Imaturo, como parecia, o diagnóstico que acabara de fazer do seu joelho reumático estava perfeitamente de acordo com o que fora feito por um eminente especialista de Harley Street, há apenas uma semana.

— Obrigado — disse Luke. — Bem, é um alívio saber que o senhor acha que um tratamento dará resultado. Não quero ficar aleijado na minha idade.

Dr. Thomas sorriu inocentemente.

— Oh! Não creio que haja nenhum perigo quanto a isso, Sr. Fitzwilliam.

— Bem, o senhor me tirou um peso da alma — disse Luke. — Estava pensando em consultar um especialista mas tenho certeza de que já não é mais necessário.

Dr. Thomas sorriu novamente.

— Vá, se isto o faz sentir-se mais sossegado. Afinal, sempre é bom ouvir a opinião de um especialista.

Luke retrucou rápido:

— Hoje em dia as pessoas se alarmam facilmente, não acha? Sempre penso que um médico deve sentir-se um curandeiro... uma espécie de mágico... para a maioria de seus pacientes.

— O elemento fé aparece com muita freqüência.

— Eu sei. “O médico disse” é uma afirmação sempre proferida com uma espécie de reverência.

Dr. Thomas encolheu os ombros.

— Se o paciente soubesse... — disse divertido. E perguntou: — O senhor está escrevendo um livro sobre magia, não está, Sr. Fitzwilliam?

— Ora, como é que soube? — perguntou Luke um pouco exageradamente surpreso.

Dr. Thomas pareceu divertido.

— Oh, meu caro! As novidades se espalham com muita rapidez em lugares como este. Temos tão pouco sobre o que conversar.

— Provavelmente também tudo é exagerado. O senhor deve ter ouvido dizer que estou invocando os espíritos da região e competindo com a Bruxa de Endor.

— Estranho que diga isso.

— Por quê?

— Bem, o rumor que corre por aí é de que o senhor chamou o fantasma de Tommy Pierce.

— Pierce? Pierce? Não é o garoto que caiu de uma janela?

— Sim.

— Ora, como será que... é lógico, eu comentei com o advogado... como é mesmo o nome?... Abbot.

— É. A história se originou em Abbot.

— Não diga que eu transformei um advogado materialista em um crente em fantasma.

— E o senhor, então, acredita em fantasmas?

— O tom de sua voz dá a entender que o senhor não acredita, doutor. Não, eu não diria que acredito realmente em fantasmas, para falar com franqueza. Mas já ouvi falar de fenômenos curiosos acontecidos em caso de mortes violentas. Mas estou mais interessado nas várias superstições relacionadas a mortes violentas... que um homem assassinado, por exemplo, não pode ter descanso em sua sepultura. E na interessante crença de que o sangue de um homem assassinado verte, se o seu assassino o toca. Imagino como essas crenças se formam.

— Muito curioso — disse Thomas, — mas não creio que muitas pessoas se lembrem disso hoje em dia.

— Mais do que imagina. Naturalmente não acho que tenham assassinatos por aqui, por isso é difícil julgar.

Enquanto falava, Luke sorria olhando com aparente naturalidade o rosto do Dr. Thomas. Mas este não pareceu perturbado e retribuiu o sorriso.

— Não, não creio que tenhamos tido um assassinato por... oh, por muitos anos. Certamente não no meu tempo.

— Não, este é um lugarzinho sossegado. Não estimula as más ações. A menos que alguém tenha empurrado o pequeno Tommy... pela janela.

Luke riu. Dr. Thomas sorriu em resposta. Um sorriso jovial, natural e divertido.

— Muita gente gostaria de ter torcido o pescoço daquele garoto — disse. — Mas não creio que chegassem a ponto de jogá-lo pela janela.

— Parece que ele era muito desagradável; sua eliminação poderia ser considerada um bem para a comunidade.

— É uma pena que não se possa aplicar esta teoria com freqüência.

— Sempre achei que uns assassinatos por atacado seriam benéficos à comunidade — disse Luke. — Não tenho pela vida humana o respeito que têm normalmente os ingleses. Todo homem que é pedra no caminho do progresso deveria ser eliminado. Este é o meu ponto de vista.

Passando a mão pelo seu louro e curto cabelo, Dr. Thomas comentou:

— Sim, mas quem deve ser o juiz da capacidade ou incapacidade de um homem?

— Teria que ser um cientista — disse Luke. — Alguém com uma mente sem preconceitos e altamente especializada. Um médico, por exemplo. Já que falamos nisso, acho que o senhor seria um ótimo juiz, doutor.

— Da incapacidade para viver?

— Sim.

Dr. Thomas sacudiu a cabeça.

— Meu trabalho é tornar os incapazes, capazes. Na maioria das vezes admito que seja um árduo trabalho.

— Olhe, só para reforçar o meu argumento. Um homem como Henry Carter...

Dr. Thomas interrompeu brusco.

— Carter? O senhor se refere ao dono do Seven Stars?

— Sim, ele mesmo. Não o conheci pessoalmente mas minha prima, Srta. Conway, estava-me falando sobre ele. Parece ter sido um irremediável tratante.

— Bem, na verdade, ele bebia, maltratava a mulher, intimidava a filha. Era briguento e insolente, e já tivera questões com a maioria das pessoas do lugar.

— Para falar a verdade, o mundo é melhor sem ele.

— Concordo que se poderia dizer assim.

— Na realidade, se alguém o tivesse empurrado para dentro do rio, em lugar dele mesmo ter delicadamente resolvido cair por sua conta, esta pessoa estaria agindo para o bem público?

Dr. Thomas respondeu secamente:

— Esses métodos que o senhor advoga... o senhor os colocou em prática em... Maying Straits, foi o que disse?

Luke riu.

— Oh, não, comigo é só teoria, nada de prática.

— Não, acho que o senhor não tem o te3mperamento para ser um assassino.

— Diga-me... isso me interessa... o senhor já encontrou alguém que achasse que poderia ser um assassino?

Dr. Thomas disse brusco:

— Realmente, que pergunta!

— Acha? Afinal um médico deve entrar em contato com tantas pessoas estranhas! Deve ter maior capacidade de reconhecer, por exemplo, sinais de mania homicida em suas primeiras fases, antes que sejam perceptíveis.

Dr. Thomas retrucou um tanto irritado:

— O senhor faz uma idéia bastante leiga de um maníaco homicida... um homem enfurecido, com uma faca, espumando de raiva. Deixe-me dizer-lhe uma coisa: um lunático homicida pode ser a coisa mais difícil do mundo de ser identificado. Tanto quanto se pode perceber, ele pode ser exatamente como todo mundo... um homem talvez que se amedronte facilmente, que lhe possa confessar talvez que tem inimigos. Não mais do que isso. Um camarada perfeitamente inofensivo.

— É realmente assim?

— É lógico que é. Um lunático homicida freqüentemente mata, no seu entender, em defesa própria. Mas naturalmente a maioria dos assassinos são pessoas comuns e normais como o senhor ou eu.

— Doutor! O senhor me assusta! Imagine se o senhor vier a descobrir que tenho umas quatro ou cinco mortes em minhas costas?

Dr. Thomas sorriu.

— Não acho provável, Sr. Fitzwilliam.

— Não? Retribuo o cumprimento. Também não acho que o

senhor tenha umas quatro ou cinco mortes nas suas costas.

— O senhor não está levando em conta os meus fracassos profissionais — disse o Dr. Thomas bem-humorado.

Ambos riram. Luke levantou-se e despediu-se.

— Sinto ter tomado muito o seu tempo — desculpou-se.

— Oh, não estou ocupado. Wychwood é um lugar saudável. É um prazer conversar com alguém do mundo de lá de fora.

— Eu estava pensando... — começou Luke e interrompeu-se.

— Sim?

— Quando a Srta. Conway me mandou procura-lo, disse-me o quanto... bem, disse-me que o senhor era um médico de primeira classe. Imagino se não se sente meio enterrado aqui. Não há muita oportunidade para demonstrar o talento.

— Oh, a clinica geral é boa para começar. Dá uma prática valiosa.

— Mas o senhor não vai contentar-se em passar a vida inteira na rotina. Seu antigo colega, o Dr. Humbleby, era uma pessoa sem ambições, segundo eu ouvi dizer, completamente satisfeito com a sua clínica aqui. Já estava aqui há muitos anos, creio eu.

— Praticamente a sua vida toda!

— Ouvi dizer que era honesto mas antiquado.

— Às vezes era uma pessoa difícil — disse p Dr. Thomas. — Suspeitava muito de toda inovação, mas era um bom exemplo de profissional da velha escola.

— Contaram-me que deixou uma filha muito bonita — disse Luke de maneira jocosa.

Teve o prazer de ver o Dr. Thomas ruborizar-se violentamente.

— Oh, sim — disse ele.

Luke olhou-o com bondade. Sentia prazer na perspectiva de apagar o nome do Dr. Thomas de sua lista de pessoas suspeitas. Este recuperou sua cor natural e disse abruptamente:

— Já que falávamos de crimes, posso emprestar-lhe um bom livro, desde que o senhor se mostra interessado no assunto. É uma tradução do alemão: Inferioridade e Crime de Kreuzhammer.

— Obrigado — disse Luke.

Dr. Thomas puxou uma gaveta com o dedo, e retirou o livro em questão.

— Aqui está. Algumas teorias assustam, e naturalmente não passam de teorias, mas são interessantes. A infância de Menzheld, por exemplo, o açougueiro, como o chamavam, e o capítulo de Anna Helm, a pequena babá assassina, são na realidade bastante interessantes.

— Ela matou cerca de uma dúzia de crianças a seu cuidado, antes que as autoridades descobrissem, se não me engano — disse Luke.

Dr. Thomas concordou.

— Sim. Era uma pessoa compreensiva, devotada às crianças, e aparentemente ficava desolada com cada morte. Psicologicamente impressionante.

— Impressionante é como uma pessoa consegue uma coisa destas.

Estava na porta da rua. O Dr. Thomas o havia acompanhado.

— Na realidade, não é tão impressionante — disse este. — Sabe, é bem fácil.

— O quê?

— Conseguir uma coisa destas — sorria novamente, um sorriso jovial e encantador. — É só tomar cuidado. Tem-se que tomar cuidado. É só. Mas um homem esperto é extremamente cuidadoso para não escorregar. É só disso que precisa.

Sorriu novamente e entrou em casa.

Luke ficou de pé nos degraus. Havia algo de condescendente no sorriso do médico. Durante toda a conversa Luke considerara-se um homem completamente adulto e ao Dr. Thomas como um homem jovem e ingênuo. Agora, neste momento, ele sentira o contrario. O sorriso do medico era o de uma pessoa adulta divertida com a esperteza de uma criança.

Capítulo 9

Na pequena loja da Rua High, Luke tinha comprado um maço de cigarros e a edição do dia do pequeno semanário que contribuía com uma boa quota para a substancial renda de Lord Easterfield. Procurando as páginas de futebol, resmungou vendo que deixara de ganhar 120 pounds. A Sra. Pierce compartilhou da sua decepção, contando o desapontamento semelhante que tivera seu marido. Uma vez estabelecidas às relações amistosas, Luke não teve dificuldade em prolongar a conversa.

— O meu marido tem grande interesse pelo futebol — disse ela. — É a primeira coisa que ele procura no jornal. E olhe, já ficou desapontado muitas vezes; mas é como eu digo, nem todos podem ganhar, e não se pode lutar com a sorte.

Luke concordou enfaticamente com seus argumentos e, tentando chegar aonde queria, afirmou que um aborrecimento nunca vem sozinho.

— Ah, não senhor! Isso bem que eu sei — suspirou a Sra. Pierce. — E quando uma mulher tem um marido e oito filhos... seis vivos e já enterrou dois... ora, ela sabe muito bem o que são aborrecimentos.

— Suponho que sim. Oh, sem dúvida — confirmou Luke. — A senhora disse... bem... que enterrou dois?

— E um não faz nem um mês — disse a Sra. Pierce, com uma espécie de prazer melancólico.

— Meu Deus, que tristeza!

— Não foi só triste, meu senhor, foi um choque, isto é que

foi... um choque. Eu quase perdi a cabeça quando eles me trouxeram o menino. Nunca esperava que acontecesse uma coisa dessas com o Tommy, porque, é como se diz, quando um filho dá trabalho, não parece natural que ele se vá. Já com a minha Jane, um amor de garota! Nunca se tinha que castiga-la. Viviam dizendo: "Ela é boa demais para este mundo". E era verdade, senhor. Deus sabe o que faz.

Luke concordou e tratou de fazer o assunto voltar da santa Jane para o não tão santo Tommy.

— Seu filho morreu recentemente? — perguntou. — Acidente?

— Foi um acidente, sim senhor. Estava limpando as janelas da biblioteca pública e deve ter perdido o equilíbrio e caído. Foi da janela mais alta.

A Sra. Pierce estendeu-se em pormenores.

— Não houve aí um falatório de que ele estava dançando no parapeito da janela? — perguntou Luke casualmente.

A Sra. Pierce respondeu que meninos são sempre meninos, mas que sem dúvida houvera motivo para deixar o Major assustado, apesar de ser ele um homem tão exagerado.

— Major Horton?

— Sim, aquele senhor dos buldogues. Depois que aconteceu o acidente ele mencionou por acaso que tinha visto Tommy se comportando de uma maneira muito imprudente... e, isso mostra que se ele se assustasse com qualquer coisa, poderia cair. Excesso de vitalidade, senhor, era este o problema de Tommy. Foi uma dura provação para mim, sob muitos aspectos — concluiu ela. —

Mas era só excesso de vitalidade, nada mais que excesso de vitalidade, natural em qualquer menino. No fundo ele não era mau.

— Não, não, tenho certeza de que não era, mas às vezes, a senhora sabe, Sra. Pierce, as pessoas de meia-idade têm dificuldade em se lembrar de que também já foram crianças.

A Sra. Pierce suspirou.

— Há muita verdade nisso, senhor. E eu faço votos de que alguns senhores, que eu podia dizer o nome, mas não vou dizer, tenham remorsos por terem sido tão duros com o rapaz, só por causa do excesso de vitalidade.

— Ele andou pregando algumas peças nos seus patrões, não foi? — perguntou Luke com um sorriso indulgente.

A Sra. Pierce respondeu prontamente.

— Era só brincadeira, senhor, nada mais. Tommy foi sempre bom em imitações. Fazia a gente se torcer de rir quando imitava o Sr. Ellsworthy na sua loja, ou o velho Sr. Hobbs, e uma vez ele estava imitando o Lord Easterfield em Manor, os dois jardineiros rindo, quando o Lord entrou sem ele perceber e mandou-o para a rua. Naturalmente ele tinha toda a razão, e isso era de se esperar, mas o Lord afinal não levou a mal e ajudou Tommy a arranjar outro emprego.

— Mas houve outras pessoas que não foram tão magnânimas, não? — perguntou Luke.

— Não foram mesmo, senhor. Sem citar nomes. E o senhor nunca pensaria isso do Sr. Abbot, com suas maneiras agradáveis e sempre com uma palavra gentil ou uma piada,

— Tommy se meteu em encrenca com ele?

— Não é que o menino fizesse por mal, tenho certeza. E afinal de contas, se os papeis eram particulares e não podiam ser vistos, não deviam ser deixados em cima da mesa... isso é o que eu acho — disse a Sra. Pierce.

— Oh, isso mesmo! — concordou Luke. — Papeis particulares, no escritório de um advogado, deveriam ser guardados em lugar seguro.

— Tem razão, senhor. É isso o que eu penso, e o meu marido concorda comigo. E Tommy nem chegou a ler muito.

— O que era, um testamento? — perguntou Luke.

Teve receio de que sua pergunta sobre a natureza do documento em questão pudesse fazer a Sra. Pierce hesitar. Mas a pergunta direta obteve uma resposta imediata.

— Oh, não senhor, nada deste tipo. Nada realmente importante. Era só uma carta particular, de uma senhora, e Tommy nem chegou a ver quem era. Muita confusão por pouca coisa, é o que digo.

— O Sr. Abbot deve ser o tipo da pessoa que se ofende facilmente — disse Luke.

— Bem, parece que sim, não é mesmo? Apesar de ele ser, como eu disse, uma pessoa agradável de se conversar... sempre uma piada ou uma palavra de conforto. Mas a verdade é que ouvi dizer que ele é um homem difícil de se ter como adversário, e ele e o Dr. Humbleby estavam às turras, como se costuma dizer, um pouco antes do coitado morrer. E isso não deve ser uma

recordação agradável para o Sr. Abbot afinal de contas. Pois quando uma pessoa morre, não se gosta de lembrar que se disse a ela palavras ásperas e não há nenhuma chance de voltar atrás.

Luke sacudiu a cabeça com ar solene e murmurou:

— É verdade, é verdade. Um bocado de coincidência. Palavras ásperas com o Dr. Humbleby, e o Dr. Humbleby morre; maltrata o seu Tommy, e seu filho morre. Acho que depois dessa dupla experiência, o Sr Abbot deveria tomar mais cuidado com a língua no futuro.

— Harry Carter do Seven Stars também — disse a Sra. Pierce. — Tiveram uma forte discussão uma semana antes de o Sr. Carter se afogar mas não se pode culpar o Sr. Abbot. Bêbedo como estava e berrando a plenos pulmões na mais baixa das linguagens. Pobre Sra. Carter tinha que agüentar uns maus pedaços, e é preciso que se reconheça que a morte de Carter foi um alívio para ela.

— Ele deixou uma filha, não foi?

— Ah! — exclamou a Sra. Pierce. — Não gosto de mexericos. — Isso era inesperado mas promissor, e Luke esperou atento. — Acho que é só falatório. Lucy Carter é uma jovem bonita, lá da sua maneira, e se não fosse por causa da diferença de posição, ninguém se ia incomodar. Mas que se falou, falou, isso ninguém pode negar; especialmente depois de Carter ter ido direto à sua casa, gritando e blasfemando.

Luke reuniu as deduções que tirara deste discurso um tanto confuso.

— O Sr. Abbot parece apreciar belas garotas — disse.

— É o que quase sempre acontece com os cavalheiros — disse a Sra. Pierce. — Eles não têm nenhuma intenção, só uma palavra ou duas ao passar, mas uma pessoa fina é uma pessoa fina, e logo reparam. É o que se deve esperar num lugar quieto como este.

— É um lugar bastante encantador — disse Luke. — Tão autêntico!

— É o que dizem os artistas mas eu, por mim, acho que nós estamos é um bocado atrasados. Ora, por falar nisso, nem construções se têm feito. Veja em Ashevale, por exemplo, eles fizeram uma porção de casas novas lindas, algumas com telhados verdes e vidros coloridos nas janelas.

Luke estremeceu ligeiramente.

— O novo Clube é grandioso — disse Luke.

— Dizem que é uma bela construção — disse a Sra. Pierce sem muito entusiasmo. — Sem dúvida o Lord fez muito pelo lugar. Tem boa intenção, nós todos sabemos disso.

— Mas a senhora não acha que seus esforços tenham sido muito bem sucedidos? — perguntou Luke divertido.

— Bem, naturalmente ele não é uma pessoa muito fina. Não, como a Sra. Waynflete, por exemplo, ou como a Srta. Conway. Ora o pai de Lord Easterfield tinha uma loja de calçados a poucos passos daqui. Minha mãe se lembra de Gordon Ragg atendendo na loja, ela se lembra muito bem! Naturalmente ele agora é um Lord, e é um homem rico, mas nunca é a mesma coisa, o senhor não acha?

— Evidentemente — concordou Luke.

— Desculpe-me ter tocado nesse assunto — disse a Sra. Pierce. — Eu sei que o senhor está hospedado em Manor e que está escrevendo um livro. Mas sei que o senhor é primo da Srta. Conway e isto é muito diferente. Ficaremos muito contentes em tecla de volta como dona de Ashe Manor.

— Antes assim — disse Luke. — Tenho certeza de que ficarão.

Pagou os cigarros e o jornal com súbita precipitação. Pensou consigo mesmo: "Sentimentos pessoais. É preciso deixa-los de fora. Diabo, eu estou aqui para seguir a pista de um criminoso. Que importa com quem aquela feiticeirazinha de cabelos negros vai ou não se casar? Ela não entra nesta história."

Caminhou vagarosamente pela rua. Com esforço empurrou Bridget para o fundo de sua mente. "Vejamos", disse consigo. "Abbot. Provas contra Abbot. Eu o relacionei com três das vítimas. Teve uma briga com Humbleby, uma briga com Carter e uma briga com Tommy Pierce, e todos os três morreram. E sobre a garota Amy Gibbs? Que carta seria aquela que aquele garoto endiabrado vira? Saberia de quem era? Ou não saberia? Pode ser que não tenha dito à sua mãe. Mas suponhamos que soubesse. Suponhamos que Abbot achasse necessário calar-lhe a boca. Podia ser. É tudo o que se podia afirmar: Podia ser! Não era o suficiente."

Luke apressou o passo, olhando ao redor, subitamente exasperado. "Este maldito lugarejo está mexendo com meus nervos! Tão risonho, tão pacífico, tão inocente, e o tempo todo essa série maluca de assassinatos. Ou serei eu o maluco? Será que Lavínia Fullerton era maluca? Afinal pode ser tudo coincidência... sim, a morte de Humbleby e tudo o mais."

Olhou para trás ao longo da rua e foi tomado por uma estranha sensação de irrealidade. Disse consigo mesmo: “Coisas como essas não acontecem. Então ergueu os olhos para a linha sinuosa da Serra Ashe e imediatamente a sensação de irrealidade passou. A Serra Ashe era real; conhecia coisas estranhas — feitiçaria, crueldade e ritos esquecidos de maldade e violência”.

Assustou-se. Duas silhuetas caminhavam ao longo da colina. Reconheceu-as facilmente — Bridget e Ellsworthy. Ele gesticulava com aquelas suas mãos curiosamente desagradáveis. A cabeça estava inclinada para Bridget. Eram dois personagens saídos de um sonho. Seus pés pareciam não fazer nenhum barulho enquanto pisavam sobre os tufos de relva num andar felino. Viu os cabelos dela agitados pelo vento. Mais uma vez, aquela estranha magia que se desprendia dela apossou-se de Luke. “Enfeitiçado, é isto o que eu estou. Enfeitiçado”, disse consigo mesmo.

Parou imóvel; um sentimento inesperado o invadiu. Pensou com angústia: “Quem vai quebrar este encanto? Não há ninguém.”

Capítulo 10

Um barulho abafado atrás de Luke fê-lo voltar-se rápido. Viu uma jovem de beleza fora do comum, de cabelos castanhos e ondulados, os olhos azuis, e um ar meio tímido. Levemente ruborizada e um pouco sem jeito, ela perguntou:

— É o Sr. Fitzwilliam, não é?

— Sim, eu...

— Eu sou Rose Humbleby, Bridget me disse que... que o senhor conhece algumas pessoas que conheceram meu pai.

O rosto bronzeado de Luke ficou ligeiramente vermelho.

— Foi há muito tempo — disse sem muita convicção. — Elas o conheceram muito jovem, antes de se casar.

— Oh, compreendo! — Rose pareceu um pouco desapontada mas prosseguiu: — Está escrevendo um livro, não está?

— Sim, na verdade estou colhendo material para um livro sobre superstições. E toda esta espécie de coisas.

— Compreendo. Parece excitante!

Luke sorriu. Pensou: “Nosso Thomas é um homem de sorte!”

— Há pessoas que são capazes de tornar maçante o mais interessante dos assuntos. Receio ser umas delas — disse ele.

Rose sorriu.

— O senhor acredita em... em superstições e coisas assim?

— Esta é uma pergunta difícil. Uma coisa não depende da

outra, sabe. Uma pessoa pode interessar-se por coisas em que não acredita.

— Sim, acho que sim — parecia em dúvida.

— Você é supersticiosa?

— Não, acho que não. Mas acho que as coisas vêm em marés.

— Marés?

— Marés de azar e de sorte. O que eu quero dizer é que sinto como se Wychwood estivesse num período de azar. A morte de papai, o atropelamento da Sr. Fullerton, e aquele garoto que caiu da janela. Parece que estou começando a detestar este lugar... é como se devêssemos ir embora.

— Ela estava um pouco ofegante e Luke olhou para ela pensativo.

— Então é assim que você se sente?

— Oh, sei que é bobagem! Acho que é por causa da morte tão inesperada de papai... foi tão horrivelmente repentina! — estremeceu. — E depois, a Sra. Fullerton. Ela disse que... — interrompeu-se.

— O que foi que ela disse? Eu a achava uma velhinha encantadora. Bastante parecida com uma tia muito especial que eu tenho.

— Oh, o senhor a conheceu? — Rose animou-se. — Eu gostava muito dela e ela adorava papai. Mas às vezes fico pensando se ela não era o tipo de pessoa que tem o que se chama de premonições.

— Por quê?

— Porque... é tão esquisito... ela parecia estar com muito medo de que acontecesse alguma coisa com papai. Praticamente me preveniu. Em especial contra acidentes. E aquele dia, então, um pouco antes de ir para Londres, agia de um modo estranho... completamente fora de si. Eu realmente penso. Sr. Fitzwilliam, que ela era uma dessas pessoas que têm um sexto sentido. E devia saber que alguma coisa ia acontecer com papai. Coisas assim... assustam um pouco a gente!

Aproximou-se mais dele.

— Há ocasiões em que uma pessoa pode prever o futuro — disse Luke — mas nem sempre isso é sobrenatural.

— Não, suponho que na verdade seja muito natural... é só uma faculdade que falta nas outras pessoas. De qualquer modo isso me preocupa.

— Você não deve preocupar-se — disse Luke bondosamente. — Lembre-se, tudo isso já passou. Não adianta voltar ao passado. É o futuro que interessa.

— Eu sei. Mas há mais, sabe — Rose hesitou. — Havia qualquer coisa com... com referencia à sua prima.

— Minha prima? Bridget?

— Sim. A Sra. Fullerton estava preocupada com ela também. Vivia fazendo perguntas. Acho que receava por ela também.

Luke olhou para a colina. Sem saber explicar por que, teve a sensação de que Bridget corria perigo. Imaginação — tudo imaginação! Ellsworthy não passava de um amador inofensivo

que brincava de negociante. Como se lesse seu pensamento, Rose perguntou:

— Gosta do Sr. Ellsworthy?

— Decididamente não!

— Geoffrey... o Dr. Thomas, sabe... também não gosta dele.

— E você?

— Oh, não! Acho-o horroroso — aproximou-se um pouco mais. — Há uma porção de falatórios sobre ele. Disseram-me que ele participou de uma cerimônia estranha na Colina das Bruxas. Uma porção de amigos seus vieram de Londres, uma gente esquisita que dava medo. E Tommy Pierce era uma espécie de acólito.

— Tommy Pierce? — perguntou vivamente Luke.

— Sim. Ele usava uma sobrepeliz e uma batina vermelha.

— Quando foi isso?

— Oh, faz algum tempo. Acho que foi em março.

— Tommy Pierce parece ter-se metido em tudo o que acontece nessa aldeia.

— Ele era terrivelmente curioso. Sempre sabia de tudo o que se estava passando.

— Provavelmente no fim sabia demais — resmungou Luke.

Rose concordou.

— Ele era um menino detestável. Gostava de judiar de passarinhos e perseguir cachorros.

— A espécie de menino cujo desaparecimento pouca gente lamenta.

— É, acho que sim. Para a mãe foi horrível, é lógico.

— Desconfio que restaram cinco anjinhos para consola-la. Aquela mulher tem uma língua!

— Como ela fala, não?

— Depois de comprar um maço de cigarros dela, acho que fiquei conhecendo a vida inteira de todo o mundo na cidade.

Rose lamentou-se.

— Isto é o que há de pior num lugar como este. Todos sabem tudo sobre todo mundo.

— Oh, não! – retrucou Luke.

Ela olhou para ele intrigada. Luke disse intencionalmente:

— Não, nenhum ser humano sabe a verdade completa sobre outro ser humano. Nem da pessoa mais próxima ou mais querida.

— Nem sequer... — interrompeu-se. — Oh, suponho que tenha razão, mas gostaria que não dissesse coisas assustadoras como essas, Sr. Fitzwilliam.

— Isto a assusta?

Vagarosamente confirmou com a cabeça. Voltou-se de repente.

— Preciso ir agora. Se não tiver nada melhor para fazer... isto é, se puder... venha visitar-nos. Mamãe gostaria de... de conhece-lo, porque o senhor conhece amigos de papai de muito tempo

atrás.

Afastou-se vagarosamente. Tinha a cabeça ligeiramente inclinada como se estivesse sobrecarregada de preocupações ou ansiedade.

Luke ficou parado olhando-a . Um súbito desejo de ajuda-la invadiu-o .Teve vontade de amparar e proteger aquela jovem. Do quê? Fazendo a si mesmo essa pergunta, sacudiu a cabeça impaciente consigo mesmo. Era verdade que Rose Humbleby tinha perdido o pai recentemente, mas ela tinha mãe e esteve noiva de um jovem positivamente atraente que era mais do que adequado para protege-la. E então, por que haveria ele, Luke, de ser tomado por este complexo de proteção?

"Ainda assim gosto daquela moça", disse consigo mesmo, enquanto caminhava em direção ao vulto maciço da Serra Ashe. "Eu gosto daquela moça. É boa demais para Thomas — um diabo frio e superior como aquele." O último sorriso do médico, à porta da rua, voltou-lhe à lembrança. Decididamente tinha sido o tipo do sorriso convencido! Complacente!

O som de passos um pouco adiante afastou Luke dos seus pensamentos um tanto irritantes. Ergueu os olhos e viu Ellsworthy descendo a encosta da colina. Tinha os olhos baixos e sorria consigo mesmo. Sua expressão desagradou intensamente a Luke. Ellsworthy mais saltitava do que caminhava, como um homem que está prestes a pôr em execução um planozinho diabólico, maquinado pelo seu cérebro. Um sorriso contorcia estranhamente seus lábios; tinha um jubiloso ar de astúcia positivamente desagradável. Luke havia parado e Ellsworthy

estava quase à sua frente quando finalmente o viu. Os olhos maliciosos e vivos cruzaram com os seus antes que ele o reconhecesse. E então — ou pelo menos pareceu a Luke — uma completa mudança se operou nele. Onde um minuto antes havia um sátiro, via-se agora um puritano.

— Oh, Sr. Fitzwilliam, bom dia!

— Bom dia — respondeu Luke. — Esteve admirando as belezas da natureza?

As longas e pálidas mãos de Ellsworthy tiveram um gesto desagradável.

— Oh, não, não! Eu abomino a natureza. Mas aprecio a vida, Sr. Fitzwilliam.

— Eu também — disse Luke.

— "Mens sana in corpore sano" — citou Ellsworthy. Tinha um tom levemente irônico. — Tenho certeza de que isso é verdade quando se trata do senhor.

— Há coisas piores — disse Luke.

— Meu caro! A sanidade é mortalmente aborrecida. É preciso ser-se ligeiramente pervertido. Aí então, vê-se a vida sob um novo e arrebatador ângulo.

— Assim como um leproso vê a vida? — sugeriu Luke.

— Oh, ótimo, ótimo! Muito espirituoso! Mas há alguma coisa aí, sabe. Um interessante ângulo de visão. Mas eu não devo retê-lo. O senhor está fazendo o seu exercício. É preciso fazer exercício! Espírito de escoteiro!

— É como o senhor diz — disse Luke e com uma ligeira inclinação, continuou a andar. Pensou: “Estou ficando muito imaginativo. Este sujeito não passa de um asno, isto é tudo.”

Mas uma preocupação indefinida fê-lo andar mais depressa. Aquele estranho e triunfante sorriso de astúcia no rosto de Ellsworthy — seria apenas imaginação de Luke? E a sua subseqüente impressão de que tinha sido apagado como que por uma borracha no momento em que ele havia visto Luke caminhando em sua direção? E, com crescente inquietação, pensou: “Bridget? Será que ela está bem? Eles vieram até aqui juntos e ele está voltando sozinho.” Ele se apressou.

O sol tinha saído enquanto conversava com Rose Humbleby. Agora se escondera outra vez. O céu estava escuro, e o vento soprava em súbitas rajadas. Era como se ele tivesse saído da vida comum de todo dia e entrado naquele estranho mundo semi-encantado, cuja sensação o envolvera desde que chegara a Wychwood. Volteou uma elevação e encontrou-se numa campina de grama verde que tinha vislumbrado lá de baixo, e que sabia ter o nome de Colina das Bruxas. Era aqui, segundo dizia a tradição, que as bruxas faziam as suas orgias nas vésperas do Dia de Todos os Santos. E então uma sensação de alívio o envolveu. Bridget estava lá. Sentada, com as costas apoiadas no declive da colina. Estava inclinada com a cabeça entre as mãos. Luke caminhou apressadamente em sua direção. De repente o gramado de primavera pareceu-lhe estranhamente verde e fresco. Chamou:

— Bridget!

Vagarosamente ela ergueu o rosto das mãos. Sua Expressão preocupou-o . Parecia que ela estava voltando de um mundo distante e era como se tivesse dificuldades em ajustar-se ao

momento presente. Luke perguntou meio sem jeito:

— Você... você está bem?

Passaram-se alguns segundos antes que ela respondesse, como se não tivesse retornado completamente daquele distante mundo que ainda a retinha. Luke sentiu que suas palavras tiveram que percorrer uma longa distancia antes de alcança-la. Então ela respondeu:

— Lógico que estou bem. Por que não haveria de estar? — e sua voz era dura e quase hostil.

— Macacos me mordam se eu sei — resmungou Luke. — De repente eu fiquei preocupado com você.

— Por quê?

— Antes de mais nada acho que é por causa desta atmosfera melodramática em que estou vivendo. Faz-me ver as coisas diferentes do que são. Se eu a perco de vista por uma ou duas horas já chego à conclusão de que a próxima coisa que eu vou achar é o seu cadáver ensangüentado numa vala. É o que aconteceria numa peça ou num livro.

— As heroínas nunca são assassinadas.

— Não, mas... — Luke interrompeu-se a tempo.

— O que você ia dizer?

— Nada.

Graças a Deus ele se interrompera a tempo. Não se pode simplesmente dizer a uma jovem atraente: “Mas você não é a heroína!”

Bridget prosseguiu:

— Elas são raptadas, aprisionadas, abandonadas em masmorras para morrer asfixiadas ou afogadas; estão sempre em perigo mas nunca morrem.

— Nem tampouco desaparecem — retrucou Luke. — Então esta é a Colina das Bruxas?

— É.

Ele olhou para ela.

— Só lhe falta a vassoura — disse gentilmente.

— Obrigada. O Sr. Ellsworthy também me disse isso.

— Acabei de encontra-lo — disse Luke.

— Conversou com ele?

— Sim, acho que ele tentou aborrecer-me.

— Conseguiu?

— Seus métodos são um tanto infantis — fez uma pausa e prosseguiu bruscamente: — É um sujeito esquisito. Num momento a gente acha que ele nada mais é do que uma criatura confusa e então, de repente, fica-se imaginando que não é bem assim.

Bridget olhou para ele.

— Você também sente isso?

— Então você concorda comigo?

— Sim — Luke esperava. Bridget continuou: — Há alguma

coisa esquisita nele. Sabe, eu fico imaginando. A noite passada eu não dormi pensando em toda essa história. Acho que, se houvesse um... um assassino por aí, eu devia saber quem era. Quero dizer, vivendo aqui e tudo mais. Eu pensei, pensei, e cheguei a esta conclusão: se há um assassino, positivamente tem que ser um louco.

Pensando no que o Dr. Thomas lhe havia dito. Luke perguntou:

— Você não acha que um assassino possa ser tão lúcido como eu ou você?

— Não esta espécie de assassino. Da maneira como eu vejo as coisas, este assassino tem que ser um lunático. E isso, veja você, me levou diretamente a Ellsworthy. De todas as pessoas aqui, ele é o único definitivamente esquisito. Ele é esquisito, e isso não se pode negar.

Luke disse meio indeciso:

— Há muita gente assim... amadores pretensiosos... em geral completamente inofensivos.

— Sim, mas eu acho que há alguma coisa mais do que isso. Ele tem umas mãos tão desagradáveis.

— Você notou? Engraçado, eu também!

— Elas não são só brancas, são esverdeadas!

— É verdade. Mas mesmo assim não se pode acusar um homem de ser um assassino só por causa da cor de sua pele.

— Oh, sem dúvida! O que nós precisamos é de provas.

— Provas! — grunhiu Luke. — É justamente o que falta. O homem tem sido muito cauteloso. Um cauteloso assassino! Um cauteloso lunático!

— Tenho tentado ajudar — disse Bridget.

— Com Ellsworthy?

— Sim. Achei que tinha mais chance de encurrala-lo do que você. Fiz uma tentativa.

— Conte-me.

— Bem parece que ele tem uma espécie de pequena corte. Um bando de amigos horrorosos. De vez em quando, eles vêm até aqui e fazem uma espécie de comemoração.

— Você quer dizer o que eles chamam de orgias inomináveis!

— Se são inomináveis eu não sei, mas certamente são orgias. Na verdade tudo isso parece muito tolo e infantil.

— Suponho que adoram o diabo e executam danças obscenas.

— Algo assim. Aparentemente eles se divertem com isso.

— Posso acrescentar uma coisa — disse Luke. — Tommy Pierce tomou parte em uma de suas cerimônias. Usava uma batina vermelha.

— Então ele sabia disso?

— Sim. E isso pode explicar a sua morte.

— Você quer dizer que ele andou falando?

— Sim. Ou pode ser que ele tenha tentado uma chantagem

silenciosa.

Bridget disse pensativa:

— Sei que tudo isso é fantástico, mas não parece tão fantástico com relação a Ellsworthy do que com relação a qualquer outra pessoa.

— Eu concordo com você. Torna-se uma coisa aceitável em vez de ridícula e irreal.

— Temos uma ligação com duas vitimas — disse Bridget. — Tommy Pierce e Amy Gibbs.

— Onde entram o taberneiro e o Dr. Humbleby?

— No momento, não entram.

— O taberneiro, não. Mas eu posso imaginar um motivo para o desaparecimento do Dr. Humbleby. Ele era médico e poderia ter desconfiado da anormalidade de Ellsworthy.

— Sim, isso é possível.

Bridget caiu na risada.

— Eu me saí muito bem esta manhã. Minha capacidade de médium é grandiosa, e quando eu lhe contei como uma das minhas tataravós escapou por pouco de ser queimada na fogueira por feitiçaria, meus antepassados devem ter-se revirado nas tumbas. Acho que vou ser convidada para participar das orgias de Satanás na próxima reunião, quando quer que seja.

— Bridget, pelo amor de Deus, tenha cuidado — disse Luke.

Ela olhou para ele surpresa. Ele se levantou.

— Eu acabei de encontrar a filha do Dr. Humbleby. Estávamos conversando sobre a Sra. Fullerton. E ela me disse que a Sra. Fullerton estava preocupada com você.

Bridget, que estava levantando, parou rígida.

— O que você disse? A Sra. Fullerton preocupada... comigo?

— Foi o que disse Rose Humbleby.

— Rose Humbleby disse isso?

— Sim.

— O que mais disse ela?

— Nada mais.

— Tem certeza?

— Certeza absoluta.

Houve um momento de silencio e então Bridget disse:

— Compreendo.

— A Sra. Fullerton estava preocupada com Humbleby, e ele morreu. Agora eu ouço dizer que ela estava preocupada com você.

Bridget riu. Levantou-se e sacudiu a cabeça, fazendo seu longo cabelo negro balançar a volta da cabeça.

— Não se preocupe — disse. — O diabo toma conta de seus filhos.

Capítulo 11

Luke recostou-se na sua cadeira, colocada em frente à escrivaninha do gerente do banco.

— Bem, isso parece bastante satisfatório — disse. — Receio ter tomado muito o seu tempo.

O Sr. Jones desaprovou com um gesto. Seu pequeno rosto moreno e gorducho tinha uma expressão de contentamento.

— Não, realmente, Sr. Fitzwilliam. Este é um lugarejo sossegado, o senhor sabe. Sempre temos prazer em ver um estranho.

— É um recanto fascinante — disse Luke. — Cheio de superstições.

Jones suspirou e disse que levava muito tempo para a educação erradicar as superstições. Luke observou que hoje em dia costumava-se dar valor demais à educação, afirmação essa que deixou o outro ligeiramente chocado.

— Lord Easterfield tem sido um grande benfeitor aqui — disse ele. — Compreende as desvantagens que ele mesmo sofreu quando criança, e fará tudo para que a juventude de hoje seja mais favorecida.

— Essas desvantagens iniciais não o impediram de fazer uma grande fortuna — disse Luke.

— Não, ele tem capacidade... uma grande capacidade.

— Ou sorte — disse Luke.

Jones pareceu um tanto chocado.

— O que é a sorte — continuou Luke. — Veja um assassino, por exemplo. Por que um assassino tem sucesso e consegue escapar? É por causa da sua habilidade? Ou é pura sorte?

Jones admitiu que provavelmente seria sorte e Luke prosseguiu:

— Veja um sujeito como esse Carter, o dono da taverna. Esse sujeito estava bêbedo provavelmente seis noites por semana, e então, em uma delas, cai da ponte dentro do rio. Questão de sorte outra vez.

— Boa sorte para algumas pessoas.

— Como assim?

— Para sua mulher e filha.

— Oh, sim, naturalmente.

Um funcionário bateu e entrou, trazendo alguns papéis. Luke assinou duas vezes e recebeu um talão de cheques. Ergueu-se.

— Bem, alegro-me de que esteja tudo arrumado. Tive um bocado de sorte este ano nas corridas. E o senhor?

Jones disse sorrindo que não era um homem de apostas. Acrescentou que a Sra. Jones tinha um ponto de vista muito particular sobre o assunto.

— Então suponho que o senhor não tenha ido assistir ao Grande Prêmio?

— Não, na verdade não.

— Alguém daqui foi?

— O Major Horton foi. Ele é um apostador muito sagaz. E o Sr. Abbot geralmente não trabalha nesse dia. Mas ele não acertou o vencedor.

— Não acho que muita gente tenha acertado — disse Luke e despediu-se.

Acendeu um cigarro, enquanto saía do banco. Deixando de lado a teoria da pessoa menos provável, não via motivo para conservar o Sr. Jones na sua lista de suspeitos. O gerente do banco não tivera nenhuma reação diante das perguntas com que o testara Luke. Parecia completamente impossível imagina-lo como um assassino. Além do mais, ele não se ausentara no dia do Grande Premio. Acidentalmente a visita de Luke não tinha sido perdida; recebera duas informações. Tanto o Major Horton como o Sr. Abbot, o advogado, tinham-se ausentado de Wychwood no dia do Grande Premio. Qualquer um deles, por conseguinte, poderia ter estado em Londres quando a Sra. Fullerton tinha sido atropelada pelo carro.

Apesar de no momento não suspeitar do Dr. Thomas, ficaria mais satisfeito se soubesse com certeza que ele estava em Wychwood, preso às suas atividades profissionais, naquele dia. Anotou mentalmente a necessidade de verificar aquele ponto. Havia também Ellsworthy. Estaria ele em Wychwood no dia do Grande Premio? Se estava, a suposição de ser ele o assassino se enfraqueceria notavelmente. Apesar de que, anotava mentalmente Luke, havia a possibilidade de a morte da Sra. Fullerton ser, nada mais nada menos, o acidente que se supunha. Mas ele rejeitou essa teoria. A morte dela havia sido muito providencial.

Luke entrou em seu carro, que estava estacionado junto ao meio-fio, e guiou até a Garagem Pipeweel que ficava no outro extremo da Rua High. O carro estava com alguns pequenos problemas que precisavam de conserto. Um jovem mecânico, de aparência agradável e rosto sardento, escutou-o com ar entendido. Levantando o capô, ambos se absorveram numa discussão técnica.

Uma voz chamou:

— Jim, venha aqui um pouquinho.

O sardento mecânico obedeceu. Jim Harvey. Era isso mesmo. Jim Harvey. O namorado de Amy Gibbs. Ele voltou logo em seguida, desculpando-se, e a conversa voltou a ser técnica. Luke concordou em deixar o carro. Quando estava a ponto de se despedir, perguntou casualmente.

— Teve sorte no Grande Prêmio este ano?

— Não senhor. Apostei em Clarigold.

— Será que muitas pessoas apostaram em Jujube II?

— Na verdade, não senhor. Acho mesmo que nenhum jornal disse que ele tinha alguma chance.

Luke sacudiu a cabeça.

— Corrida de cavalo é um jogo incerto. Você foi assistir ao Grande Prêmio?

— Não senhor. Gostaria de ter ido. Já tinha pedido um dia de folga este ano. Havia umas passagens de ida e volta para Epson mais baratas, mas o patrão nem quis ouvir falar. Estávamos com falta de gente, para dizer a verdade, e tínhamos muito serviço

naquele dia.

Luke despediu-se. Riscou Jim Harvey da sua lista. Este rapaz de rosto simpático não era um assassino secreto, e não fora ele que atropelara Lavínia Fullerton.

Tomou o caminho de casa pela margem do rio. Aí, como já acontecera antes, encontrou o Major Horton e seus cachorros. O Major continuava com seus gritos apoplécticos: “Augustus!... Nelly! Nelly!... Nero! Nero! Nero!” Mais uma vez seus olhos protuberantes se fixaram em Luke. Mas desta vez não ficou nisso. O Major Horton disse:

— Desculpe-me. É o Sr. Fitzwilliam, não é?

— Sim.

— Sou Horton... Major Horton. Creio que nos vamos encontrar amanhã em Manor. Uma partida de tênis. A Srta. Conway, muito gentilmente, me convidou. Ela é sua prima, não é mesmo?

— Sim.

— Era o que eu pensava. Logo se reconhece um rosto novo por aqui, sabe.

Nesse momento a atenção de ambos foi desviada pelos dois buldogues que se lançaram contra um indescritível vira-lata branco.

— Augustus! Nero! Já aqui! Vamos, venham já aqui!

Quando finalmente Augustus e Nero obedeceram relutantes à ordem, o Major Horton retornou à conversa. Luke afagava Nelly

que o olhava carinhosa.

— Linda cadela, não acha? — perguntou o Major. — Gosto de buldogues. Sempre os tive. Prefiro-os a qualquer outra raça. Moro aqui perto. Venha tomar um drinque comigo.

Luke aceitou e ambos começaram a caminhar juntos enquanto o Major se aferrava ao assunto de cachorros e da inferioridade de todas as outras raças diferentes daquela que ele particularmente apreciava. Luke ouviu os prêmios que Nelly havia ganho, o infame comportamento de um juiz que outorgara a Augustus apenas uma menção honrosa, e os triunfos de Nero.

A esta altura, já haviam chegado ao portão do Major Horton. Este abriu a porta da frente, que não estava trancada, e ambos entraram. Introduzindo Luke numa sala pequena cheia de estantes e com um leve cheiro de cachorro, o Major Horton ocupou-se com as bebidas. Luke olhou ao seu redor. Havia fotografias de cachorros, cópias do Field e da Country Life, e um par de poltronas já bem usadas. Taças de prata estavam expostas nas estantes. Sobre a lareira, uma pintura a óleo.

— Minha esposa — disse o Major erguendo os olhos do sifão, e acompanhando o olhar de Luke. — Uma mulher notável. Há muita personalidade em seu rosto, não acha?

— Sim, realmente — disse Luke, olhando a falecida Sra. Horton.

Ela havia sido retratada num vestido de cetim rosa, segurando uma braçada de lírios do vale. Seus cabelos castanhos eram repartidos ao meio, e tinha os lábios fortemente apertados. Seus olhos, de um cinzento frio, olhavam mal-humorados para quem a contemplava.

— Uma mulher notável — disse o Major Horton estendendo um copo a Luke. — Morreu há mais de um ano. Nunca mais fui o mesmo homem desde então.

— Não? — perguntou Luke sem saber muito bem o que dizer.

— Sente-se — convidou o Major, indicando com um gesto uma das poltronas de couro. Sentou-se na outra e, sorvendo seu uísque com soda, continuou: — Não, nunca mais fui o mesmo homem desde então.

— O senhor deve sentir a sua falta — disse Luke meio desajeitado.

O Major Horton sacudiu a cabeça sombrio.

— Todo sujeito precisa de uma esposa que o anime a continuar lutando — disse. — Se não, ele relaxa... sim, ele relaxa. Ele se entrega.

— Mas certamente...

— Meu jovem, eu sei o que estou dizendo. Note bem, não estou dizendo que o casamento não seja difícil no início. Ele é. O camarada diz consigo mesmo: "Que vá tudo para o diabo! Não sou dono do meu nariz!" Mas depois ele se amolda. É tudo uma questão de disciplina.

Luke pensava que a vida de casado do Major Horton deveria ter sido mais parecida com uma campanha militar do que com idílio de felicidade doméstica.

— As mulheres — continuava a divagar o Major — são uma coisa esquisita. Às vezes parece que não há nada que as satisfaça. Mas, Deus seja louvado!, elas mantêm o homem na linha.

Luke conservava um silêncio respeitoso.

— O senhor é casado? — perguntou o Major.

— Não.

— Bem, o senhor chegará lá. E, note bem, meu rapaz, não há nada como o casamento.

— É sempre animador ouvir alguém falar bem do casamento — disse Luke. — Especialmente nestes dias em que se divorcia com tanta facilidade.

— Bah! — exclamou o Major. — Esses moços me deixam doente. Nenhuma perseverança, nenhuma tolerância. Não agüentam nada. Nenhuma resistência!

Luke teve vontade de perguntar por que era necessária esta excepcional resistência, mas controlou-se.

— Note bem — continuou o Major, —Lídia era uma mulher num milhão. Num milhão! Todo mundo a respeitava e admirava.

— Sim?

— Ela não admitia nenhuma tolice. Tinha um jeito de encarar uma pessoa que desmontava... a pessoa desmontava. Algumas destas garotas inexperientes que chamam a si mesmas de empregadas, hoje em dia. Elas acham que a gente tem que agüentar qualquer má-criação. Num instante Lídia as punha no lugar! O senhor sabe, nós tivemos quinze cozinheiras e arrumadeiras num ano!

Luke achava que isso dificilmente constituía um elogio à capacidade de direção doméstica da Sra. Horton, mas desde que seu hospedeiro parecia encarar de uma maneira diferente,

limitou-se a murmurar um vago comentário.

— Se elas não serviam punha-as na rua a cabo de chicote.

— Era sempre assim? — perguntou Luke.

— Bem, naturalmente uma porção delas nos deixou. “Já vai tarde”, era o que Lídia costumava dizer!

— Espirituosa — disse Luke. — Mas isso era às vezes meio incômodo?

— Oh, eu não me importo muito de dar uma mãozinha — disse Horton. — Sou um bom cozinheiro e sei acender um fogo. Nunca apreciei muito fazer limpezas mas naturalmente tem que ser feito; nunca se pode fugir disto.

Luke concordou que era mesmo impossível. Perguntou se a Sra. Horton era eficiente nos trabalhos domésticos.

— Não sou o tipo do homem que espera que sua mulher faça as coisas para ele. — disse o Major Horton. — E, de qualquer maneira. Lídia era delicada demais para qualquer tipo de trabalho caseiro.

— Então ela não era saudável?

O Major Horton sacudiu a cabeça.

— Tinha uma disposição maravilhosa. Não se entregava. Mas o que aquela mulher sofria! E nenhuma compaixão da parte dos médicos. Os médicos são cruéis e calejados. Eles só enxergam o mal físico que está embaixo de seus olhos. Qualquer coisa fora do comum está além da maioria deles. Humbleby, por exemplo. Todo mundo achava que ele era um bom médico.

— O senhor não concorda?

— O homem era um completo ignorante. Nada sabia das descobertas modernas. Duvido que alguma vez tenha ouvido falar numa neurose! Entendia de sarampo, caxumba e ossos quebrados. Bem, eu suponha. Mas nada mais. No fim, tive uma briga com ele. Não entendia nada do caso de Lídia. Eu lhe disse isso na cara e ele não gostou. Ficou ofendido e deu o fora. Disse que eu podia chamar qualquer outro médico que quisesse. Depois disso passamos para o Dr. Thomas.

— Gostou mais dele?

— Um homem muito mais inteligente sob todos os pontos de vista. Se alguém pudesse salvá-la no fim de sua doença, esse alguém seria Thomas. Na verdade, ela estava melhorando mas teve uma súbita recaída.

— Sofreu muito?

— Hum, sim. Gastrite. Dor muito forte, enjôos e todo o resto. Como sofreu aquela pobre mulher! Ela foi uma mártir, se jamais houve alguma. E um par de enfermeiras na casa, que tinham tanta compaixão dela quanto duas pedras! “A paciente isso” e “a paciente aquilo” — o Major sacudiu a cabeça e terminou seu copo. — Não suporto enfermeiras. São tão convencidas! Lídia insistia que elas a estavam envenenando. Isto não era verdade, naturalmente. Imaginação comum de uma pessoa doente. Muitas pessoas têm isto, segundo disse Thomas. Mas havia um fundo de verdade. Aquelas mulheres não gostavam dela. Isto é o que há de pior... nas mulheres. Sempre vão contra o seu próprio sexo!

— Suponho — disse Luke sentindo que se estava expressando mal, mas sem saber como faze-lo melhor — que a

Sra. Horton tinha uma porção de amigos dedicados em Wychwood.

— As pessoas eram muito bondosas — disse o Major meio relutante, — Easterfield mandava uvas e pêssegos do seu pomar. E as velhas mexeriqueiras costumavam vir fazer-lhe visitas. Honória Waynflete e Lavínia Fullerton.

— A Sra. Fullerton vinha com freqüência?

— Sim, uma solteirona comum mas uma boa criatura! Estava muito preocupada com Lídia. Costumava fazer perguntas sobre a dieta e os remédios. Tudo com a melhor das intenções, o senhor compreende, mas é como eu digo, alvoroço demais.

Luke balançou a cabeça compreensivo.

— Não suporto alvoroço — continuou o Major. — Este lugar tem mulheres demais. É difícil conseguir-se um jogo de golfe decente.

— E aquele jovem da loja de antiguidades? — perguntou Luke.

— Ele não joga golfe — bufou o Major Horton.

— Faz tempo que está em Wychwood?

— Há cerca de dois anos. Sujeito desagradável. Detesto esses camaradas melosos de cabelos compridos. O engraçado é que Lídia parecia gostar dele. Não se pode confiar no julgamento de uma mulher sobre um homem. Elas se apegam a sujeitos surpreendentemente vulgares. Ela até insistiu em tomar uma charlatanice qualquer de sua invenção. Era uma droga num copo vermelho, todo cheio de sinais do Zodíaco. Pretendia que eram

certas ervas apanhadas durante a lua cheia. Uma porção de asneiras mas as mulheres engolem essas besteiras... engolem também no sentido literal da palavra, há! Há!

Sentindo que estava mudando de assunto um tanto bruscamente mas julgando corretamente que o Major Horton não prestaria atenção a este fato Luke perguntou:

— Que espécie de pessoa é o Sr. Abbot, o advogado? Entende bem de leis? Preciso de um conselho sobre um assunto legal e pensei em recorrer a ele.

— Dizem que ele é muito esperto — admitiu o Major Horton. — Eu não sei. A propósito, tive uma briga com ele. Nunca mais o vi desde que veio aqui fazer o testamento de Lídia,um pouco antes de sua morte. Na minha opinião, o homem é um grosseiro. Mas naturalmente isso não depõe contra a sua capacidade como advogado — concluiu ele.

— Não, naturalmente que não — disse Luke. — Mas ele parece ser um tipo de homem briguento. Parece que não se dá com uma porção de gente, segundo eu ouvi dizer.

— O problema dele é ser tão terrivelmente susceptível — disse o Major Horton. — Parece pensar que é Deus Todo-Poderoso e que todo mundo que discorda dele está cometendo um crime de lesa-majestade. Ouviu falar de sua briga com Humbleby?

— Eles tiveram uma briga, não foi?

— Uma briga daquelas. Note bem, isso não foi surpresa para mim. Humbleby era teimoso como uma mula.

— Seu destino foi muito triste.

— O de Humbleby? Sim, suponho que sim. Falta de cuidado. Envenenamento sanguíneo é uma coisa danada de perigosa. Eu sempre desinfeto um corte. Simples precaução. Humbleby, que era médico, não fez uma coisa dessas. Isso prova.

Luke não tinha muita certeza de que isso provava mas deixou passar. Olhando o relógio, levantou-se. O Major Horton disse:

— Já vai indo para o almoço? Está bem. Fiquei contente de dar uma prosa com o senhor. É bom para eu conversar com um homem que já andou um bocado por este mundo. Precisamos bater mais um papo uma outra hora qualquer. De onde o senhor vem? Maying Straits? Nunca estive lá. Ouvi dizer que está escrevendo um livro. Superstições e coisas assim.

— Sim, eu...

Mas o Major continuou entusiasmado:

— Posso contar-lhe uma porção de coisas interessantes. Quando eu estava na Índia, meu rapaz...

Luke conseguiu escapar uns dez minutos mais tarde, depois de agüentar as costumeiras histórias de faquir, truques de corda, tão caras aos anglo-indianos aposentados. Quando desceu os degraus e saiu, escutando atrás de si a voz do Major berrando por Nero, maravilhava-se com os milagres da vida conjugal. O Major Horton parecia ter sinceras saudades de uma esposa que, sob todos os aspectos, parecia uma fera. Mas, de repente, Luke perguntou a si mesmo, não seria isso um blefe de extrema esperteza?

Capítulo 12

À tarde da partida de tênis estava afortunadamente agradável. Lord Easterfield estava no melhor dos humores, e desempenhava o papel de anfitrião com grande satisfação. Freqüentemente fazia referências à sua origem humilde. Ao todo eram oito jogadores — Lord Easterfield, Bridget, Luke, Rose Humbleby, Dr. Thomas, Major Horton e Hetty Jones, uma jovem que ria por qualquer motivo, filha do gerente do Banco.

No segundo set da tarde, Luke jogava de parceria com Bridget contra Lord Easterfield e Rose Humbleby. Rose era uma boa jogadora, com saques firmes e bem dirigidos. Ela compensava as falhas de Lord Easterfield e, como nem Luke nem Bridget eram jogadores particularmente hábeis, o jogo tornou-se bastante equilibrado. Jogavam o terceiro game, quando Luke, com uma cortada de muita sorte, passou à frente por 5 a 3. Foi então que ele observou Lord Easterfield estava perdendo o bom humor. Discutia por causa de uma bola que batera sobre a linha, achava as saídas faltosas, indo contra a opinião de Rose, e mostrava todos os sintomas de uma criança caprichosa. A saída era de Bridget mas ela enviou uma bola fraca na rede e logo a seguir outra fora. Empate. A bola seguinte foi devolvida para a linha média e, quando Luke preparava-se para rebate-la, colidiu com Bridget. A seguir, ela atirou novamente dois saques fora e a partida estava perdida. Bridget desculpou-se.

— Sinto muito. Eu me descontrolei.

Parecia sincero. As jogadas de Bridget eram descontroladas e ela parecia incapaz de fazer qualquer coisa certa. O set terminou com a vitória de Lord Easterfield e sua parceira, por 8 a 6. Houve

uma ligeira discussão quanto à composição do próximo set. Afinal Rose jogou novamente tendo como parceiro o Sr. Abbot, contra o Dr. Thomas e a Srta. Jones.

Lord Easterfield sentou-se, enxugando o suor da fronte e sorrindo indulgente, com o seu bom humor de volta. Começou a conversar com o Major Horton sobre uma série de artigos publicados no Fitness of Britain e que ele estava pondo em evidencia em um de seus jornais. Luke disse a Bridget:

— Mostre-me a horta.

— Por que a horta?

— Eu gosto de repolhos.

— Não serve vagem?

— Vagem está ótimo.

Afastaram-se da quadra de tênis e dirigiram-se à horta. Sem jardineiros naquela tarde de sábado, ela parecia preguiçosa e sossegada à luz do sol.

— Aqui estão as vagens — disse Bridget.

Luke não deu nenhuma atenção à horta. Perguntou:

— Por que você entregou a ele aquele set?

Bridget ergueu ligeiramente as sobrancelhas.

— Sinto muito. Eu perdi a calma. O meu tênis é meio falho.

— Não tão falho assim! Aquelas saídas erradas não enganariam uma criança! E aqueles lances absurdos... meio quilômetro para fora!

— Isso é porque sou uma jogadora de tênis muito ruim — disse Bridget calma. — Se eu fosse um pouquinho melhor, talvez pudesse faze-lo um pouquinho mais aceitável! Mas do jeito que sou, se fizer uma bola sair normalmente, talvez ela bata dentro e todo o trabalho está perdido.

— Oh! Então você admite!

— Elementar, meu caro Watson.

— E a razão?

— Igualmente elementar, diria eu. Gordon não gosta de perder.

— E quanto a mim? Suponha que eu goste de ganhar.

— Receio, meu caro Luke, que isso não tenha o mesmo grau de importância.

— Você poderia ser um pouquinho mais clara?

— Certamente, se você o deseja. Não devemos indispor-nos com o nosso ganha-pão. Gordon é o meu ganha-pão. Você não é.

Luke respirou profundamente. E então explodiu:

— Que idéia é a sua de casar com esse homenzinho ridículo? Por que vai fazer uma coisa destas?

— Porque como sua secretária eu ganho seis pounds por semana, e como sua esposa vou ter cem mil no meu nome, um porta-jóias cheio de pérolas e diamantes, uma apetitosa mesada, e várias prerrogativas de casada...

— Mas por deveres diferentes.

Bridget respondeu friamente:

— Acha que devemos ter essas atitudes melodramáticas em relação a cada simples coisa da vida? Se você está fazendo uma imagem de Barba-Azul de Gordon, pode tirar a idéias da cabeça. Gordon, como você já devia ter percebido, é um menino que ainda não cresceu. O que precisa é de uma mãe e não de uma esposa. Infelizmente, sua mãe morreu quando ele tinha quatro anos. O que quer é ter alguém por perto a quem possa contar as suas glórias, alguém que lhe devolva a autoconfiança, e que esteja disposto a ouvir infinitamente Lord Easterfield falando sobre si mesmo.

— Você é realista, não?

Bridget replicou ríspida:

— Eu não me conto histórias de fadas, se é isso o que você quer dizer. Sou uma jovem com um certo grau de inteligência, com uma aparência nada excepcional, e sem nenhum dinheiro. Pretendo ganhar minha vida honestamente. Meu emprego como esposa de Gordon não terá praticamente nenhuma diferença do meu emprego como secretária de Gordon. Depois de um ano, duvido muito que ele se lembre sequer de me dar um beijo de boa noite. A única diferença está no salário.

Os dois se encararam. Estavam ambos pálidos de raiva. Bridget disse com ar de zombaria:

— Continue. Você é meio antiquado, não é, Sr. Fitzwilliam? Que tal apelar para os velhos chavões... que eu me estou vendendo por dinheiro... sempre achei esse bom!

— Você é um pequeno demônio insensível — disse Luke.

— É melhor do que ser uma tola sensível.

— Você acha?

— Eu sei.

— O que é que você sabe?

— Eu sei o que é gostar de um homem! Você conhece Johnnie Cornish? Fui sua noiva durante três anos. Ele era adorável. Gostava terrivelmente dele... gostava tanto que até doía! Pois bem, ele me deu o fora e casou-se com uma viúva gorducha, com um sotaque nortista, com três queixos e uma renda anual de trinta mil! Uma coisa desta espécie em geral cura o romantismo de qualquer um, não acha?

Luke virou o rosto perturbado.

— Pode ser.

— Pois foi!

Houve uma pausa. O silêncio era pesado entre eles. Afinal Bridget o quebrou. Disse com uma ligeira hesitação na voz.

— Espero que você reconheça que não tinha nenhum direito de falar comigo como falou. Você é hospede de Gordon e isso foi de incrível mau gosto.

Luke tinha recobrado o controle.

— Isto também não é um chavão? — perguntou delicadamente.

Bridget corou.

— De qualquer maneira é verdade.

— Não é! Eu tinha todo o direito.

— Bobagem!

Luke olhou para ela. Seu rosto estava tomado de uma esquisita palidez, como a de um homem que estivesse sofrendo uma dor física. Disse:

— Eu tenho direito. Eu tenho o direito de me preocupar com você... como foi que você disse agora mesmo?... de me preocupar tanto que até dói!

— Você?! — exclamou Bridget recuando.

— É. Engraçado, não é? O tipo da coisa que pode fazer você dar umas boas risadas! Eu vim aqui fazer um trabalho e você apareceu por trás daquela casa e — como é que se diz? — me enfeitiçou. É o que parece. Você mencionou histórias de fadas agora mesmo. Pois é como eu me sinto! Você me pôs um encanto. Tenho a sensação de que, se você me apontasse o dedo e dissesse: "Vire um sapo!" eu sairia pulando por aí, com os meus olhos saltados — deu um passo em direção a ela. — Estou terrivelmente apaixonado por você, Bridget Conway. E, estando terrivelmente apaixonado por você, como espera que eu me sinta satisfeito em vê-la casar-se com um barrigudo pretensioso, que se enfurece quando perde uma partida de tênis?

— E o que sugere que eu faça?

— Eu sugiro que você se case comigo em vez de com ele. Mas, sem dúvida, essa sugestão só servirá para faze-la rir.

— E como!

— Exatamente. Bem, agora sabemos onde estamos. Vamos

voltar à quadra de tênis? Quem sabe desta vez você possa arranjar-me um parceiro que possa jogar para ganhar.

— Francamente — disse Bridget suavemente — acho que você se importa de perder tanto quanto Gordon.

Luke segurou-a pelos ombros.

— Você tem uma lingüinha de cobra, não tem Bridget?

— Receio que você não goste muito de mim, Luke, não importa o quanto esteja apaixonado.

— Acho que não gosto nem um pouquinho de você.

Bridget perguntou, observando-o:

— Você tencionava casar-se e sossegar quando voltasse para casa, não é?

— Sim.

— Mas não com alguém como eu.

— Alguém como você seria a última pessoa em que eu pensaria.

— Não, acho que não. Conheço o seu tipo. Conheço exatamente.

— Você é tão esperta, minha cara Bridget!

— Uma jovem muito simpática, genuinamente inglesa, louca pelo campo e que goste de cachorros. Você provavelmente a imagina numa saia de tweed, empurrando com o pé uma acha da lareira.

— A imagem me parece muito atraente.

— Tenho certeza de que sim. Vamos voltar à quadra de tênis? Você pode jogar com Rose Humbleby. Ela é tão boa que você pode praticamente ter a certeza de ganhar.

— Sendo antiquado devo conceder-lhe a última palavra.

Novamente fez-se silêncio. Então, vagarosamente, Luke largou os ombros de Bridget. Ambos estavam inseguros, como se alguma coisa que não fora dita permanecesse entre eles. Então, bruscamente, Bridget voltou-se e tomou o caminho de volta. O set estava quase terminando. Rose recusou-se a jogar novamente.

— Joguei dois sets seguidos!

Bridget porem insistiu:

— Eu estou cansada. Não quero jogar. Você e o Sr. Fitzwilliam jogam contra a Srta. Jones e o Major Horton.

Mas Rose continuava a recusar-se e, afinal, arrumou-se um quarteto masculino. Logo depois era hora do chá.

Lord Easterfield conversava com o Dr. Thomas, descrevendo com pormenores e com grande convencimento, uma visita que fizera a um laboratório de pesquisas.

— Eu queria ver por mim mesmo o rumo que estão tomando as últimas descobertas científicas — explicava enfaticamente. — Sou responsável pelo que publicam os jornais. Tenho muito senso desta minha responsabilidade. Estamos numa era científica. Deve-se tornar a ciência facilmente assimilável pelas massas.

— Uma pequena noção de ciência pode ser uma coisa perigosa — disse o Dr. Thomas, com um leve encolher de ombros.

— Ciência no lar... esta deve ser a nossa meta — disse Lord

Easterfield. — Mentalidade científica.

— Consciência de tubo de ensaio — disse Bridget séria.

— Eu fiquei impressionado — continuou Lord Easterfield. — Naturalmente o próprio dono do laboratório foi quem me levou para ver tudo. Eu pedi que ele me deixasse com um assistente, mas ele insistiu.

— Naturalmente — disse Luke.

Lord Easterfield mostrou-se agradecido.

— E ele explicou tudo bastante detalhadamente... as culturas, os soros, a idéia total da coisa. Concordou em fornecer o primeiro artigo da série.

A Sra. Anstruther reclamou:

— Eles usam porquinhos da índia, creio eu. É uma crueldade... se bem que, naturalmente, seria pior se fossem cachorros ou mesmo gatos.

— Sujeitos que usam cachorros deveriam ser fuzilados — disse o Major Horton selvagemente.

— Horton, eu acredito sinceramente que você valoriza mais a vida canina que a humana — disse o Sr. Abbot.

— Sempre — disse o Major Horton — Cachorros são incapazes de uma traição como os seres humanos. Você nunca recebe uma palavra desagradável de um cachorro.

— Só uma desagradável abocanhada na perna — disse o Sr. Abbot. — Que me diz disso, hein, Horton?

— Os cachorros são bons juízes de caráter — disse o Major.

— Um daqueles seus brutos quase me agarrou a perna na semana passada. O que você me diz disso, Horton?

— O mesmo que eu disse agora pouco!

Bridget se interpôs diplomaticamente.

— Que tal um pouco mais de tênis?

Jogaram mais um par de sets. Quando Rose se despedia, Luke surgiu ao seu lado.

— Vou leva-la para casa — disse. — Carrego a sua raquete. Você não tem carro, tem?

— Não, mas não é longe.

— Estou com vontade de andar.

E nada mais disse, tomando-lhe simplesmente a raquete e os sapatos. Rose disse mais alguma coisa. Luke respondeu meio brusco mas a jovem pareceu não notar.

Quando chegaram ao portão da casa de Rose, o rosto de Luke estava menos tenso.

— Estou-me sentindo melhor agora — disse ele.

— Estava se sentindo mal antes? — perguntou ela.

— Gentileza sua fingir que não notou. De qualquer maneira você conseguiu mudar a minha disposição. Engraçado, parece que havia uma nuvem escura em cima de mim, e de repente o sol saiu.

— E foi mesmo. Havia uma nuvem cobrindo o sol quando

saímos de Manor, e agora ela se afastou.

— Bem, então não foi só no sentido figurado. Bem, afinal de contas o mundo é bom.

— É lógico que é.

— Srta. Humbleby, posso ser indiscreto?

— Tenho certeza de que não o seria mesmo que quisesse.

— Oh, não tenha muita certeza! Eu queria dizer que considero o Dr.

Thomas um homem de muita sorte.

Rose corou e sorriu.

— Então é verdade. Vocês estão noivos?

Rose confirmou.

— Só que por agora não vamos anunciar oficialmente. Você compreende, papai era contra e parece... bem, parece cruel propagar uma coisa destas nem bem ele acabou de morrer.

—- Seu pai desaprovava?

Rose inclinou a cabeça vagarosamente e disse relutante:

— Sim, receio que o que acontecia realmente era que papai não... não gostava realmente de Geoffrey.

— Havia antagonismo entre eles?

— Eu diria que sim. Naturalmente papai, como todos os velhos, tinha alguns preconceitos.

— E acho que, sendo louco por você, não gostava da idéia de perde-la.

Rose concordou mas havia nela uma certa reserva.

— Era mais do que isso? — perguntou Luke. — Ele decididamente não queria Thomas para seu marido?

— Não. Sabe, papai e Geoffrey são tão diferentes, e discordavam em alguns pontos de vista. Geoffrey era realmente muito paciente, mas o fato de saber que papai não gostava dele tornava o seu comportamento mais reservado e tímido, e assim, papai nunca chegou a conhece-lo melhor.

— Preconceitos são difíceis de se combater — disse Luke.

— E era tão sem motivo!

— Seu pai não explicou as suas razões?

— Oh não! Nem podia ! O que eu quero dizer é que não havia nada que ele pudesse apresentar contra Geoffrey, a não ser que não gostava dele.

"I do not love you, Doctor Fell

The reason why I cannot tell." (1)

Exatamente assim.

— Não havia nada de positivo a que ele pudessse se apegar? Quero dizer, Geoffrey não bebe, nem aposta em cavalos?

— Oh, não! Acho que Geoffrey nem sequer sabe quem ganhou o Grande Prêmio!

— Engraçado — disse Luke. — Sabe, eu era capaz de jurar

que vi o Dr. Thomas em Epson no dia do Grande Prêmio.

Por um momento ficou apreensivo com a possibilidade de já ter mencionado que só chegara a Londres naquele dia. Mas Rose respondeu imediatamente, sem a menor sombra de suspeita:

— O senhor acha que viu Geoffrey no Grande Prêmio? Oh não! Ele não poderia ter estado lá, pela simples razão de que esteve em Ashewold quase o dia todo, atendendo a um parto difícil!

— Que memória você tem!

Rose riu.

— Eu me lembro porque ele me contou que deram ao bebê o apelido de Jujube.

Luke ouvia distraído.

———————

(1) "Não gosto de você, Dr. Fell. Não sei dizer por que". (N.T.)

— De qualquer maneira — continuou Rose, — Geoffrey nunca vai à corrida de cavalos. — Com voz diferente acrescentou: — Não quer entrar? Acho que mamãe gostaria de vê-lo.

— Tem certeza?

Rose conduziu-o a uma sala meio triste à luz do sol poente. Uma mulher estava aconchegada numa poltrona.

— Mamãe, este é o Sr. Fitzwilliam.

A Sra. Humbleby teve um sobressalto. Apertou a mão de

Luke. Silenciosamente, Rose deixou a sala.

— Prazer em conhece-lo, Sr. Fitzwilliam, Rose me disse que alguns amigos seus conheceram meu marido há muitos anos.

— Sim, Sra. Humbleby.

Detestou ter que repetir aquela mentira à viúva, mas não havia outro jeito.

— Gostaria de que o senhor pudesse conhece-lo — disse a Sra. Humbleby. — Era um ótimo homem e um grande médico. Curou muitas pessoas que já tinham sido desenganadas, só pela força de sua personalidade.

— Já ouvi muito sobre ele desde que cheguei aqui — disse Luke gentilmente. — Sei que era grande a consideração que as pessoas tinham por ele.

Não podia ver distintamente o rosto da Sra. Humbleby. Sua voz era um tanto monótona mas a ausência de emoção que havia nela parecia evidenciar o fato de que a Sra. Humbleby esforçava-se arduamente em controlar a emoção que sentia no íntimo. Ela disse, meio inesperadamente:

— Há muita maldade nesse mundo, Sr. Fitzwilliam. Sabia disso?

Luke sentiu-se um tanto surpreso.

— Sim. Pode ser que seja assim.

— O senhor não sabe? — insistiu ela. — Isso é muito importante. Há muita maldade por aí. A gente tem que estar preparada... para combate-la! John estava. Ele sabia. Estava do lado certo.

— Tenho certeza de que sim — disse Luke bondosamente.

— Ele sabia da maldade que havia nesse lugar — disse a Sra. Humbleby. — Sabia...

De repente rompeu em lágrimas.

— Eu sinto muito — murmurou Luke e interrompeu-se.

Da mesma maneira repentina com que rompera em lágrimas, ela recobrou o controle.

— O senhor tem que me desculpar — disse. Estendeu a mão que Luke segurou. — Venha ver-nos enquanto estiver aqui. Seria tão bom para Rose. Ela o aprecia muito.

— Eu gosto dela. Há muito tempo não encontrava uma moça tão simpática como sua filha, Sra. Humbleby.

— Ela é muito boa para mim.

— O Dr. Thomas é um homem de muita sorte.

— Sim — a Sra. Humbleby deixou cair à mão. Sua voz se tornara apática novamente. — Não sei. É tudo tão difícil!

Luke deixou-a na semi-obscuridade, torcendo nervosamente as mãos.

Enquanto ia para casa, pensava nos vários aspectos daquela conversa. O Dr. Thomas estivera ausente de Wychwood quase o dia inteiro do Grande Prêmio. Tinha saído de carro. Supunha-se que estivesse atendendo um parto. Havia algo mais que confirmasse isso além de sua própria palavra?

Achava que isso poderia ser verificado. Voltou o pensamento

para a Sra. Humbleby. Que quereria ela dizer quando insistia naquela frase: “Há muita maldade por aí”. Estaria ela apenas nervosa ou descontrolada com a morte do marido? Ou haveria alguma coisa mais? Saberia ela de alguma coisa? Alguma coisa que era do conhecimento do Dr. Humbleby antes da sua morte? “Tenho que levar isso avante”, disse Luke consigo mesmo. “Tenho que continuar”.

Resolutamente ele afastava o pensamento do duelo que tivera com Bridget.

Capítulo 13

Na manhã seguinte, Luke tomou uma decisão. Sentiu que chegara ao máximo do que podia conseguir com um inquérito indireto. Era inevitável, mais cedo ou mais tarde, contar a verdade. Percebeu que chegara a hora de desistir daquela camuflagem de escritor e revelar o verdadeiro objeto da sua vinda a Wychwood. Para levar avante o plano que estabelecera, resolveu visitar Honória Waynflete. Acreditava que ela lhe havia contado o que sabia. Queria agora induzi-la a contar o que supunha. Tinha uma forte impressão de que as suposições da Sra. Waynflete poderiam aproximar-se muito da verdade.

A Sra. Waynflete recebeu-o de maneira natural, não se mostrando em nada surpresa com a visita. Quando ela se sentou ao seu lado, com as aristocráticas mãos cruzadas, e seus olhos — que tanto se pareciam com os de uma cabra mansa — fixos nele, Luke não sentiu dificuldade em contar o motivo da sua visita. Disse:

— Quero crer, Sra. Waynflete, que já adivinhou que o motivo da minha vinda aqui não é simplesmente para escrever um livro sobre os costumes locais.

A Sra. Waynflete confirmou com a cabeça e continuou a escutar.

— Eu estou aqui para investigar as circunstâncias da morte daquela pobre jovem, Amy Gibbs.

— O senhor quer dizer que a Polícia o enviou? — perguntou a Sra. Waynflete.

— Oh, não, eu não sou um policial à paisana — prosseguiu com um leve tom irônico na voz: — Acho que sou um personagem muito conhecido nas histórias de ficção: um investigador particular.

— Compreendo. Então foi Bridget quem o chamou?

Luke hesitou por um momento. Preferiu deixar que ela pensasse assim. Sem contar toda a história da Sra. Fullerton, seria difícil justificar a sua presença. A Sra. Waynflete continuava a falar com um tom de admiração na voz:

— Bridget é tão prática, tão eficiente! Tenho certeza de que, se dependesse de mim, não confiaria no meu julgamento. Eu quero dizer, se a gente não tem certeza absoluta de uma coisa, é tão difícil tomar uma decisão de como agir.

— Mas a senhora tem certeza, não tem?

— Não, na verdade, não, Sr. Fitzwilliam — disse a Sra. Waynflete gravemente. — Não é uma coisa da qual se tenha certeza absoluta, isto é, pode ser tudo produto da imaginação. Vivendo sozinha, sem ter ninguém com quem trocar idéias ou consultar, pode-se tornar melodramática e imaginar coisas sem fundamento nenhum em fatos reais.

Luke concordou imediatamente com essa afirmação, reconhecendo a sua indiscutível veracidade, mas acrescentou gentilmente:

— Mas no seu íntimo, a senhora tem certeza?

Mesmo assim, a Sra. Waynflete mostrou certa relutância.

— Nós não estamos falando com segundas intenções, espero

— objetou ela.

Luke sorriu.

— Gostaria de que eu me explicasse claramente? Pois muito bem. A senhora acha que Amy Gibbs foi assassinada?

Honória Waynflete teve um pequeno recuo ante a crueza da pergunta. Disse:

— Não me sinto nada satisfeita com a sua morte. Nem um pouco satisfeita. O caso todo é profundamente insatisfatório, na minha opinião.

Luke disse pacientemente:

— Mas a senhora não acha que foi uma morte natural, não é?

— Não.

— Não acredita que tenha sido um acidente.

— Parece-me muito improvável. Há tantos...

Luke interrompeu-a:

— A senhora acha que não foi suicídio?

— Decididamente não!

— Então — disse Luke com a voz tranqüila, — a senhora acha que foi crime?

A Sra. Waynflete hesitou, engoliu em seco, e tomando coragem, afirmou:

— Sim. Eu acho.

— Ótimo. Agora podemos continuar com o caso.

— Mas eu na realidade não tenho nada de positivo em que me possa basear — explicou a Sra. Waynflete aflita. — É só uma opinião.

— Sem dúvida. Isso é uma conversa privada. Nós só estamos conversando sobre o que pensamos e o que suspeitamos. Nós suspeitamos de que Amy Gibbs tenha sido assassinada. Quem nós achamos que a matou?

A Sra. Waynflete sacudia cabeça. Ela parecia bastante perturbada. Encarando-a Luke perguntou:

— Quem tinha motivos para assassina-la?

A Sra. Waynflete respondeu vagarosamente:

— Eu creio que ela tinha tido uma briga com o namorado, na garagem. Jim Harvey, um jovem sério e arrogante. Sei que nos jornais a gente lê sobre jovens que atacam suas namoradas e outras coisas horrorosas como essa, mas eu francamente não posso acreditar que Jim fizesse uma coisa dessas.

Luke concordou e a Sra. Waynflete prosseguiu:

— Além do mais,não creio que ele agisse dessa maneira. Subir na janela e substituir o vidro de xarope dela por um de veneno. Isto é, esta não parece...

Ela hesitou e Luke veio em seu auxílio.

— Este não é o modo de agir de um amante raivoso? Eu concordo. Na minha opinião, podemos pôr de lado Jim Harley desde já. Amy foi assassinada... nós concordamos que ela foi assassinada... por alguém que queria tira-la do caminho e planejou o crime cuidadosamente, de maneira que parecesse um

acidente. Vejamos, a senhora tem alguma idéia... algum palpite, vamos dizer assim... de quem pudesse ser essa pessoa?

— Não, realmente não, eu não tenho a menor idéia.

— Tem certeza?

— N... não, não mesmo.

Luke olhou-a pensativo. A negativa não tinha soado muito verdadeira. Prosseguiu:

— Sabe de algum motivo?

— Nem um sequer.

Isto havia sido dito com mais ênfase.

— Ela havia-se empregado em muitas casas em Wychwood?

— Ela esteve com os Horton durante um ano, antes de ir para a casa de Lord Easterfield.

Luke resumiu rapidamente:

— A questão é a seguinte: alguém queria aquela jovem fora do caminho. Dos fatos conhecidos concluímos que: primeiro, foi um homem e um homem um tanto antiquado... como mostra o detalhe da tinta de chapéu; segundo, que ele deve ser um homem razoavelmente ágil, pois é óbvio que deve ter subido pela janela da jovem. A senhora concorda com esses pontos.

— Plenamente — respondeu a Sra. Waynflete.

— A senhora se importaria se eu fizesse uma tentativa?

— De modo algum. Acho que é uma boa idéia.

Ela o levou até lá fora, por uma porta lateral. Luke conseguiu subir no muro sem grande dificuldade. Dali ele pôde alcançar o peitoril da janela do quarto da moça facilmente e, com um pequeno esforço, içar-se para dentro. Pouco tempo depois voltava para junto da Sra. Waynflete, no pátio, limpando as mãos no lenço.

— Na verdade, é mais fácil do que parece — disse. — Tudo o de que se precisa é de um pouco de agilidade. Não havia nenhum sinal no peitoril ou do lado de fora?

— Acho que não — disse a Sra. Waynflete sacudindo a cabeça. — É verdade que o guarda subiu por aí.

— Por conseguinte, se havia alguma marca, seria recoberta pelas dele. Como os policiais ajudam os criminosos! Bem, aí está.

A Sra. Waynflete retornou com ele a casa.

— Amy Gibbs tinha sono profundo? — perguntou ele.

— Era extremamente difícil faze-la levantar-se de manhã — disse ela azeda. — Às vezes eu tinha que bater várias vezes e chamar até que ela me respondesse. Mas neste caso, o senhor sabe, Sr. Fitzwilliam, há um ditado que diz que não há pior surdo do que o que não quer ouvir.

— É verdade — concordou Luke. — Bem, Sra. Waynflete, agora chegamos à questão do motivo. Começando com o mais óbvio, acha que havia alguma coisa entre Ellsworthy e a jovem? — Acrescentou apressadamente: — Eu estou só pedindo a sua opinião. Só isso.

— Se nada mais é do que uma opinião, eu diria que sim.

Luke concordou.

— Na sua opinião, estaria Amy fazendo chantagem?

— Mais uma vez, se é uma questão de opinião, eu diria que é bem possível.

— Por acaso a senhora sabe se tinha ela muito dinheiro consigo por ocasião de sua morte?

A Sra. Waynflete refletiu.

— Acho que não. Se ela tivesse uma quantia além do razoável, creio que eu ficaria sabendo.

— E ela não havia cometido nenhuma extravagância antes de morrer?

— Creio que não.

— Isto mais ou menos destrói a teoria de chantagem. A vítima geralmente paga uma vez, antes de se lançar a atitudes extremas. Há uma outra teoria. Poderia saber de alguma coisa.

— Que espécie de coisa?

— Talvez soubesse de alguma coisa que poderia por em perigo alguém de Wychwood. Vamos criar uma situação hipotética. Tinha trabalhado em várias casas. Suponhamos que tivesse sabido de alguma coisa que pudesse causar dano profissional ao Sr. Abbot, por exemplo.

— O Sr. Abbot!

Luke continuou rapidamente:

— Ou talvez uma negligência ou uma conduta

antiprofissional do Dr. Thomas.

— Mas certamente... — começou a Sra. Waynflete, porém interrompeu-se.

Luke prosseguiu:

— Segundo a senhora disse, Amy Gibbs era arrumadeira na casa dos Horton quando a Sra. Horton faleceu.

Houve um momento de silêncio, e então a Sra. Waynflete disse:

— Pode dizer-me, Sr. Fitzwilliam, por que pôs os Horton nisso? A Sra. Horton morreu há mais de um ano.

— Sim, e Amy Gibbs estava lá na ocasião.

— Eu sei. E o que é que têm os Horton com isso?

— Não sei. Só estava pensando. A Sra. Horton morreu de gastrite aguda, não foi?

— Sim.

— A sua morte foi completamente inesperada?

— Para mim, foi — disse a Sra. Waynflete pausadamente. — Compreenda, ela estava melhorando rapidamente, parecia o caminho certo da cura... e então, teve uma súbita recaída e faleceu.

— O Dr. Thomas ficou surpreso?

— Não sei. Creio que sim.

— E as enfermeiras... que disseram elas?

— Pelo que eu sei — disse a Sra. Waynflete, — as enfermeiras nunca se surpreendem quando um caso tem uma regressão. É a recuperação que as surpreende.

— Mas a morte dela surpreendeu a senhora? — insistiu Luke.

— Sim. Eu tinha estado com ela no dia anterior e ela parecia muito melhor; conversou e estava animada.

— Que pensava ela de sua doença?

— Ela reclamava de que as enfermeiras a estavam envenenando. Já havia mandado uma enfermeira embora, mas dizia que as outras duas eram tão ruins quanto a anterior.

— Suponho que a senhora não ligou muito para isso?

— Bem, não. Achei que fazia parte da sua doença. Ela era uma mulher muito desconfiada e — pode parecer maldade dizer — mas gostava de se fazer de importante. Nenhum médico compreendeu o seu caso, não era nada simples. Ou era uma doença pouco conhecida, ou então “alguém estava tentando tira-la do caminho”.

Luke procurou falar em tom casual.

— Ela não suspeitava de que seu marido quisesse dar-lhe um fim?

— Oh, não! Essa idéia nunca lhe ocorreu! — a Sra. Waynflete ficou em silêncio por um instante e depois perguntou: — É isso o que o senhor acha?

— Outros maridos já tentaram fazer isso antes e conseguiram — disse Luke. — A Sra. Horton, ao que tudo indica, era o tipo da mulher de quem qualquer homem ficaria louco para se livrar. E

eu soube que ele herdou um bom dinheiro com a morte dela.

— Sim, herdou.

— O que a senhora acha, Sra. Waynflete?

— O senhor quer a minha opinião?

— Sim, só a sua opinião.

A Sra. Waynflete respondeu calma e decidida.

— Na minha opinião o Major Horton era absolutamente devotado à esposa e nunca sonharia em fazer uma coisa dessas.

Luke encarou-a mas recebeu em troca um olhar calmo e firme. Não havia nenhuma hesitação.

— Bem — disse ele, — espero que tenha razão. Provavelmente saberia se fosse diferente

Ela permitiu-se um sorriso.

— O senhor acha que nós mulheres somos boas observadoras?

— De primeira classe. Acha que a Sra. Fullerton teria concordado com a senhora?

— Acho que nunca ouvi Lavínia expressar qualquer opinião.

— Que achava ela de Amy Gibbs?

A Sra. Waynflete franziu as sobrancelhas refletindo.

— É difícil dizer. Lavínia tinha uma idéia muito curiosa.

— Que idéia?

— Ela achava que alguma coisa estranha estava acontecendo aqui em Wychwood.

— Ela achava, por exemplo, que alguém empurrara Tommy Pierce pela janela.

A Sra. Waynflete olhou-o estupefata.

— Como sabia disso, Sr. Fitzwilliam?

— Ela me contou. Não com essas palavras, mas deu-me a idéia geral.

A Sra. Waynflete inclinou-se para frente, com o rosto vermelho de excitação.

— Quando foi isso, Sr. Fitzwilliam?

— No dia em que foi morta — disse Luke calmo. — Nós viajamos juntos para Londres.

— Exatamente, o que disse ela ao senhor?

— Disse-me que tinha havido muitas mortes em Wychwood. Mencionou Amy Gibbs, Tommy Pierce e aquele homem, Carter. Também me disse que o próximo seria o Dr. Humbleby.

A Sra. Waynflete balançou a cabeça vagarosamente.

— Ela lhe disse quem era o responsável?

— Um homem com uma certa expressão no olhar — disse Luke sombrio. — Um olhar que não se podia confundir, segundo ela. Ela havia notado essa expressão nos seus olhos quando ele conversava com Humbleby. Por isso afirmava que o médico seria o próximo.

— E foi — murmurou a Sra. Waynflete. — Meu Deus! Meu Deus! — recostou-se. Seus olhos tinham uma expressão de sofrimento.

— Quem era o homem? — perguntou Luke. — Vamos, Sra. Waynflete, a senhora sabe. A senhora deve saber!

— Eu não sei. Ela não me disse.

— Mas a senhora pode adivinhar — disse Luke astutamente. — A senhora sabe muito bem quem tinha ela em mente.

Relutante, ela inclinou a cabeça.

— Então, diga-me.

Porém a Sra. Waynflete sacudiu a cabeça com energia.

— Não absolutamente. O senhor está pedindo que eu faça algo completamente impossível! O senhor está-me pedindo para adivinhar o que poderia... poderia apenas, note bem... estar no pensamento de uma amiga que já morreu... Não poderia fazer uma acusação desta natureza.

— Não seria uma acusação, apenas uma opinião.

Mas a Sra. Waynflete mostrou-se inesperadamente firme.

— Não tenho mais nada a dizer. Absolutamente nada. Na verdade, Lavínia nunca me contou nada. Posso imaginar que ela tinha certa idéia mas o senhor compreende, posso estar completamente errada. E então eu poderia conduzi-lo por um caminho errado, e talvez sérias conseqüências adviessem disso. Seria muito maldoso e injusto da minha parte mencionar um nome. E eu poderia estar completamente errada. Na verdade, eu provavelmente estou errada.

E a Sra. Waynflete cerrou os lábios e olhou determinada para Luke.

Luke sabia aceitar uma derrota. Sabia que tinha contra si o senso de retidão da Sra. Waynflete e alguma coisa mais, meio nebulosa, que ele não era capaz de saber o que era. Aceitou a derrota resignadamente e levantou-se para se despedir. Tinha a intenção de voltar a insistir mais tarde, mas não deixou transparecer isso.

— Naturalmente a senhora deve agir como acha direito — disse. Obrigado pela ajuda que me deu.

A Sra. Waynflete parecia um pouco menos segura enquanto o acompanhava até a porta.

— Espero que o senhor não pense... — começou; depois resolveu exprimir seu pensamento de outra maneira. — Se houver alguma coisa que eu possa fazer para ajuda-lo, por favor, diga-me.

— Eu o farei. A senhora não repetirá a ninguém a nossa conversa, não?

— É lógico que não. Não direi uma palavra a ninguém.

Luke esperava que isso fosse verdade.

— Dê um abraço em Bridget — continuou a Sra. Waynflete — Ela é tão simpática, o senhor não acha? E inteligente também. Eu... eu espero que ela seja feliz — e ante o ar interrogativo de Luke, continuou: — Bem, casada com Lord Easterfield, eu quero dizer. Há uma diferença tão grande de idade.

— Sim, há.

Ela suspirou.

— Sabe, há tempos atrás eu fui sua noiva — disse ela inesperadamente.

Luke olhou-a atônito. Ela tinha inclinado a cabeça e tinha um sorriso meio triste.

— Há muito tempo. Ele parecia um rapaz de tão grande futuro. Eu o havia ajudado a educar-se. E tinha tanto orgulho da sua... inteligência e da maneira tão determinada que tinha de alcançar sucesso — suspirou outra vez. — Meus parentes naturalmente ficaram escandalizados. Naquele tempo as distinções de classe eram muito rígidas.

Depois de alguns instantes, continuou:

— Sempre acompanhei sua carreira com grande interesse. Acho que minha família estava errada.

Em seguida, com um sorriso, despediu-se e entrou em casa.

Luke tentou ordenar seus pensamentos. Ele havia categoricamente classificado a Sra. Waynflete como velha. Compreendia agora que provavelmente ela ainda não chegara aos sessenta. Lord Easterfield deveria ter passado bem dos cinqüenta. Ela talvez fosse um ano ou dois mais velha do que ele, não mais. E ele ia casar-se com Bridget. Com Bridget que tinha vinte e oito. Bridget que era jovem e cheia de vida.

“Maldição” pensou Luke. “Não quero continuar pensando nisso. O trabalho. Preciso continuar com o trabalho.”

Capítulo 14

A Sra. Church, tia de Amy Gibbs, era decididamente uma mulher desagradável. Seu nariz adunco, o olhar evasivo e a língua solta enojavam Luke. Adotou para com ela uma atitude lacônica e, ao contrário do que previra, obteve resultado.

— O que tem a fazer — disse ele — é apenas responder minhas perguntas, o melhor que puder. Se esconder alguma coisa, ou mentir, as conseqüências poderão ser extremamente sérias para a senhora.

— Sim, senhor. Eu compreendo. É só que estou ansiosa demais para contar tudo o que puder. Nunca estive metida com a Polícia...

— E nem quer estar — terminou Luke. — Bem, se fizer como eu lhe disser não vai haver problemas. Quero saber tudo sobre sua falecida sobrinha. Quem eram seus amigos, quanto tinha de dinheiro, alguma coisa fora do comum que ela tenha dito. Vamos começar com seus amigos. Quem eram eles?

A Sra. Church olhou-o dissimuladamente, de soslaio, com olhos desagradáveis.

— O senhor quer dizer homens?

— Ela tinha alguma amiga?

— Bem, era difícil, não se podia chamar bem assim. Bem, de certo, tinha algumas colegas de serviço, mas Amy não se dava lá muito com elas. O senhor sabe...

— Ela preferia o sexo oposto. Continue. Fale-me sobre isso.

— Atualmente ela andava com o Jim Harvey, aquele lá da garagem. Era um camarada bom e direito. Muitas vezes eu disse para ela: “Você não podia arranjar coisa melhor.”

Luke cortou:

— E quanto aos outros?

Mais uma vez seus olhos se tornaram dissimulados.

— Acho que o senhor quer dizer o cavalheiro que tem aquela loja de raridades. Eu, por mim, não gostava dele, e sou franca com o senhor. Não concordo com esses negócios. Mas do jeito como essas moças são hoje em dia, não adianta falar com elas. E quase sempre vivem para se arrepender.

— Amy teve tempo de se arrepender?

— Não senhor, acho que não.

— Ela foi consultar o Dr. Thomas no dia de sua morte. Não teria sido essa a razão?

— Não senhor. Tenho quase certeza de que não. Oh, eu posso até jurara! Amy estava-se sentindo doente e tinha lá umas coisas, mas era só um resfriado forte e uma tosse danada. Não é nada do que o senhor está pensando. Tenho certeza de que não era, senhor.

— Vou aceitar a sua palavra. Até onde foram as coisas entre ela e o Sr. Ellsworthy?

A Sra. Church olhou-o de esguelha.

— Eu não sei dizer com certeza, senhor. Amy não era do tipo de contar muito as coisas para mim.

— Mas tinham ido longe? — perguntou Luke bruscamente.

— Aquele cavalheiro não tem lá uma reputação muito boa por aqui — disse ela. — Mete-se em uma porção de coisas. E vêm uns amigos da cidade, e acontecem umas coisas esquisitas. Lá na Colina das Bruxas no meio da noite.

— Amy foi?

— Acho que ela foi uma vez, senhor. Passou a noite inteira, o Lord soube... ela trabalhava lá nessa época... e falou muito bravo com ela, ela deu-lhe umas respostas, e ele mandou-a embora por causa disso, o que era de se esperar.

— Ela lhe falava dos lugares onde trabalhava?

A Sra. Church sacudiu a cabeça.

— Não muito, senhor. Estava mais interessada nas coisas dela.

— Trabalhou durante certo tempo com o Major Horton, não trabalhou?

— Quase um ano, senhor.

— Por que ela saiu?

— Porque arranjou coisa melhor. Tinha um lugar vago em Manor e, naturalmente, o ordenado lá era melhor.

Luke concordou.

— Estava com os Hortons quando a Sra. Horton morreu?

— Sim, senhor. Ela reclamava muito então... com duas enfermeiras, e com todo o trabalho extra que as enfermeiras

queriam, e as bandejas e uma coisa e outra.

— Nunca esteve com o Sr. Abbot, o advogado?

— Não senhor. O Sr. Abbot tem um casal de empregados que faz o serviço para ele. Amy foi vê-lo uma vez no seu escritório, mas eu não sei por quê.

Luke anotou aquele pequeno fato que poderia ser relevante. Mas desde que a Sra. Church nada mais sabia sobre o fato, não prosseguiu com o assunto.

— Havia outros cavalheiros na cidade que eram seus amigos?

— Nada que eu deva dizer.

— Vamos, Sra. Church. Lembre-se, eu quero a verdade.

— Não era um cavalheiro, senhor. Muito longe disso. Ela estava-se rebaixando, isso é que era, e eu falei para ela.

— A senhora se importaria de falar mais claramente, Sra. Church?

— O senhor já deve ter ouvido falar do Seven Stars. Não é uma casa de classe, e o dono, Henry Carter, um sujeito de classe baixa, e no pileque a maior parte do tempo.

— Amy era sua amiga?

— Uma vez ou outra ia dar uma volta com ele. Não acho que tivesse alguma coisa mais do que isso. De verdade, que não acho, senhor.

Luke concordou pensativo e mudou o assunto.

— Conhecia um menino chamado Tommy Pierce?

— O quê? O filho do Sr. Pierce? De certo que sim. Sempre metido em algum malfeito.

— Ele se encontrava muito com Amy?

— Oh, não senhor! Amy o teria logo mandado embora com um puxão de orelha, se ele tentasse pregar uma das peças dele nela.

— Ela estava contente em trabalhar para a Sra. Waynflete?

— Achava um pouco cacete, senhor, e o ordenado não era alto. Mas naturalmente depois do jeito que ela tinha sido despedida de Manor não era fácil arranjar outro emprego.

— Ela podia ter ido embora?

— Para Londres, o senhor quer dizer?

— Ou alguma outra parte do país?

Ela sacudiu a cabeça e disse devagar:

— Amy não queria ir embora de Wychwood. Não do jeito que estavam as coisas.

— O que a senhora quer dizer com “do jeito que estavam as coisas”?

— Com Jim, e o cavalheiro da loja de raridades.

Luke concordou pensativo. Ela continuou:

— A Sra. Waynflete é muito distinta mas muito exigente com os bronzes e as pratas, e queria tudo muito bem espanado e os colchões virados. Amy não ia agüentar todo esse espalhafato, se não estivesse se divertindo por outro lado.

— Posso imaginar — disse Luke secamente. Recapitulou mentalmente o caso, e não achou mais nada para perguntar.Tinha toda a certeza de que tinha extraído da Sra. Church tudo o que ela sabia. Decidiu fazer uma última tentativa.

— Acho que a senhora pode adivinhar a razão de todas essas perguntas. As circunstancias da morte de Amy são um tanto misteriosas. Não estamos completamente satisfeitos com a versão de acidente. E, se não foi acidente, a senhora pode imaginar o que foi.

— Crime! — disse a Sra. Church com uma espécie de satisfação mórbida.

— Exatamente. E supondo que tenha sido, quem acha a senhora que seja o mais provável responsável pela morte de sua sobrinha?

A Sra. Church limpou as mãos no avental.

— Vai haver uma recompensa para quem puser a Polícia na pista certa? — perguntou ela insinuante.

— Pode ser que sim — respondeu Luke.

— Eu não gosto de dizer com certeza — disse a Sra. Church, passando a língua ávida pelos lábios — mas o cavalheiro da loja de raridades é esquisito. O senhor se lembra do caso Castor, e daquela pobre moça. E houve outras cinco ou seis moças que sofreram a mesma coisa. Quem sabe esse Sr. Ellsworthy é um homem deste tipo.

— Então essa é a sua opinião?

— Bem, pode ser que tenha sido isso, não pode?

Luke admitiu que era possível e perguntou:

— O Sr. Ellsworthy estava fora da cidade no dia do Grande Prêmio? Isto é muito importante.

A Sra. Church encarou-º

— No dia do Grande Prêmio?

— Sim. Duas semanas antes da última quarta-feira.

Ela sacudiu a cabeça.

— Francamente, isso eu não sei dizer. Geralmente está fora nas quartas-feiras; vai toda hora para a cidade. Quarta-feira é dia de fechar mais cedo, o senhor sabe.

— Ah! — disse Luke. — É dia de fechar mais cedo!

Foi embora, ignorando as insinuações da Sra. Church de que o seu tempo era valioso e portanto ela merecia uma compensação monetária. Percebeu que a Sra. Church o desagradava profundamente. Entretanto, a conversação que mantivera com ela, apesar de não ter sido perfeitamente elucidativa; havia-lhe proporcionado várias sugestões.

Capítulo 15

Recapitulou tudo cuidadosamente. Sim, tudo se concentrava naquelas quatro pessoas: Thomas, Abbot, Horton e Ellsworthy. Parecia-lhe que a atitude da Sra. Waynflete provava isso. A sua aflição e a sua relutância em mencionar um nome. Naturalmente isto significava — deveria significar — que a pessoa em questão era alguém de posição em Wychwood, alguém a quem uma insinuação casual poderia causar injúria. Isto explicava também a determinação da Sra. Fullerton em levar as suas suspeitas até a Polícia de Londres. A Polícia local acharia ridícula sua teoria. Não era um caso com um simples mecânico de garagem. A pessoa em questão era da espécie contra quem uma acusação de assassinato era fantástica, e, além do mais, muito séria. Havia quatro possíveis candidatos. Dependia agora dele examinar mais uma vez o caso contra cada um deles e chegar a uma conclusão.

Começaria por examinar a relutância da Sra. Waynflete. Era uma pessoa conscienciosa e com escrúpulos. Ele achava que sabia de quem ela suspeitava mas isso era, como ela mesma salientara, apenas uma suspeita da sua parte. Quem teria a Sra. Waynflete em mente? Ela receava que sua acusação pudesse atingir um homem inocente. Portanto, o objeto de sua suspeita deveria ser um homem de alta posição, apreciado de um modo geral, e respeitado pela comunidade. Portanto, disso Luke estava convencido, excluía o Sr. Ellsworthy. Ele era praticamente um estranho em Wychwood; sua reputação não era nada boa, era má. Luke acreditava que, se o Sr. Ellsworthy fosse a pessoa que a Sra. Waynflete tinha em mente, ela não faria nenhuma objeção em dizer. Portanto, levando em consideração a Sra. Waynflete, eliminaria Ellsworthy.

Agora, quanto aos outros. Luke acreditava que podia eliminar também o Major Horton. A Sra. Waynflete havia refutado de maneira calorosa a sugestão de que Horton poderia ter envenado sua mulher. Se tivesse suspeitas de que ele tivesse cometido outros crimes posteriores, não seria tão positiva sobre a sua inocência na morte da Sra. Horton.

Isso deixava o Dr. Thomas e o Sr. Abbot. Ambos preenchiam os requisitos necessários. Eram os dois de alta categoria profissional, contra quem nunca fora lançada uma suspeita de escândalo. De uma maneira geral, eram ambos populares e benquistos e eram tidos como homens íntegros e de caráter.

Luke passou a um outro aspecto da questão. Poderia, pessoalmente, eliminar Ellsworthy e Horton? Sacudiu a cabeça prontamente. Não era tão simples assim. A Sra Fullerton sabia — sabia realmente — quem era o homem. Isto ficara provado, primeiramente pela sua morte, e em segundo lugar pela morte do Dr. Humbleby. Mas a Sra. Fullerton nunca dissera o nome para a Sra. Waynflete. Portanto, apesar de ela achar que sabia, poderia muito bem estar errada. Com freqüência sabemos o que as outras pessoas estão pensando, mas às vezes acabamos descobrindo que afinal não sabíamos, e estávamos cometendo um enorme engano.

Por conseguinte, os quatros suspeitos permaneciam em cena. A Sra. Fullerton estava morta e não poderia mais ajudar. Era Luke que tinha que fazer o que já fizera antes, no dia seguinte à sua chegada a Wychwood — pesar as provas e considerar as possibilidades.

Começou com Ellsworthy. Diante das circunstâncias, Ellsworthy era o mais provável.

“Façamos o seguinte”, disse ele consigo mesmo. Suspeitemos de um de cada vez. Ellsworthy, por exemplo: Digamos que seja ele o assassino. Por enquanto, vamos admitir isso como certo. Agora, tomemos as prováveis vítimas em ordem cronológica. Primeiro, a Sra. Horton. É difícil imaginar que motivo poderia ter o Sr. Ellsworthy para se livrar da Sra. Horton. Porém, houvera meio de faze-lo. Horton falara de uma charlatanice qualquer que ele lhe enviara e que ela tomara. Um veneno com o arsênico poderia ter sido ministrado desta maneira. A questão era por quê?

Agora, as outras. Amy Gibbs. Por que Ellsworthy matou Amy Gibbs? Por uma razão óbvia — ela se tornara incômoda. Talvez o estivesse ameaçado com uma ação de quebra de promessa. Ou talvez tivesse assistido a uma das orgias da meia-noite. Teria ameaçado contar? Lord Easterfield tem muita influência em Wychwood e, de acordo com Bridget, é um homem de muita moral. Ele poderia criar um caso contra Ellsworthy, se este estivesse metido em algo particularmente reprovável. Então, fim de Amy Gibbs. Não é um assassino sádico, penso eu. Os métodos empregados confirmam isso.

Quem vem em seguida? Carter. E por que Carter? Muito pouco provável que ele soubesse das orgias da meia-noite. Ou teria Amy lhe contado? Estaria a sua bonita filha metida nisso? Estaría Ellsworthy tentando conquista-la? Precisava dar uma olhada em Lucy Carter. Talvez ela tivesse ofendido Ellsworthy, e ele se ressentisse. Se realmente já tivesse cometido um ou dois assassinatos, já poderia estar ficando suficientemente calejado para cometer um outro crime por um pequeno motivo.

Agora, Tommy Pierce. Por que Ellsworthy matou Tommy Pierce? Simples. Tommy assistira a um dos rituais noturnos.

Tommy ameaçou falar. Talvez estivesse falando. Fecha-se a boca de Tommy.

Dr. Humbleby. Por que Ellsworthy matou Humbleby? Este era o mais fácil de todos. Humbleby era médico e provavelmente já notara que as condições mentais de Ellsworthy não eram boas. Provavelmente se preparava para tomar alguma atitude sobre a questão. Portanto, Humbleby estava condenado. Mas aqui havia um problema quanto ao método empregado. Como Ellsworthy fez para o Dr. Humbleby morrer de septicemia? Ou teria Humbleby morrido de alguma outra coisa? Seria o dedo infeccionado uma coincidência?

A última delas, Sra. Fullerton. Fechava mais cedo às quartas-feiras. Ellsworthy poderia ter ido até à cidade aquele dia. Imagino se ele tem um carro. Nunca o vi num mas isso nada prova. Ele sabia que ela suspeitava dele, e não ia arriscar a possibilidade de a Scotland Yard acreditar na sua história. Talvez já tivesse alguma passagem pela Polícia.

Aí estava o caso contra Ellsworthy! Agora, o que tinha ele a seu favor? Bem, antes de mais nada, não é o homem que a Sra. Waynflete tinha em mente. Por outro lado, ele não se enquadra, perfeitamente, com a idéia que eu faço do assassino. Quando ela estava falando imaginei um homem, e não era um homem parecido com Ellsworthy. A impressão que me deu é de que era um homem bem comum — aparentemente, é claro — o tipo do homem de quem ninguém suspeitaria. Ellsworthy é o tipo do homem de quem se suspeita. Não, faço mais a idéia de um homem comum — Dr. Thomas.

Vejamos Thomas. Que sabemos dele? Eu risquei seu nome da lista depois de ter conversado com ele. Um sujeito simpático,

acessível. Mas o que se presume sobre esse assassino — a menos que eu esteja completamente errado — é que ele seja um sujeito simpático e acessível. A última pessoa que se suspeitaria ser um assassino! Que é exatamente o que se sente em relação ao Dr. Thomas!

Agora, examinemos tudo novamente. Por que o Dr. Thomas matou Amy Gibbs? Na realidade, parece muito pouco provável que o tenha feito. Porém ela foi vê-lo naquele dia, e ele lhe deu aquele vidro de xarope. Suponhamos que fosse realmente ácido oxálico. Isto seria muito engenhoso e fácil. Quem tinha sido chamado quando ela foi encontrada envenenada? Humbleby ou Thomas? Se tivesse sido Thomas, ele poderia ter levado facilmente uma garrafa de tinta de chapéu no bolso, posto discretamente sobre a mesa, e levar as duas garrafas para serem analisadas, com o maior descaramento. Algo assim. Poderia ser feito se fosse suficientemente calmo.

Tommy Pierce? Mais uma vez não acho um motivo justificável. Isto é o que há de difícil com o Dr. Thomas — motivo. Não há nem mesmo um motivo fantástico. O mesmo no que se refere a Carter. Por que haveria o Dr. Thomas de querer livrar-se de Carter? A única coisa que se pode presumir é que Amy, Tommy e o taberneiro soubessem alguma coisa do Dr. Thomas que não deveria ser conhecida. Ah, supondo-se agora que essa coisa fosse a morte da Sra. Horton. Dr. Thomas a atendeu. E ela morreu de uma recaída inesperada. Ele poderia facilmente ter dado um jeito nisso. E Amy Gibbs, convém lembrar, trabalhava lá na ocasião. Poderia ter visto ou ouvido alguma coisa. Isso era uma explicação no que se referia a ela. Tommy Pierce, já sabemos de fonte fidedigna, era um menino particularmente intrometido. Poderia ter querido bancar o esperto. Não consigo encaixar

Carter. A menos que Amy Gibbs lhe houvesse contado alguma coisa. Ele podia repetir em suas bebedeiras, e Thomas havia resolvido silencia-lo também. Tudo isso, naturalmente, não passa de conjeturas. Mas o que mais se pode fazer?

Agora, Humbleby. Ah, finalmente chegamos a um crime perfeitamente plausível! Motivo adequado e possibilidades ideais. Se o Dr. Thomas não era capaz de provocar em seu colega um envenenamento sanguíneo, ninguém mais o seria. Podia infectar a ferida toda vez que fizesse curativo. Gostaria de que os crimes anteriores fossem um pouco mais plausíveis.

A Sra. Fullerton? É mais difícil, mas não há nada de positivo. Dr. Thomas estava ausente de Wychwood pelo menos durante grande parte do dia. Espalhou que estava atendendo um parto. Podia ser. Mas o fato é que ele estava ausente de Wychwood, de carro. Havia mais alguma coisa? Sim, mais uma coisinha. O jeito dele me olhar quando saí de sua casa, no outro dia. Superior, condescendente, o sorriso de um homem que está por cima, e sabe disso.

Luke suspirou, sacudiu a cabeça e continuou com o seu raciocínio. Abbot? Ele também é o tipo do homem certo. Normal, abastado, respeitável, a última pessoa a se imaginar, e tudo o mais. Conceituado também, e confiante. Os assassinos, em geral, o são. São presunçosos. Sempre acham que vão sair-se bem. Amy foi visitá-lo uma vez. Por quê? Para que queria ela vê-lo? Alguma consulta legal? Por quê? Ou seria um caso particular? Havia uma menção a uma carta de uma mulher, lida por Tommy. Seria esta carta de Amy Gibbs? Ou seria uma carta escrita pela Sra. Horton, uma carta que Amy conseguira apanhar? Que outra mulher poderia ter escrito ao Sr. Abbot algo de tão particular que o fizesse

descontrolar-se quando o menino inadvertidamente viu a carta? Que mais se poderia dizer com respeito a Amy Gibbs? A tinta de chapéu? Sim, era o tipo da coisa com um toque antiquado. Homens do tipo de Abbot estão sempre muito atrasados no que se refere a mulheres. O tipo de Dom Juan dos velhos tempos. Tommy Pierce? Óbvio no que se refere às cartas — na verdade, tinha que ser uma carta e tanto. Carter? Havia complicações com a filha de Carter. Abbot não ia facilitar um escândalo. Um desordeiro de baixa categoria, um imbecil como Carter tentando ameaça-lo. A ele que já se saíra bem de dois crimes inteligentes? Um fim em Carter! Uma noite escura, e um empurrão bem dirigido. Francamente, este negócio de matar está se tornando muito fácil.

Será que compreendi a mentalidade de Abbot? Acho que sim. Um olhar desagradável nos olhos de uma velha senhora. Ela está com idéias sobre ele. Em seguida uma briga com Humbleby. O velho Humbleby atrevendo-se ir contra Abbot, o brilhante advogado e assassino. O velho bobo — mal sabe o que o espera! Ele está provocando, querendo me amedrontar!

E depois? Encontrando os olhos de Lavínia Fullerton. E seus próprios olhos vacilam, mostrando um sentimento de culpa. Ele que se vangloriava de não despertar suspeitas, atraindo suspeitas sobre si. A Sra. Fullerton conhece seu segredo. Sabe o que ele fez. Sim, mas não pode ter provas. Mas supondo-se que ela saia por aí procurando. Supondo-se... Ela é muito perspicaz para julgarem caráter. Adivinha o que ela acabará fazendo. Se ela for a Scotland Yard com essa história, é bem capaz que acreditem nela. Pode ser que abram um inquérito. Algo de desesperado tem que ser feito. Possuirá Abbot um carro, ou terá alugado um em Londres? De qualquer modo estava ausente da cidade no dia do Grande

Prêmio.

Mais uma vez, Luke fez uma pausa. Estava tão entrosado no espírito da coisa, que sentia dificuldade em passar de um suspeito para outro. Teve que esperar uns instantes antes de conseguir penetrar no espírito em que visualizava o Major Horton como um assassino bem sucedido.

Horton matou a mulher. Comecemos por aí. Tinha ampla motivação e lucrou consideravelmente com a sua morte. De maneira a executa-la com sucesso, teve que fazer o papel de marido devotado. Tinha que continuar agindo assim. Algumas vezes ele, digamos assim, exagerava um pouco.

Muito bem, um crime executado com sucesso. Qual é o seguinte? Amy Gibbs. Sim, perfeitamente aceitável. Amy estava na casa. Pode ter visto alguma coisa: o Major administrando uma reconfortante xícara de caldo ou um mingau. Pode não ter ligado ao que viu até algum tempo depois. A tinta de chapéu é o tipo do recurso que ocorreria ao Major — um homem muito masculino, com pouco conhecimento das frivolidades femininas. Tudo explicado e acertado com relação a Amy Gibbs.

O bêbado Carter? A mesma sugestão de antes. Amy contara-lhe alguma coisa. Avante com outro crime.

Agora Tommy Pierce. Temos que voltar à sua mania de se intrometer. Não seria a carta no escritório de Abbot da Sra. Horton queixando-se que seu marido queria mata-la? É apenas uma fantástica suposição, porém plausível. De qualquer maneira o Major descobre que Tommy é uma ameaça, e por isso, Tommy vai juntar-se a Amy e Carter. Tudo tão simples e direto. É fácil matar! Meu Deus, é!

Mas agora chegamos a algo mais difícil: Humbleby! Motivo? Muito obscuro. No início era Humbleby que atendia a Sra. Horton. Ele estava intrigado com a doença; teria Horton influenciado sua mulher a mudar para o médico mais jovem, menos suspeitoso? Mas se assim fosse o que tornou Humbleby perigoso tanto tempo depois? Esse era um ponto difícil. A maneira de sua morte, também. Um dedo infectado. Não está de acordo com o Major.

A Sra. Fullerton? Esta era perfeitamente possível. Ele tem um carro. Eu vi. E estava ausente de Wychwood naquele dia. Supostamente tinha ido às corridas. Podia ser. Será Horton um assassino de sangue frio? Será? Gostaria de saber.

Luke olhou fixo à sua frente. Tinha o semblante preocupado.

É um deles. Não acho que seja Ellsworthy, mas pode ser. É o mais provável de todos. Thomas é o menos provável — se não fosse a maneira pela qual morreu o Dr. Humbleby. Aquele envenenamento sanguíneo indica positivamente um médico. Pode ser Abbot. Não há tantas provas contra ele quanto há contra os outros, mas de qualquer maneira posso vê-lo no papel de assassino. Sim, ele se enquadra melhor que os outros. E pode ser Horton. Infernizado durante anos por sua mulher, sentindo a sua insignificância... sim, pode ser. Mas a Sra. Waynflete não acha que seja, e ela não é nenhuma tola, e conhece o lugar e as pessoas que vivem nele.

De quem suspeita ela? Abbot ou Thomas? Deve ser um dos dois. Se eu a atacasse diretamente — qual deles é o criminoso? — talvez eu lhe arrancasse a verdade. Mas pode ser que ela esteja errada. Ela não pode provar que está certa — como provou a Sra. Fullerton. Mais provas — eis o que eu quero. Se houvesse mais

um caso — só mais um — então eu saberia.

Ele parou assustado. “O que eu estou pedindo é mais um assassinato!” disse sem fôlego.

Capítulo 16

No bar do Seven Stars, Luke tomava uma bebida, bastante constrangido. Meia dúzia de pares de olhos seguiam os seus menores movimentos, e a conversa fora interrompida quando ele entrara. Luke tentou alguns comentários de interesse geral sobre as colheitas, o tempo, futebol, mas não obteve resposta. Estava reduzido ao galanteio. Concluiu, acertadamente, que a moça atraente que servia no balcão, de cabelos negros e faces coradas, era Lucy Carter. Suas tentativas foram bem acolhidas. A Srta. Carter, entre risadinhas, dizia:

— O senhor tem cada uma! Aposto que não sente nada disso!... Isso é só conversa! — e outras frases semelhantes. Mas seu modo de agir era visivelmente mecânico.

Luke, percebendo que não havia vantagem em ficar, terminou sua cerveja e saiu. Seguiu o caminho que levava até uma ponte estreita de pedestres que atravessava o rio. Estava parado, olhando, quando uma voz trêmula disse atrás de si.

— Foi aí, senhor. Foi aí que o velho Carter caiu.

Luke virou-se e deparou com um de seus companheiros do bar — um que particularmente não respondera aos seus comentários sobre as colheitas, tempo, ou futebol. Agora era visível que estava prazenteiramente disposto a servir de guia para algo mórbido.

— Afundou na lama — continuou o velho camponês. — Bem na lama, e ficou enfiado nela de cabeça para baixo.

— Quem sabe alguém o empurrou — disse Luke, fazendo a

sugestão de uma maneira casual.

— Podiam fazer isso — disse o camponês. — Mas não sei quem é que ia fazer uma coisa destas.

— Ele podia ter alguns inimigos. Era bastante insolente quando estava bêbedo, não era?

— Ele tinha uma língua danada! Não pensava no que dizia, isso Harry não pensava. Mas ninguém vai empurrar um homem que está bêbedo.

Luke não refutou o seu argumento. Era evidente que ele considerava nada esportivo o fato de tirar vantagem da embriaguez de um homem. O camponês parecia bastante chocado só com a idéia.

— Bem — disse de maneira vaga, — o negócio foi triste.

— Pra patroa dele mais do que pra ninguém — disse o velho. — Se bem que eu acho que ela e Lucy não perderam lá grande coisa.

— Deve haver outras pessoas que se sintam felizes em tê-lo fora do caminho.

O velho mostrou-se meio vago.

— Pode ser — disse. Mas Harry não fazia por mal.

Com este epitáfio sobre o finado Harry, eles se separaram.

Luke tomou a direção do prédio da biblioteca. Logo à entrada, o edifício era dividido em duas salas, que determinavam a sua utilização. Luke dirigiu-se ao fundo através de uma porta onde se lia numa placa: MUSEU. Uma vez aí, passou de estante em

estante, examinando as peças não muito animadoras. Algumas curiosidades dos Mares do Sul, uma cabeleira malaia, deuses de várias tribos índias “ofertadas pelo Major Horton”, juntamente com um Buda grande de olhar malévolo e uma estante de colares egípcios de procedência duvidosa.

Luke saiu novamente para o hall. Não havia ninguém por perto. Silenciosamente subiu as escadas. Achou-se numa sala com revistas e jornais e, a seguir, numa outra cheia de livros de literatura. Luke subiu mais um andar. Aí, havia salas cheias com o que ele, particularmente, chamava de trastes. Pássaros empalhados removidos do museu por terem sido atacados por traças, pilhas de revistas rasgadas, e uma sala cujas prateleiras estavam cheias de obras de ficção antigas e livros infantis.

Luke aproximou-se da janela. Era ali que Tommy Pierce devia ter-se sentado, talvez assobiando e limpando um vidro da janela quando ouviu alguém entrar. Alguém havia entrado. Tommy mostrara seu capricho, sentando meio para fora da janela, esfregando com gosto. E então, aquele alguém se dirigira até ele e, enquanto conversava, dera-lhe um súbito e rápido empurrão.

Luke voltou. Desceu as escadas e parou uns instantes no hall. Ninguém o vira entrar. Ninguém o vira subir as escadas. “Qualquer um podia tê-lo feito” pensou ele. “A coisa mais fácil do mundo.” Ouviu passos vindos da direção do gabinete da livraria. Desde que era um homem inocente, que não fazia questão de ser visto, podia ficar onde estava. Na hipótese de não querer ser visto, seria facílimo recuar pela porta até a sala do museu.

A Sra. Waynflete saiu da biblioteca, com uma pequena pilha de livros sob o braço. Estava calçando as luvas. Tinha um ar ativo e satisfeito. Quando o avistou, seu rosto se animou e ela disse:

— Oh, Sr. Fitzwilliam, esteve no museu! Receio que, na verdade, não havia muita coisa. Lord Easterfield disse que nos vai arranjar umas peças realmente interessantes.

— É mesmo?

— Sim, alguma coisa moderna, o senhor sabe, contemporânea. Como tem o Museu Histórico de Londres. Ele sugeriu um modelo de aeroplano, uma locomotiva, e aparelhos químicos, também.

— Talvez isso animasse o museu.

— Sim, eu não acho que um museu deva restringir-se unicamente às coisas passadas, não é?

— Talvez não.

— E uma seção sobre alimentação também... calorias e vitaminas... e tudo o que se relacione com isso. Lord Easterfield está tão entusiasmado com a sua campanha de desenvolvimento!

— Foi o que ele me disse outro dia.

— É só sobre o que se fala no momento, não? Ele me contou a visita que fez a um laboratório de pesquisas e como viu uma porção de germes, culturas e bactérias; ele me fez estremecer. E me contou sobre mosquitos e doenças de sono, e algumas outras coisas que, creio, eram um pouco difíceis para mim.

— Acho que era um pouco difícil para Lord Easterfield — disse Luke. — Aposto que ele entendeu tudo errado. A senhora tem uma mente muito mais sagaz do que ele, Sra. Waynflete.

— É muito gentil de sua parte — disse ela sisuda — mas acho que as mulheres nunca tenham tanta capacidade intelectual

quanto os homens.

Luke reprimiu o desejo de criticar a capacidade intelectual de Lord Easterfield. Mudou de assunto.

— Vi o museu mas depois subi para dar uma olhada nas janelas.

— Na janela em que Tommy... — a Sra. Waynflete estremeceu. — É mesmo horrível.

— Sim, não é um pensamento muito agradável. Passei cerca de uma hora com a Sra. Church... a tia de Amy... Não é uma mulher simpática.

— Nem um pouco.

— Tive que tomar uma atitude meio drástica com ela — disse Luke. — Acho que ela pensa que eu sou uma espécie de superpolicial.

Interrompeu-se quando notou a súbita mudança de expressão da Sra. Waynflete.

— Oh, Sr. Fitzwilliam, acha que isso foi sensato?

— Na verdade, não sei — disse Luke. — Acho que foi inevitável. Aquela história de escrever um livro não estava mais convencendo. Não podia obter com aquilo mais do que já conseguira. Tinha que fazer perguntas diretas.

Ela sacudiu a cabeça e a preocupação não abandonara seu rosto.

— Lugar como este, as coisas se espalham muito depressa.

— A senhora receia que todo o mundo diga — "Lá vai o tira" — quando eu passar pela rua? Acho que isso agora não tem mais importância. Na realidade, pode ser até que me ajude.

— Não era isso que eu estava pensando — disse a Sra. Waynflete, meio ofegante. — O que eu quero dizer é que ele vai saber que o senhor está na sua pista.

— Suponho que sim — disse Luke devagar.

— Mas o senhor não percebe que isso é muito perigoso? Muito? — perguntou a Sra. Waynflete.

— A senhora quer dizer... — Luke alcançara afinal aonde ela queria chegar — ... a senhora quer dizer que o assassino vai querer dar cabo de mim?

— Sim.

— Engraçado — disse Luke. — Não havia pensado nisso! Mas acho que a senhora tem razão. Bem, talvez isso fosse a melhor coisa que pudesse acontecer.

A Sra. Waynflete falou com veemência.

— Acho que o senhor não se deu conta de que ele... é um homem muito esperto. E precavido, também. E, lembre-se, ele tem uma grande experiência, talvez mais do que a gente pensa.

— Sim — disse Luke pensativo — Isso talvez seja verdade.

— Oh! Eu não gosto disso. Para dizer a verdade, sinto-me completamente alarmada!

— A senhora não precisa ficar assustada — disse Luke suavemente. — Eu tomarei muito cuidado. Posso lhe assegurar.

Veja, eu restringi ao máximo as possibilidades. De qualquer modo, eu tenho uma idéia de quem possa ser o assassino.

Ela olhou-o rápida. Luke aproximou-se. Abaixou a voz num sussurro.

— Sra. Waynflete, se eu lhe perguntasse qual dentre dois homens a senhora acha o mais provável: Dr. Thomas ou o Sr. Abbot, o que a senhora me diria?

— Oh! — exclamou a Sra. Waynflete. Apertou o peito com a mão. Recuou um passo. Seus olhos cruzaram com os de Luke e havia neles uma expressão que o intrigou. Mostravam impaciência e algo mais, parecido com isso que ele não sabia distinguir exatamente. Ela disse: — Não posso dizer nada!

Virou-se bruscamente e Luke ouviu um som curioso, meio suspiro, meio soluço. Desistiu.

— A senhora vai para casa? — perguntou.

— Não, ia levar esses livros para a Sra. Humbleby. Fica no mesmo caminho de Manor. Podíamos fazer parte do percurso juntos.

— Isto será muito agradável — disse Luke.

Desceram os degraus, viraram para a esquerda e contornaram o jardim. Luke olhou para trás, admirando as linhas sólidas da casa que haviam acabado de deixar.

— Deve ter sido uma linda casa no tempo de seu pai — disse.

A Sra. Waynflete suspirou.

— Sim. Fomos todos muito felizes nesta casa. Fico tão

contente que ela não tenha sido demolida. Tantas casas daquele tempo o foram.

— Eu sei. Isso é triste.

— E as novas não são tão bem construídas.

— Duvido que resistam ao tempo como as outras.

— Mas naturalmente — disse a Sra. Waynflete — as casas modernas são práticas, não dão tanto trabalho, não têm aqueles corredores grandes e ventosos para esfregar.

Luke concordou. Quando chegaram ao portão da casa da Sra. Humbleby a Sra. Waynflete hesitou e disse:

— Uma tarde tão bonita! Se o senhor não se importar, acho que gostaria de caminhar um pouco mais. O ar está tão agradável.

Um tanto surpreso, Luke polidamente demonstrou o seu prazer. Não era o que ele chamaria exatamente de uma tarde tão bonita. Havia um vento forte, que arrancava as folhas das árvores. Parecia-lhe que a qualquer minuto poderia desencadear uma tempestade. No entanto, a Sra. Waynflete, agarrando o chapéu com uma das mãos, caminhava ao seu lado, parecendo sentir grande prazer, e falando meio ofegante.

Haviam tomado um atalho meio solitário, pois o caminho mais curto da casa do Dr. Humbleby até Ashe Manor não era a estrada principal, mas um atalho lateral que conduzia ao portão traseiro da casa. Este portão não era do mesmo ferro forjado, mas tinha dois bonitos pilares encimados por dois enormes abacaxis cor-de-rosa. Por que abacaxis, Luke não saberia dizer. Mas imaginou que para Lord Easterfield, abacaxis significassem

distinção e bom gosto. Quando se aproximavam do portão, ouviram vozes raivosas. Logo a seguir, avistaram Lord Easterfield enfrentando um homem jovem, de uniforme de chofer.

— Você está despedido "— gritava ele — Ouviu! Está despedido!".

— Se o senhor deixasse passar desta vez, Lord, só desta vez!

— Não, não vou deixar passar! Sair com o meu carro! Meu carro! E o que é pior, você andou bebendo!... Sim, andou, não negue! Deixei bem claro que há três coisas que eu não tolero na minha propriedade: uma é embriaguez, outra é imoralidade e a terceira é insolência!

Apesar do homem não estar propriamente bêbedo, tinha bebido o suficiente para perder o controle da língua. Suas maneiras mudaram.

— O senhor não tolera isso, e o senhor não tolera aquilo, seu velho molenga! Sua propriedade! Pensa que todo mundo não sabe que seu pai tinha uma loja de sapatos aqui! Nós perdemos o fôlego de tanto rir, vendo o senhor se exibindo por aí como um pavão! Quem é, afinal de contas, eu gostaria de saber! Não é melhor do que eu, isto é que é!

Lord Easterfield ficou roxo.

— Como é que se atreve a falar comigo deste jeito? Como é que se atreve?

O jovem deu um passo ameaçadoramente em sua direção.

— Eu não lhe quebro a cara porque o senhor não passa de um insignificante porquinho barrigudo.

Lord Easterfield recuou rápido, tropeçou numa raiz e caiu sentado. Luke aproximou-se.

— Dê o fora daqui — disse ríspido ao chofer.

Este recobrara a razão e parecia assustado.

— Sinto muito senhor. Não sei o que aconteceu comigo. Não sei mesmo.

— Eu diria que tomou uns dois copos a mais — disse Luke, ajudando Lord Easterfield a se levantar.

— Eu sinto muito, Lord Easterfield — gaguejou o homem.

— Você vai-se arrepender disso, Rivers! — disse Lord Easterfield.

Tinha a voz trêmula de emoção.

O homem hesitou um instante, e depois, vagarosamente, afastou-se cambaleante. Lord Easterfield explodiu:

— Mas que insolência! Comigo! Falar comigo deste jeito! Algo de muito grave vai acontecer com esse homem! Nenhum respeito! Não sabe o seu devido lugar. Quando penso no que faço por essa gente... bons ordenados, todo o conforto, uma pensão quando se aposentam. Que ingratidão!Que torpe ingratidão!

Ele estava terrivelmente perturbado. Só então viu a Sra. Waynflete de pé, silenciosa.

— É você Honória? Sinto-me profundamente desolado que você tenha presenciado uma cena tão desagradável. A linguagem daquele homem!

— Receio que ele estivesse fora de si, Lord Easterfield — disse

ela convincente.

— Ele estava era bêbedo, isso sim!

— Só um pouquinho alto — disse Luke.

— Sabem o que ele fez? — Lord Easterfield olhava de um para outro. — Saiu com o meu carro... meu carro! Achou que eu não ia voltar tão cedo. Bridget me trouxe no carro pequeno. E aquele sujeito teve o desplante de sair com uma garota... acho que Lucy Carter... no meu carro!

A Sra. Waynflete disse gentilmente:

— Um procedimento muito impróprio.

Lord Easterfield pareceu um pouco mais consolado.

— É mesmo, não é?

— Mas tenho certeza de que ele se arrependerá.

— Eu farei com que se arrependa.

— Você já o despediu — lembrou a Sra. Waynflete.

Lord Easterfield balançou a cabeça.

— Este sujeito vai acabar mal — endireitou os ombros. — Entre Honória, vamos tomar um copo de cherry.

— Obrigado, Lord Easterfield, mas preciso levar estes livros até a casa da Sra. Humbleby. Boa noite, Sr. Fitzwilliam. Agora o senhor estará bem.

Sorriu-lhe e afastou-se eficiente. Sua atitude era tão semelhante à de uma babá que entrega uma criança numa festa,

que Luke suspendeu o fôlego com um súbito pensamento. Seria possível que a Sra. Waynflete o tivesse acompanhado com o único intuito de protege-lo? A idéia parecia ridícula, porém...

A voz de Lord Easterfield interrompeu seu pensamento.

— Honória Waynflete é uma mulher muito competente.

— Muito.

Lord Easterfield começou a caminhar em direção a casa. Ele andava meio duro, esfregando cuidadosamente o traseiro. De repente, deu uma risadinha.

— Certa vez, anos atrás, fui noivo de Honória. Ela era uma jovem bonita... não era tão magricela como é hoje em dia. Engraçado pensar nisso agora. Sua família eram os graúdos do lugar.

— Sim?

— O velho Coronel Waynflete comandava o espetáculo — ruminou Lord Easterfield. — Quando alguém cruzava com ele, tinha que tirar o chapéu e bem depressa. Era da velha escola, e orgulhoso como o diabo. — Deu outra risadinha. — Honória pôs lenha na fogueira quando anunciou que ia casar-se comigo! Ela dizia que era uma radical. Muito fervorosa. Era a favor da abolição de diferença de classes. Era uma jovem do tipo intelectual.

— E a família dela impediu o romance?

— Bem, não exatamente — Disse Lord Easterfield esfregando o nariz. — Para falar a verdade, tivemos uma briga por causa de uma coisa que aconteceu. Ela tinha um passarinho... um desses

canários que cantam sem parar. Foi um negócio desagradável... um acesso de raiva, o pescoço quebrado. Bem, não adianta ficar falando nisso agora. Vamos esquecer.

Sacudiu os ombros como se estivesse espantando uma lembrança desagradável. Depois continuou, gaguejando um pouco:

— Acho que nunca me perdoou. Bem, talvez isso seja natural.

— Acho que ela o perdoou — disse Luke.

— Acha? — disse Lord Easterfield mais animado. — Acha mesmo? Isso me deixa feliz. Sabe, tenho muito respeito por Honória. Mulher competente e uma verdadeira senhora! Isto ainda conta, mesmo nos dias de hoje. Ela dirige muito bem aquela biblioteca.

Ergueu os olhos, e sua voz mudou:

— Olá! — disse ele. — Aí vem Bridget.

Capítulo 17

Luke sentiu-se tenso com a aproximação de Bridget. Não tinham estado a sós desde aquela tarde do jogo de tênis. Por um mútuo acordo se tinham evitado. Olhou-a rapidamente. Parecia provocantemente calma, fria, indiferente.

— Estava começando a imaginar que fim teria levado você, Gordon — disse ela casual.

— Tive uma encrencazinha — resmungou Lord Easterfield. — Aquele sujeito, Rivers, teve a insolência de sair com o Rolls-Royce esta tarde.

— Um crime de lesa-majestade — disse Bridget.

— Não adianta querer fazer uma piada disto, Bridget. É sério. Ele saiu com uma pequena.

— Acho que ele não sentiria prazer nenhum em dar uma volta sozinho.

Lord Easterfield deteve-se.

— Na minha propriedade, eu exijo um procedimento moral e decente.

— Não é propriamente imoral levar uma garota para dar uma volta.

— É, quando é no meu carro.

— Isto naturalmente é mais do que imoralidade! Chega a ser praticamente uma blasfêmia! Mas você não pode eliminar o sexo da face da terra, Gordon. É lua cheia e o verão está praticamente

começando.

— É mesmo? — perguntou Luke.

Bridget lançou-lhe um olhar.

— Isso parece interessa-lo.

— E interessa.

Bridget voltou-se para Lord Easterfield.

— Três pessoas extraordinárias chegaram. Um, um homem de shorts, óculos e uma maravilhosa camisa de seda cor de ameixa! Dois, uma mulher de sobrancelhas depiladas, vestida com uma saia rodada e curta, e uma porção de colares egípcios de imitação e sandálias! Três, um homem gordo num terno cor de alfazema e sapatos combinando. Suspeito que sejam amigos do Sr. Ellsworthy. Dizem as más línguas que vai haver uma festinha na Colina das Bruxas hoje à noite.

— Não vou permitir! — disse Lord Easterfield vermelho de raiva.

— Você não pode impedir, querido. A Colina das Bruxas é propriedade pública.

— Eu não vou permitir esses ritos pagãos por aqui. Vou publicar na coluna de escândalos — fez uma pausa e continuou: — Lembre-me de escrever um artigo sobre isso e mande Siddely publicá-lo. Preciso ir até à cidade amanhã.

— Campanha de Lord Easterfield contra a feitiçaria — disse Bridget irônica. — Superstições medievais ainda proliferam em sossegada vila campestre.

Lord Easterfield encarou-a intrigado, em seguida voltou-se e dirigiu-se para casa.

— Você deve fazer o seu jogo melhor do que isso, Bridget — disse Luke divertido.

— O que você quer dizer?

— Seria uma pena que você perdesse o emprego. Aqueles cem mil ainda não são seus. Nem os diamantes e as pérolas. Se fosse você, esperaria até depois da cerimônia do casamento para exercitar meus dons sarcásticos.

Ela o olhou friamente.

— Você é tão atencioso, meu caro Luke. É gentileza sua se interessar tanto pelo meu futuro.

— Bondade e consideração sempre foram os meus pontos fortes.

— Eu não tinha notado.

— Não? Você me surpreende!

Bridget arrancou com um puxão a folha de uma trepadeira e disse:

— O que você andou fazendo hoje?

— Bancando o detetive como sempre.

— Algum resultado?

— Sim e não, como dizem os políticos. A propósito você tem algumas ferramentas em casa?

— Acho que sim. Que espécie de ferramentas?

— Oh, algumas dessas pequenas, comuns. Queria fazer algumas investigações.

Uns dez minutos mais tarde, Luke tinha escolhido o que queria na prateleira de um armário.

— Essas servirão muito bem — disse batendo no bolso onde as guardara.

— Você está com idéia de arrombar alguma coisa?

— Pode ser.

— Você está muito reservado sobre o assunto.

— Bem, afinal de contas, a situação está cada vez mais difícil. Estou numa posição dos diabos. Depois daquela nossa confusão de sábado, acho que devia sair daqui.

— Se quisesse comportar-se como cavalheiro, devia mesmo.

— Mas como estou convencido de que estou na pista certa de um maníaco homicida, sou mais ou menos forçado a ficar. Se você for capaz de pensar numa razão convincente para eu sair daqui e ir para o hotel, pelo amor de Deus, diga!

Bridget sacudiu a cabeça.

— Isso não seria possível, sendo você meu primo. E além do mais, o Bells and Motley está cheio com os amigos do Sr. Ellsworthy. Eles só têm três quartos de hóspedes.

— Então sou obrigado a ficar, ainda que isso seja penoso para você.

Bridget sorriu-lhe docemente.

— Nem um pouco. Eu sempre dou um jeito de me divertir.

— Esta foi uma piada de mau gosto — disse Luke. — O que eu admiro em você, Bridget, é que não tem o menor senso de bondade. Bem, o amante rejeitado vai trocar-se para o jantar.

A noite passou normalmente. Luke subira no conceito de Lord Easterfield desde a noite em que ouvira, com aparente interesse, o seu discurso. Quando eles entraram na sala, Bridget disse:

— Vocês demoraram.

— Lord Easterfield estava falando sobre um assunto tão interessante que nem vimos o tempo passar. Ele estava contando como fundou o seu primeiro jornal.

— Eu acho essas arvorezinhas frutíferas em vasos simplesmente maravilhosas — disse a Sra. Anstruther. — Você deveria experimentar coloca-las no terraço, Gordon.

E a conversa tomou um caráter generalizado.

Luke retirou-se cedo. Entretanto não foi para a cama. Tinha outros planos. O relógio batia meia-noite, quando ele descia as escadas silenciosamente, calçando tênis. Atravessou a biblioteca e saiu pela janela. O vento ainda soprava em rajadas violentas, em pequenos intervalos. As nuvens corriam ligeiras no céu, escondendo a lua, alternando a escuridão com o clarão da lua. Luke tomou um caminho sinuoso que levava até o estabelecimento do Sr. Ellsworthy. Viu que tinha o caminho livre para levar avante uma pequena investigação. Tinha toda a certeza de que o Sr. Ellsworthy e seus amigos estariam todos fora neste dia. Luke achava que nesta noite de início de verão havia uma

cerimônia marcada. E, enquanto isso se processava, seria uma boa oportunidade para fazer uma busca na casa do Sr. Ellsworthy.

Pulou dois muros, deu a volta até os fundos da casa, pegou no bolso as ferramentas selecionadas e escolheu uma apropriada. Viu que a janela da copa cedia a seus esforços. Alguns minutos mais tarde, esgueirando-se, subia no caixilho e pulava para dentro. Tirou uma lanterna do bolso. Acendeu-a um instante — o suficiente para ver o caminho, evitando esbarrar nas coisas.

Depois de quinze minutos já tinha certeza de que a casa estava vazia. O proprietário estava fora, entretido em seus próprios afazeres. Luke sorriu satisfeito e entregou-se à própria tarefa. Fez uma rápida e completa busca em cada canto e possível esconderijo. Numa gaveta fechada, sob duas ou três aquarelas inexpressivas, encontrou alguns esboços que o fizeram assobiar e levantar as sobrancelhas. A correspondência do Sr. Ellsworthy nada revelou, mas alguns dos seus livros — enfiados na parte de trás de uma prateleira — chamaram a sua atenção. Além disso, Luke conseguira três escassas porem sugestivas informações. A primeira, era uma anotação a lápis rabiscada num caderno de anotações: “Resolver Tommy Pierce.” A data era de dois dias antes da morte do menino. A segunda era um esboço em creiom de Amy Gibbs com dois raivosos riscos vermelhos cruzados sobre seu rosto. A terceira era um vidro de xarope. Nenhuma dessas coisas levava diretamente a uma conclusão mas eram encorajadoras, se tomadas em conjunto.

Luke estava acabando de pôr tudo em ordem, quando repentinamente retesou-se e apagou a lanterna. Acabara de ouvir uma chave sendo introduzida na fechadura de uma porta lateral.

Atravessou a sala e olhou através de uma nesga da porta. Esperava que Ellsworthy — se acaso fosse ele — se dirigisse diretamente para cima.

A porta lateral abriu-se e Ellsworthy entrou, acendendo a luz do hall. Luke viu seu rosto e perdeu a respiração. Estava irreconhecível. Tinha os olhos iluminados por uma estranha exaltação mas o que fez Luke ficar sem respiração foram às mãos. Estavam manchadas de um vermelho escuro, a cor de sangue coagulado. Ele desapareceu escada acima. Um instante depois a luz do hall se apagava.

Luke esperou mais um pouco; depois, com toda a cautela, deslizou pelo hall até a copa, e saiu pela janela. Olhou para a casa mas estava tudo escuro e silencioso. Respirou fundo. “O sujeito é louco, não há dúvida”, pensou. “Gostaria de saber o que ele andou fazendo. Eu podia jurar que tinha sangue nas mãos.”

Deu uma volta, rodeando a vila, e voltou a Ashe Manor por um caminho indireto. Quando ele caminhava pela alameda lateral, um súbito farfalhar de folhas fê-lo dar uma volta rápido.

— Quem está aí?

Um vulto esguio, envolto numa capa escura saiu da sombra de uma árvore. Parecia tão sobrenatural, que Luke sentiu seu coração parar. Então reconheceu o rosto longo e pálido sob o capuz.

— Bridget! Que susto você me pregou!

— Aonde você esteve? Vi quando saiu — perguntou ela brusca.

— E você me seguiu?

— Não. Você foi muito longe. Estava esperando você chegar.

— Isso foi uma tolice — resmungou Luke.

Ela repetiu impaciente a pergunta:

— Aonde você esteve?

— Dando uma batida no Sr. Ellsworthy — disse ele alegremente.

Bridget suspendeu a respiração.

— Encontrou... encontrou alguma coisa?

— Não sei. Fiquei sabendo um pouco mais sobre os gostos daquele suíno... e há três coisas que podem ter importância.

Ela escutou atenta enquanto ele contava o resultado de sua busca.

— Entretanto, isto não é uma prova conclusiva — terminou ele. — Mas Bridget, quando eu ia saindo, Ellsworthy voltou. E eu lhe digo uma coisa: o homem é doido varrido!

— Você acha mesmo?

— Vi o seu rosto! Era... indescritível! Só Deus sabe o que andara fazendo! Estava em transe! E eu juro que suas mãos estavam sujas de sangue!

Bridget estremeceu.

— Que coisa horrível! — murmurou.

Luke disse irritado:

— Você não devia ter saído sozinha, Bridget. Foi uma

completa loucura. Ágüem poderia ter-lhe dado uma pancada na cabeça.

Ela riu trêmula.

— O mesmo se aplica a você, meu caro.

— Eu posso tomar conta de mim.

— E eu também sei tomar conta de mim muito bem. Calejada, é como eu acho que você me chamaria.

Uma súbita rajada de vento açoitou-os. Luke disse, de repente.

— Tire este capuz.

— Por quê?

Com um movimento inesperado, agarrou-lhe a capa e arrancou-ª O vento desmanchou os cabelos dela, fazendo-os dançar ao redor de sua cabeça. Ela olhava para ele, o ritmo da respiração alterado. Luke disse:

— Você não está completa sem uma vassoura, Bridget. Foi assim que eu a vi a primeira vez.

Olhou-a, durante mais alguns segundos, e disse:

— Você é um demoniozinho cruel. — Com um suspiro impaciente recolocou-lhe a capa. — Vamos, vista isso. Vamos para casa.

— Espere!

— Por quê?

Ela se aproximou dele. Falou com uma voz grave, a respiração

alterada.

— Porque tenho algo a lhe dizer. Foi por isso também que o esperei aqui, fora de casa. Quero dizer-lhe isso agora, antes que entremos na casa de Gordon.

— O que é?

Ela deu uma risada curta e amarga.

— Oh, é muito simples! Você ganhou, Luke. Isso é tudo.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Luke rápido.

— Quero dizer que desisti da idéia de ser Lady Easterfield.

Ele deu um passo em sua direção.

— É verdade? — perguntou.

— Sim, Luke.

— Você concorda em casar comigo?

— Sim.

— Por que, é o que eu gostaria de saber.

— Eu não sei. Você diz coisas horríveis para mim, e parece que eu gosto.

Luke tomou-a nos braços e beijou-ª

— Esse mundo é louco — disse.

— Você está feliz, Luke?

— Não particularmente.

— Você acha que será feliz comigo?

— Não sei. Vou arriscar.

— Sim, é isso o que eu sinto.

Ele deixou cair os braços que a envolviam.

— Nós estamos agindo de maneira muito estranha sobre tudo isso, meu bem. Vamos. Talvez nos portemos de maneira mais normal pela manhã.

— Sim. Assusta um pouco a maneira como as coisas acontecem.

De repente, Bridget deteve-o com um puxão.

— Luke!... Luke, o que é aquilo?

A lua saíra de trás das nuvens. Luke olhou para o vulto confuso pouco adiante dos pés de Bridget. Com uma exclamação assustada, soltou-se dela e ajoelhou. Ergueu os olhos do vulto disforme para o pilar. O abacaxi tinha desaparecido. Finalmente, ergueu-se. Bridget estava rígida, de pé, as duas mãos apertadas contra a boca.

— É o chofer... Rivers. Está morto — disse Luke.

— Aquela horrível coisa de pedra... faz tempo que estava solta. Deve ter caído em cima dele.

Luke sacudiu a cabeça.

— O vento não conseguiria fazer isso. Oh, essa foi à intenção... fazer com que parecesse um outro acidente! Mas isso é tapeação! É o criminoso outra vez!

— Não! Não, Luke!

— Ouça. Sabe o que eu achei na sua nuca? Grãos de areia. E não há areia por aqui. Bridget, alguém o esperou e o esmurrou quando saía pelo portão. Em seguida o deitou e empurrou aquele abacaxi de pedra sobre ele.

Bridget disse quase sem voz:

— Luke, suas mãos... suas mãos estão sujas de sangue!

— Há mais alguém com as mãos sujas de sangue! Sabe o que eu estava pensando esta tarde? Que se houvesse mais um crime, nós teríamos certeza. Pois agora nós temos! Ellsworthy! Ele saiu esta noite, e voltou com as mãos sujas de sangue, todo animado e louco... cheio de exultação homicida!

Olhando para baixo, Bridget estremeceu e murmurou:

— Pobre Rivers!...

— Sim, pobre sujeito! — disse Luke penalizado. — Foi um azar. Mas este será o último, Bridget! Agora que sabemos, podemos agarra-lo.

Luke viu-a oscilar e, rápido, tomou-a nos braços. Bridget disse num fio de voz:

— Luke, eu estou com medo.

— Já acabou, querida. Já acabou.

— Seja bom para mim, por favor — murmurou ela. — Eu já fui muito magoada.

— Nós nos magoamos um ao outro. Isso não acontecerá mais.

Capítulo 18

Dr. Thomas olhou para Luke do outro lado da escrivaninha.

— Incrível! — disse. — Incrível! O senhor está mesmo falando sério, Sr. Fitzwilliam?

— Absolutamente! Estou convencido de que Ellsworthy é um maníaco perigoso.

— Não prestei atenção especial ao homem. Entretanto diria que é possível que seja um tipo fora do comum.

— Eu iria bem mais longe do que isso — disse Luke.

— O senhor acredita realmente que esse homem, Rivers, tenha sido assassinado?

— Sim. Notou os grãos de areia no ferimento?

Dr. Thomas concordou.

— Eu os procurei depois que o senhor me falou. Sou obrigado a dizer que o senhor tem razão.

— Isso deixa claro que o acidente foi forjado e que o homem foi morto ou pelo menos desacordado com uma pancada dada com um saco de areia, não é mesmo?

— Não necessariamente.

— O que é que o senhor quer dizer?

Dr. Thomas recostou-se unindo as pontas dos dedos.

— Suponha que aquele homem, Rivers, tivesse deitado durante o dia sobre uma região arenosa. Há muitas por aqui. Isso

poderia explicar os grãos de areia no seu cabelo.

— Estou-lhe dizendo que o homem foi assassinado!

— O fato de o senhor me dizer isso, não o torna realidade — disse secamente o Dr. Thomas.

Luke controlava sua irritação.

— Suponho que não acredita numa palavra do que lhe estou dizendo.

Dr. Thomas sorriu, um sorriso benevolente e superior.

— O senhor tem que admitir, Sr. Fitzwilliam, que é uma história um tanto inverossímil. O senhor afirma que Ellsworthy matou aquela empregada, um menino, um taverneiro bêbedo, meu próprio colega e, finalmente, Rivers.

— O senhor não acredita?

Dr. Thomas encolheu os ombros.

— Tenho um certo conhecimento do caso Humbleby. Parece-me completamente fora de cogitação que Ellsworthy pudesse ter causado a sua morte e, na realidade, acho que o senhor não tem nenhuma prova de que ele o tenha feito.

— Não sei como conseguir — confessou Luke. — Mas está tudo de acordo com a história da Sra. Fullerton.

— E aí, o senhor afirma que Ellsworthy seguiu-a até Londres e atropelou-a com seu carro. Mais uma vez o senhor não tem a menor prova. É tudo tão... tão novelesco!

Luke respondeu bruscamente:

— Agora sei onde piso, arranjarei as provas. Vou a Londres amanhã falar com um antigo companheiro meu. Há dois dias vi no jornal que ele foi promovido a ajudante de comissário. Ele me conhece e ouvirá o que eu tenho a dizer. De uma coisa eu tenho certeza. Ele vai mandar fazer uma completa investigação sobre todo o caso.

Dr. Thomas apoiou a mão no queixo, pensativo.

— Bem, isso será, sem dúvida, bastante satisfatório. Se acontecer do senhor estar errado...

Luke interrompeu-º

— O senhor decididamente não acredita em uma palavra de tudo isso?

— Nesses assassinatos por atacado? — Dr. Thomas ergueu as sobrancelhas. — Para falar com toda a franqueza, Sr. Fitzwilliam, não. É fantástico demais.

— Fantástico, talvez, mas faz sentido. Uma vez que o senhor aceite a história da Sra. Fullerton como verdadeira.

Dr. Thomas escutava sacudindo a cabeça. Tinha um leve sorriso nos lábios.

— Se o senhor conhecesse algumas dessas velhas senhoras como eu conheço... — murmurou.

Luke levantou-se, tentando controlar seu aborrecimento.

— Pelo menos o senhor foi batizado com o nome adequado — disse. — Um incrédulo Thomas! (1)

— Dê-me algumas provas, meu caro — disse Thomas bem-

humorado. — É tudo o que eu peço. E não um monte de bobagens que uma velha senhora imaginou.

— Com freqüência o que as velhas senhoras imaginam é verdadeiro. Minha tia Mildred era positivamente excepcional! O senhor não tem tias, Dr. Thomas?

— Bem... não.

— É pena! — disse Luke. — Todo mundo deveria ter tias. Elas ilustram o triunfo da intuição sobre a lógica. Só as tias são capazes de descobrir que o Sr. A é um trapaceiro porque se parece com um açougueiro desonesto que tiveram certa vez. Enquanto isso, outras pessoas afirmam, baseadas na razão, que o Sr. A não pode ser

_____

(1) N.T. Referencia a São Tomé (Thomas em inglês).

um trapaceiro. E toda vez quem tem razão são as velhas senhoras.

Dr. Thomas sorriu novamente, com o seu ar superior. Sentindo-se novamente irritado, Luke disse:

— O senhor compreende que eu sou um policial? Não sou um completo amador.

Dr. Thomas sorriu.

— Em Maying Straits.

— Crime é crime mesmo em Maying Straits!

— É lógico. É lógico.

Luke deixou o consultório do Dr. Thomas profundamente irritado. Reuniu-se a Bridget, que perguntou:

— Então, que tal foi?

— Ele não acreditou em mim — respondeu Luke. — Pensando bem, não é de estranhar. É uma história fantástica, sem nenhuma prova. O Dr. Thomas não é evidentemente o tipo de homem que acredita em seis coisas impossíveis antes do café da manhã.

— Alguém vai acreditar em você

— Provavelmente ninguém. Mas amanhã, quando eu conseguir falar com Billy Jones, a máquina vai começar a funcionar. Eles vão investigar o nosso amigo Ellsworthy e, no fim, vão ser todos obrigados a chegar a alguma conclusão.

— Você não acha que nós estamos fazendo tudo muito às claras? — perguntou Bridget pensativa.

— Temos que agir assim. Nós não podemos... não podemos arriscar mais crimes.

Bridget estremeceu.

— Tenha cuidado Luke.

— Eu estou tendo cuidado. Não ando perto de pilares que tenham abacaxis, evito a floresta solitária ao cair da noite, examino a comida e a bebida. Sou profundo conhecedor do assunto.

— É horrível saber que você é um homem marcado.

— Desde que você não seja uma mulher marcada, meu bem...

— Talvez seja.

— Acho que não. Mas não pretendo arriscar. Estou tomando conta de você como um anjo da guarda.

— Adiantaria dizer alguma coisa a Policia daqui?

Luke ponderou a sugestão de Bridget.

— Não, acho que não. É melhor ir diretamente a Scotland Yard.

— Foi o que achou a Sra. Fullerton — disse Bridget.

— É, mas eu vou tomar cuidado.

— Já sei o que vou fazer amanhã — disse Bridget. — Vou levar Gordon à loja daquele maluco e faze-lo comprar coisas.

— E assegurar-se assim de que o Sr. Ellsworthy não me prepare uma cilada em Whitehall?

— A idéia é essa.

Meio embaraçado, Luke disse:

— Quanto a Easterfield...

Bridget disse rapidamente:

— Vamos deixar para quando você voltar amanhã. Aí falaremos com ele.

— Vai ser meio repentino, você não acha?

— Bem... – Bridget considerou o problema. — Ele vai ficar aborrecido.

— Aborrecido? Por Deus! Você não está usando o termo

errado?

— Não. Porque veja, Gordon não gosta que o aborreçam. Isso o perturba.

— Eu me sinto um tanto constrangido com isso tudo — disse Luke sério.

E esta sensação se tornou mais forte naquela noite, quando se preparava para ouvir pela vigésima vez Lord Easterfield falando sobre Lord Easterfield. Admitia consigo mesmo que era um truque sujo hospedar-se na casa de um homem e roubar-lhe a noiva. Mas, no fundo, achava que aquele paspalhão emproado, convencido e barrigudo, nunca deveria aspirar a Bridget. Mas sua consciência atormentava-o e então ele ouvia com uma dose redobrada de atenção, o que aumentava grandemente a boa impressão que seu hospedeiro tinha sobre ele. Esta noite, Lord Easterfield estava de particular bom humor. A morte de seu antigo chofer parecia tê-lo deixado animado em vez de deprimido.

— Eu lhes disse que aquele sujeito acabaria mal — vangloriava-se ele erguendo contra a luz o cálice de vinho do porto. — Eu não lhes disse isso ontem à noite?

— Disse mesmo.

— E vejam, eu tinha razão! É incrível a freqüência com que eu acerto as coisas.

— Isso deve ser formidável! — disse Luke.

— Minha vida é maravilhosa... sim, uma vida maravilhosa. Meu caminho se abre a minha frente. Sempre tive grande fé e confiança na Providencia. Este é o segredo, Fitzwilliam... este é o

segredo.

— Sim?

— Sou um homem religioso. Acredito no bem e no mal, e na justiça eterna. Existe a justiça divina, Fitzwilliam, não tenha a menor dúvida.

— Eu também acredito em justiça — disse Luke.

Lord Easterfield, como sempre, não estava interessado nas crenças de outras pessoas.

— Porte-se bem com o seu Criador e seu Criador se portará bem com você! Sempre fui um homem honrado. Fiz subscrições para caridade e fiz o meu dinheiro honestamente. Não devo obrigações a ninguém. Não dependo de ninguém. Lembra-se da Bíblia como os patriarcas se tornaram prósperos, manadas e rebanhos se juntavam a eles, e seus inimigos eram destruídos?

Luke disfarçou um bocejo e disse:

— Sem dúvida. Sem dúvida.

— É impressionante... absolutamente impressionante — continuava Lord Easterfield — ... a maneira como os inimigos de um homem justo são destruídos! Veja o que aconteceu ontem. Aquele sujeito me insultou; foi mais longe ainda, tentou erguer a mão contra mim. E o que aconteceu? Onde está ele hoje?

Fez uma pausa de efeito e respondeu a si mesmo numa voz comovente.

— Morto! Destruído pela cólera divina.

Arregalando um pouco os olhos, Luke disse:

— Talvez tenha sido uma punição um tanto exagerada para umas poucas palavras desagradáveis proferidas depois de um copo a mais.

Lord Easterfield sacudiu a cabeça.

— É sempre assim. O castigo vem rápido e terrível. E há boas e autenticas provas disso. Lembre-se das crianças que caçoaram de Elisha... como os ursos apareceram e devoraram-nas. É sempre assim que acontece, Fitzwilliam.

— Eu sempre achei este castigo um tanto exagerado.

— Não, não. Você está vendo sob um prisma errado. Elisha era um grande e santo homem. Ninguém poderia escapar impune depois de zombar dele. Eu compreendo isso por causa do meu caso em particular.

Luke olhou-o intrigado. Lord Easterfield abaixou a voz.

— A princípio eu mal podia acreditar. Mas acontecia todas às vezes! Meus inimigos e caluniadores eram abatidos e exterminados.

— Exterminados?

Lord Easterfield concordou suavemente e deu um gole no seu porto.

— Uma vez atrás da outra. Um caso quase como o de Elisha... um menino. Eu o encontrei no jardim... era meu empregado nessa ocasião. Sabe o que ele estava fazendo? Estava me imitando!... a mim! Zombando de mim! Pavoneando-se para cima e para baixo, na frente dos outros empregados. Divertindo-se à minha custa em minha própria casa! Sabe o que aconteceu a ele?

Nem dez dias depois caiu de uma janela alta e morreu! Depois foi a vez daquele desordeiro Carter... um bêbedo com uma língua ferina. Veio até aqui e me insultou. O que aconteceu a Ele? Uma semana depois estava morto... afogado na lama. E houve uma empregada também. Ergueu a voz contra mim e me chamou de uma porção de nomes. Seu castigo logo veio. Bebeu veneno por engano. Eu poderia contar uma porção de outros casos. Humbleby atreveu-se a ir contra mim na questão da água. Morreu de envenenamento sangüíneo. Oh, tem sido assim há anos! A Sra. Horton, por exemplo, foi abominavelmente grosseira comigo e, não passou muito tempo, morreu — fez uma pausa e inclinando-se para a frente, entregou a garrafa de porto a Luke. — Sim — disse ele — todos morreram. É espantoso, não é?

Luke encarou-º Uma suspeita incrível, monstruosa, invadira a sua mente. Olhou com novos olhos o homenzinho gordo sentado à sua cabeceira da mesa, balançando suavemente a cabeça, os olhos ligeiramente protuberantes, despreocupadamente fixos nele.

Uma série de lembranças desconexas passou rapidamente pelo pensamento de Luke. O Major Horton dizendo: “Lord Easterfield foi muito atencioso. Mandou uvas e pêssegos do seu pomar.” Tinha sido Lord Easterfield que tão bondosamente permitira que Tommy Pierce fosse empregado na limpeza das janelas da biblioteca. Lord Easterfield discursando sobre a sua visita ao laboratório de pesquisas com seus soros e culturas de germes um pouco antes da morte do Dr. Humbleby. Tudo apontando para uma única direção e ele — que tolo havia sido — não tinha reparado!

Lord Easterfield ainda sorria. Um sorriso calmo e feliz.

Balançou calmamente a cabeça e disse a Luke:

— Eles todos morreram!

Capítulo 19

Sir William Ossington, conhecido pelos seus antigos companheiros como Billy Bonés, olhava incrédulo para o seu amigo.

— Você não teve crimes suficientes em Maying? — lamentou-se ele.

— Os crimes em Maying não eram deste tipo — disse Luke. — Eu agora estou enfrentando um homem que cometeu pelo menos meia dúzia de assassinos e escapou sem a menor sombra de suspeita.

Sr. William suspirou.

— Isso acontece. Qual é a sua especialidade... viúvas?

— Não, ele não é desse tipo. Na verdade, ele ainda não acha que é Deus, mas não vai demorar muito.

— Louco?

— Indiscutivelmente, diria eu.

— Ah, mas provavelmente ele não é legalmente louco. Há uma diferença, você sabe.

— Eu diria que tem consciência da natureza e das conseqüências dos seus atos — disse Luke.

— Exatamente — disse Billy Bonés.

— Bem, não nos vamos perder com termos legais. O que eu quero de você, meu velho, são fatos. Houve um atropelamento no dia do Grande Prêmio, entre cinco e seis da tarde. Uma senhora

foi morta em Whitehall e o carro não parou. Seu nome era Lavínia Fullerton. Quero que você me desencave tudo o que puder sobre o caso.

Sir William suspirou.

— Eu posso conseguir isto logo para você. Vinte minutos devem bastar.

Fez o que prometera. Em menos tempo do que isso Luke falava com o oficial encarregado do assunto.

— Sim senhor, eu me lembro dos detalhes. Tenho quase tudo escrito — indicou a folha de papel que Luke examinava. — Foi aberto inquérito. O Sr. Satcherverell foi o encarregado. Foi dado como culpado o chofer.

— Conseguiram apanhá-lo?

— Não senhor.

— Qual era a marca do carro?

— Há quase certeza de que era um Rolls-Royce... um carro grande dirigido por um chofer. Todas as testemunhas foram unânimes a esse respeito. A maioria das pessoas reconhece um Rolls-Royce.

— Não conseguiram o número?

— Não, infelizmente ninguém lembrou de anota-lo. Alguém disse que o número era FZX 4498 mas estava errado. Uma mulher teria anotado e transmitido à outra que o trouxe até mim. Não sei se a segunda mulher se enganou mas o número estava errado.

— Como sabe que o número estava errado? — perguntou Luke.

O jovem oficial sorriu.

— FZX 4498 é o número do carro de Lord Easterfield. Seu carro estava em Boomington House nesta hora e o chofer estava tomando chá. Ele tinha um álibi perfeito, não houve dúvida, e o carro não saiu de lá até as 6h30m, quando Lord Easterfield o usou.

— Compreendo — disse Luke.

— É sempre assim — suspirou o homem. Metade das testemunhas já abandonou o local quando a gente chega para fazer a investigação. — Sir William concordou. — Nós concluímos que talvez fosse um número parecido com FZX 4498, talvez um número que começasse também com dois quatros. Fizemos tudo o que podíamos mas não conseguimos descobrir o carro. Investigamos vários números parecidos mas todos puderam provar a sua inocência.

Sir William olhou para Luke interrogativamente. Luke sacudiu a cabeça.

— Obrigado, Bonner — disse Sir William. — É o bastante.

Quando ele saiu, Billy Bonés olhou para seu amigo.

— Que acha de tudo isso, Fitz?

Luke suspirou.

— Tudo combina. Lavínia tinha vindo acender o estopim. Ia contar ao pessoal da Scotland Yard tudo sobre o criminoso. Não sei se vocês lhe teriam dado atenção. Provavelmente não.

— Talvez déssemos — disse Sir William. — Muitas coisas chegam até nós assim, eu lhe asseguro.

— Foi o que achou o criminoso. Ele não ia arriscar-se. Eliminou Lavínia Fullerton, e apesar de uma mulher ter sido suficientemente esperta para anotar o seu número, ninguém acreditou nela.

Billy Boné levantou-se bruscamente de sua cadeira.

— Você não quer dizer...

— Sim, quero. Aposto o que você quiser que foi Lord Easterfield quem a atropelou. Não sei como conseguiu faze-lo. O chofer estava tomando chá. Acho que, de algum jeito, ele conseguiu pegar furtivamente o carro, vestindo um paletó e um boné de chofer. Mas ele o fez, Billy!

— É impossível!

— De modo algum! Tanto quanto eu sei, Lord Easterfield já cometeu sete assassinatos pelo menos, provavelmente mais.

— É impossível! — disse outra vez Sir William.

— Meu caro amigo, ele praticamente se vangloriou disso diante de mim a noite passada.

— Então ele é um louco?

— Ele é louco sem dúvida mas é esperto como um diabo. Você vai ter que agir com cautela. Não o deixe perceber que suspeitamos dele.

— Incrível! — murmurou Billy Bonés.

— Mas verdadeiro — disse Luke. Pôs a mão no ombro do amigo. — Olhe aqui, Billy, precisamos resolver isso logo. Os fatos são esses.

Os dois conversaram seriamente durante longo tempo.

No dia seguinte, Luke voltou a Wychwood. Chegou pela manhã bem cedo. Poderia ter voltado na noite anterior mas, diante das circunstancias, sentia grande repulsa em dormir sob o mesmo teto que Lord Easterfield, ou aceitar a sua hospitalidade. No caminho, parou o carro na casa da Sra. Waynflete. A empregada que abriu a porta olhou-o espantada mas introduziu-o na pequena sala de jantar onde a Sra. Waynflete tomava seu desjejum. Ela se levantou para recebe-lo, um tanto surpreendida.

Luke não perdeu tempo.

— Devo desculpar-me por aparecer assim a esta hora — olhou em volta. A criada deixara a sala, fechando a porta. — Vou fazer-lhe uma pergunta. Sra. Waynflete. É um tanto pessoal mas creio que a senhora me perdoará.

— Por favor, pergunte-me o que quiser. Estou certa de que tem uma boa razão para agir assim.

— Obrigado — fez uma pausa. — Quero saber exatamente por que rompeu seu noivado com Lord Easterfield anos atrás.

Ela não esperava por isso. Seu rosto ficou vermelho; apertou a mão contra o peito.

— Ele lhe disse alguma coisa?

— Ele me disse algo sobre um canário... um canário

estrangulado — respondeu Luke.

— Ele disse isso? — havia espanto em sua voz. — Admitiu isso? É extraordinário!

— A senhora quer contar-me?

— Sim, eu vou contar. Mas peço-lhe que nunca fale a esse respeito com ele... com Gordon. Isso tudo é passado, está terminado agora. Não quero reviver isso — olhou-o suplicante.

Luke concordou.

— É apenas para a minha satisfação pessoal — disse. — Não repetirei nada do que a senhora me contar.

— Obrigada — ela havia readquirido a compostura. Sua voz era firme quando prosseguiu. — Foi assim: eu tinha um canarinho. Era louca por ele, e talvez me portasse de uma maneira um tanto tola... as moças daquele tempo eram assim. Eram agarradas com seus bichinhos de estimação. Devia ser irritante para um homem... hoje eu compreendo isso.

— Sim — disse Luke quando ela fez uma pausa.

— Gordon tinha ciúmes do pássaro. Um dia, muito irritado disse: “Acho que você prefere esse pássaro a mim”. E eu, tola como eram as moças daquele tempo, ri, segurei o pássaro no dedo e disse mais ou menos assim: “É lógico que eu gosto de você, meu passarinho, mais do que deste meninão bobo! É lógico que sim!” E então... oh, foi assustador... Gordon arrebatou o pássaro da minha mão e puxou-lhe o pescoço. Foi um choque! Nunca esquecerei.

Ela havia-se tornado muito pálida.

— E então, a senhora desmanchou o noivado? — perguntou Luke.

— Sim. Não podia sentir o mesmo depois disso. Veja, Sr. Fitzwilliam... — ela hesitou. — Não foi só o ato em si... poderia ter sido feito num acesso de raiva ou de ciúme... foi a sensação horrível que eu tive de que ele sentira prazer fazendo aquilo. Foi isso que me aterrorizou.

— Desde aquele tempo — murmurou Luke — desde aqueles dias!

Ela segurou-lhe o braço.

— Sr. Fitzwilliam.

Ele viu o apelo em seus olhos assustados e encarou-a sério e firme.

— Foi Lord Easterfield quem cometeu todos esses assassinatos — disse ele. — A senhora sabia disso o tempo todo, não sabia?

Ela sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Saber, não sabia! Se eu soubesse... eu naturalmente teria contado. Não, era só um pressentimento.

— E a senhora nunca me deu a entender!

Ela apertou as mãos angustiada.

— Como podia! Como podia?! Houve tempos em que eu era louca por ele.

— Sim — disse Luke bondosamente. — Eu compreendo.

Ela virou de costas, remexeu na bolsa e apertou contra os olhos um pequeno lenço. Quando se voltou, seus olhos estavam secos e ela readquirira a compostura.

— Sinto-me contente que Bridget tenha rompido seu noivado. Ela vai casar-se com o senhor, não é?

— Sim.

— Muito mais de acordo — disse a Sra. Waynflete um tanto empertigada.

Luke não pôde reprimir um leve sorriso. Mas o rosto da Sra. Waynflete tornou-se sério e ansioso. Inclinou-se para a frente e, mais uma vez, segurou o braço de Luke.

— Mas tenha cuidado — disse ela. — Vocês dois precisam ter muito cuidado.

— Quer dizer... com Lord Easterfield?

— Sim. É melhor não lhe contar.

Luke ficou carrancudo.

— Acho que nenhum de nós dois gostaria desta idéia.

— Oh, que importância tem? O senhor parece não compreender que ele é louco... louco! Não vai tolerar isso... nem por um instante. Se alguma coisa acontecer a ela...

— Nada vai acontecer a ela!

— Sim, eu sei, mas compreenda que o senhor não é parceiro para ele! Ele é terrivelmente esperto! Leve-a embora imediatamente. É a única esperança. Faça-a ir embora! É melhor que ambos vão-se embora!

Luke disse devagar:

— É bom que ela vá. Eu ficarei.

— Tinha receio que dissesse isso. Mas a qualquer preço, leve-a daqui imediatamente.

— Acho que a senhora tem razão.

— Eu sei que tenho razão. Leve-a daqui... antes que seja tarde demais.

Capítulo 20

Bridget escutou o carro de Luke chegar. Saiu para encontra-lo. Disse, sem preâmbulos:

— Eu contei para ele.

— O quê?!

Luke ficou desconcertado. Sua consternação foi tão evidente que Bridget notou.

— Luke, o que foi? Você parece contrariado!

— Eu pensei que nós tínhamos combinado esperar até que eu voltasse — disse devagar.

— Eu sei mas achei que era melhor resolver de uma vez. Ele estava fazendo planos... para o nosso casamento, nossa lua de mel... tudo isso! Eu simplesmente tive que lhe contar — acrescentou, com um tom de reprovação na voz. — Era a única coisa decente a fazer.

— Do seu ponto de vista, sim — admitiu ele. — Oh, sim, eu compreendo isso.

— Sob qualquer ponto de vista, diria eu.

Luke disse devagar:

— Há ocasiões em que uma pessoa não pode dar-se ao luxo de ser decente.

— Luke, o que você quer dizer?

Ele fez um gesto impaciente.

— Não posso dizer aqui e agora. Como se comportou ele?

— Extraordinariamente bem — disse Bridget devagar. — Na verdade, extraordinariamente bem. Eu me senti envergonhada. Luke, eu acho que subestimei Gordon, só porque ele é meio vaidoso e ocasionalmente fútil. Acho que na verdade ele é... bem, um grande homenzinho.

Luke concordou.

— Sim, é possível que ele seja um grande homem... de um jeito que não tínhamos imaginado. Olhe, Bridget, você tem que sair daqui o quanto antes.

— Naturalmente. Vou fazer as minhas malas e partir hoje. Você pode levar-me até a cidade. Acho que podemos ir ambos para o hotel, isto é, se a turma de Ellsworthy já tiver ido embora.

— Não, é melhor você voltar para Londres — discordou Luke. — Depois eu explico. Agora acho melhor ir ver Easterfield.

— Acho que é o melhor a fazer. Foi meio brutal, não foi? Eu me sinto como uma vulgar caçadora de ouro.

Luke sorriu para ela.

— Era uma troca justa. Você teria sido correta com ele. De qualquer modo não adianta lamentar o que passou. Vou entrar e ver Easterfield agora.

Encontrou-o andando de um lado para outro na sala. Aparentemente estava calmo. Tinha até um leve sorriso nos lábios. Mas Luke observou que uma artéria na sua têmpora latejava furiosamente. Voltou-se quando Luke entrou.

— Oh, aí está você, Fitzwilliam.

— Não me adianta dizer que sinto muito o que fiz — disse Luke. Seria hipocrisia. Admito que do seu ponto de vista comportei-me mel e pouca coisa tenho a dizer em minha defesa. Essas coisas acontecem.

Lord Easterfield recomeçou a andar.

— Certamente, certamente — fez um aceno com a mão.

Luke prosseguiu:

— Bridget e eu o tratamos vergonhosamente. Mas o que se há de fazer. Nós gostamos um do outro e nada se pode fazer além de esclarecer tudo.

Lord Easterfield parou. Olhou para Luke com seus olhos protuberantes e sem cor.

— Não — disse ele, — não há nada que vocês possam fazer.

Havia um tom curioso em sua voz. Ficou olhando para Luke, balançando vagarosamente a cabeça, como se estivesse com pena.

— O que quer dizer? — perguntou Luke.

— Não há nada que se possa fazer — disse Lord Easterfield. — é muito tarde.

Luke aproximou-se dele.

— Diga-me o que você quer dizer com isso!

Lord Easterfield deu uma resposta inesperada.

— Pergunte a Honória Waynflete. Ela compreende. Ela sabe o que acontece. Uma vez falou comigo sobre isso.

— O que é que ela compreende?

— A maldade não fica sem castigo — disse Lord Easterfield. — Eu tenho pena, porque gosto muito de Bridget. De certo modo tenho pena de vocês dois.

— Você está nos ameaçando? — perguntou Luke.

Lord Easterfield pareceu sinceramente chocado.

— Não, não, meu caro! Eu não tenho nada a ver com isso. Quando dei a Bridget a honra de escolhe-la para minha esposa, ela aceitou certas responsabilidades. Agora, ela as rejeita, mas nessa vida não se pode voltar atrás. Quebram-se regras, tem-se que aceitar o castigo.

Luke cerrou os punhos. Disse:

— Você quer dizer que alguma coisa vai acontecer a Bridget? Pois veja se me compreende Easterfield, nada vai acontecer a Bridget nem a mim! Se tentar qualquer coisa deste gênero será o seu fim! É melhor ter cuidado! Sei muita coisa sobre você!

— Não tem nada a ver comigo — disse Lord Easterfield. — Sou somente o instrumento de um Poder mais alto. O que este Poder decreta, acontece.

— Vejo que você acredita nisso! — disse Luke.

— Porque é verdade! Qualquer pessoa que vai contra mim é castigada. Você e Bridget não serão exceção.

— É aí que você se engana — disse Luke. — Por mais que dure a sorte, um dia ela acaba. E a sua está prestes a acabar.

Lord Easterfield disse bondosamente:

— Meu caro jovem. Você não sabe com quem está falando. Nada me pode atingir.

— Não pode? Vamos ver! É melhor ver aonde pisa, Easterfield.

Um ligeiro estremecimento percorreu Lord Easterfield. Sua voz tinha mudado quando falou:

— Fui muito paciente! — disse ele. — Não abuse demais da minha paciência. Saia daqui!

— Eu vou assim que puder — disse Luke. — Lembre-se de que eu o avisei.

Deu meia volta e saiu rapidamente da sala. Correu escada acima. Encontrou Bridget em seu quarto, orientando a criada na arrumação de suas roupas.

— Já está pronta?

— Em dez minutos.

Seus olhos faziam uma pergunta, que a presença da criada impedia-a de formular. Luke fez-lhe sinal de assentimento com a cabeça. Ele se dirigiu a seu quarto e começou a enfiar apressadamente suas coisas nas malas. Voltou dez minutos mais tarde para encontrar Bridget pronta para partir.

— Podemos ir agora?

— Estou pronta.

Quando desciam a escada, encontraram o mordomo que subia.

— A Sra. Waynflete deseja falar com a senhorita.

— A Sra. Waynflete? Onde está ela?

— Na sala de estar, com o Lord.

Bridget dirigiu-se diretamente à sala, com Luke rente a seu lado. Lord Easterfield estava de pé junto à janela, conversando com a Sra. Waynflete. Tinha em suas mãos uma faca com uma lâmina fina e comprida.

— É uma obra de arte — estava ele dizendo. — Um de meus homens trouxe-me de Marrocos, onde é um correspondente especial. É moura, naturalmente. — Correu carinhosamente o dedo pela lâmina. — Como é afiada!

— Largue isso, Gordon, pelo amor de Deus! — disse a Sra. Waynflete.

Ele sorriu e colocou-a sobre a mesa, entre uma coleção de armas. A Sra. Waynflete tinha perdido um pouco da sua costumeira calma. Estava pálida e nervosa.

— Ah, até que enfim minha cara Bridget! — disse ela.

— Sim, Bridget — disse Lord Easterfield com um risinho de satisfação. — Aproveite-a bastante, Honória. Ela não ficará muito tempo conosco.

— O que você quer dizer? — perguntou rápido a Sra. Waynflete.

— O que eu quero dizer? Quero dizer que ela vai para Londres. É certo não é? Isso foi tudo o que eu quis dizer.

Abrangeu a todos com um olhar.

— Tenho uma novidade para você, Honória, — disse ele. — Bridget não vai casar comigo afinal. Ela prefere aqui o Sr. Fitzwilliam. A vida é uma coisa estranha! Bem, vou deixa-los à vontade.

Lord Easterfield saiu da sala.

— Oh, meu Deus! — disse a Sra. Waynflete. — Oh, meu Deus!

A profunda angústia em sua voz era tão evidente, que Bridget se surpreendeu. Constrangida, disse:

— Eu sinto muito. Muito mesmo!

— Ele está zangado — disse a Sra. Waynflete. — Está terrivelmente zangado. Oh, minha cara, isto é horrível! O que é que nós vamos fazer?

— Fazer? — Bridget olhou para ela. — O que a senhora quer dizer?

A Sra. Waynflete olhou para os dois com reprovação.

— Vocês não deviam ter-lhe contado!

— Tolice. O que mais poderíamos fazer? — perguntou Bridget.

— Vocês não lhe deviam ter contado agora. Deviam ter esperado até ir embora.

— Isto é uma questão de opinião — disse Bridget ríspida. — Eu, por mim, acho que quanto mais cedo se resolvem as coisas desagradáveis, tanto melhor.

— Oh, minha cara, se fosse apenas essa a questão... —

interrompeu-se e seus olhos procuraram Luke interrogativamente.

Luke sacudiu a cabeça. Seus lábios formaram as palavras: “Ainda não”.

— Compreendo — murmurou a Sra. Waynflete.

Ligeiramente irritada, Bridget disse:

— A senhora queria falar comigo sobre alguma coisa em particular, Sra. Waynflete?

— Bem, sim. Para falar a verdade, eu vim sugerir a você que me fosse fazer uma visita. Eu pensei que... que você poderia achar desagradável continuar aqui e que talvez precisasse de uns dias para... bem, para resolver o que vai fazer.

— Obrigada, Sra. Waynflete. É muita gentileza de sua parte.

— Você sabe, comigo estaria segura e...

— Segura?!

Um pouco atrapalhada a Sra. Waynflete disse apressadamente:

— Confortável... foi isso o que eu quis dizer... perfeitamente confortável comigo. Bem, não é tão luxuoso como aqui, naturalmente, mas a água é quente e minha criada Emily cozinha realmente bem.

— Oh, tenho certeza de que tudo seria perfeito, Sra. Waynflete — disse Bridget mecanicamente.

— Mas naturalmente se você vai para a cidade, é muito

melhor.

— É um pouco difícil —- disse Bridget. — Minha tia saiu hoje cedo para ir a uma exposição de flores. Eu ainda não tive oportunidade de contar-lhe o que aconteceu. Deixarei um recado para ela, avisando que fui para o apartamento.

— Você vai para o apartamento de sua tia em Londres?

— Sim. Não há ninguém lá. Mas eu posso fazer as refeições fora.

— Você vai ficar sozinha no apartamento? Oh, minha cara, eu não faria isso. Não ficaria lá sozinha.

— Ninguém me vai comer — disse Bridget impaciente. — Além do mais, minha tia estará de volta amanhã.

A Sra. Waynflete sacudiu a cabeça preocupada.

— É melhor ir para um hotel — disse Luke.

Bridget virou-se bruscamente para ele.

— Por quê? O que há com vocês dois? Por que vocês estão me tratando como se eu fosse uma criança retardada?

— Não, não, minha cara — protestou a Sra. Waynflete. — Nós só queremos que você tenha cuidado, só isso.

— Mas por quê? Por quê? O que está acontecendo?

— Olhe aqui, Bridget — disse Luke. — Quero falar com você. Mas não posso falar aqui. Venha comigo, vamos de carro até um lugar sossegado. — Olhou para a Sra. Waynflete. — Podemos ir até a sua casa daqui a cerca de uma hora? Há varias coisas que quero falar com a senhora.

— Por favor, venham. Eu os esperarei lá.

Luke tomou Bridget pelo braço. Agradeceu a Sra. Waynflete e disse:

— Apanharemos as malas mais tarde. Vamos.

Conduziu-a para fora da sala, atravessou o hall e saiu pela porta principal. Desceu os degraus e abriu a porta do carro, Bridget entrou. Luke deu a partida e arrancou rapidamente. Deu um suspiro de alívio quando passaram pelos portões de ferro.

— Graças a Deus que consegui tira-la de lá ilesa — disse.

— Você ficou completamente maluco, Luke? Que confusão toda é essa de “Depois eu conto”... “Não posso falar agora”?

Luke disse carrancudo:

— Bem, é difícil explicar que um homem é um assassino, quando se está em sua casa.

Capítulo 21

Durante alguns segundos, Bridget ficou imóvel sentada a seu lado. Depois perguntou:

— Gordon?

Luke confirmou.

— Gordon? Gordon um assassino? Gordon o assassino? Nunca ouvi nada tão ridículo em minha vida!

— É isso o que você acha?

— Mas é lógico! Gordon é incapaz de matar uma mosca.

— Pode ser que sim. Não sei. Mas ele matou um canário, e tenho toda certeza de que matou também uma porção de gente.

— Meu caro Luke, eu simplesmente não posso acreditar nisso!

— Eu sei — disse Luke. — Parece absolutamente impossível. Nunca o considerei como um possível suspeito até a noite de anteontem.

— Mas eu sei tudo sobre Gordon — protestou. — Eu sei como ele é! Ele é um homenzinho gentil... vaidoso, sem dúvida, mas na realidade meio patético.

— Você vai ter que reajustar as idéias sobre ele, Bridget.

— Não adianta, Luke. Eu simplesmente não consigo acreditar! O que deu essa idéia absurda a você? Ora, há dois dias você tinha plena certeza de que era Ellsworthy!

— Eu sei. Eu sei — disse Luke ressentido. — Você provavelmente está achando que amanhã eu vou suspeitar de Thomas, e no dia seguinte estarei convencido de que estou atrás é de Horton. Na realidade, não sou tão volúvel assim. Admito que é assustador, quando se pensa nisso pela primeira vez, mas se você pensar um pouco mais, verá que tudo se encaixa notavelmente bem. Não admira que a Sra. Fullerton não recorresse às autoridades locais. Ela sabia que ririam dela. Scotland Yard era a sua única esperança.

— Mas que motivos teria Gordon para cometer todos esses assassinatos? Oh, isso tudo é tão tolo!

— Eu sei. Mas você não compreende que Easterfield tem uma opinião muito exagerada sobre si mesmo?

— Ele acha que é maravilhoso e muito importante. Isso não passa de um complexo de inferioridade, coitado!

— Talvez seja este o X do problema. Não sei. Mas pense, Bridget, pense um pouco. Lembre-se de todas as frases que você dizia caçoando, com referencia a ele: lesa-majestade e outras mais. Você não compreende que o seu egocentrismo está desenvolvido ao máximo? E mais, a um sentimento espiritual. Minha cara, o homem é doido varrido!

Bridget ficou pensativa durante alguns minutos. Depois disse:

— Ainda assim não posso acreditar. Que provas você tem, Luke?

— Bem, as suas próprias palavras são uma prova. Ele me disse exata e distintamente na noite de anteontem que qualquer

pessoa que se opusesse a ele, em qualquer coisa, sempre morria.

— Continue.

— É difícil de explicar mas foi o jeito com que ele falou. Com toda a calma e cheio de si e... como é que eu posso dizer... com toda a naturalidade! Ele sentado lá, sorrindo consigo mesmo... foi esquisito e horrível, Bridget!

— Continue.

— Bem, aí ele me forneceu uma lista de pessoas que morreram porque caíram em seu soberano desagrado! E veja isso, Bridget, as pessoas que ele citou foram: a Sr. Horton, Amy Gibbs, Tommy Pierce, Harry Carter, Humbleby e aquele chofer Rivers.

Finalmente Bridget sentiu-se chocada. Tornou-se muito pálida.

— Ele mencionou exatamente essas pessoas?

— Exatamente essas pessoas! Agora você acredita?

— Oh, acho que tenho que acreditar! Quais foram os seus motivos?

— Incrivelmente banais. Isso é que torna tudo tão assustador. A Sra. Horton foi descortês com ele. Tommy Pierce fez imitações dele provocando o riso dos jardineiros. Harry Carter ofendeu-o, Amy Gibbs foi grosseiramente insolente, Humbleby atreveu-se a discordar dele publicamente. Rivers ameaçou-o diante de mim e da Sra. Waynflete.

Bridget cobriu o rosto com as mãos.

— Mas isso é horrível! É horrível demais! — murmurou.

— Eu sei. E há ainda uma outra evidencia. O carro que atropelou a Sra. Fullerton em Londres era um Rolls-Royce e o número da chapa era o mesmo do carro de Lord Easterfield.

— E isto confirma tudo — disse Bridget vagarosamente.

— Sim. A Polícia pensou que a mulher que deu a eles o número se tivesse enganado. Enganado, pois sim!

— Isso é compreensível — disse Bridget. — Quando se trata de um homem rico e poderoso com Lord Easterfield, naturalmente o que ele diz é que é verdade.

— Sim. Pode-se entender a dificuldade da Sra. Fullerton.

— Uma ou duas vezes ela me disse umas coisas meio esquisitas — disse Bridget pensativa. — Como se estivesse tentando prevenir-me de alguma coisa. Na ocasião não tinha a menor idéia do que ela queria dizer. Agora compreendo!

— Agora tudo faz sentido — disse Luke. — É assim mesmo. Na hora todo mundo diz como você disse: "É impossível!" Mas depois que se aceita a idéia, tudo faz sentido. As uvas que ele mandou para a Sra. Horton... e ela pensou que as enfermeiras a estavam envenenando! E a sua visita ao laboratório... De alguma maneira, deve ter conseguido alguma cultura de germes e contaminado Humbleby.

— Não sei como conseguiu fazer isso.

— Nem eu, mas a associação aí está. Não se pode negar.

— Não. Como diz você, faz sentido. E naturalmente ele consegue fazer coisas que outras pessoas não conseguem. O que quero dizer é que ele estava tão acima de qualquer suspeita!

— Acho que a Sra. Waynflete suspeitava. Ela fez referencia àquela visita ap laboratório. Mencionou-a casualmente numa conversa.

— Então ela sabia o tempo todo?

— Tinha uma grande suspeita. Acho que ela o conhecia melhor por ter estado apaixonada por ele, quando moça.

— Sim — concordou Bridget. — Isso explica uma porção de coisas. Gordon me disse que eles tinham sido noivos.

— Sabe, ela queria acreditar que não tinha sido ele. Mas cada vez tinha mais certeza. Tentou insinuar mas não tinha coragem de dizer coisa alguma diretamente contra ele. Eu acho que, de alguma forma, ela ainda se interessa por ele.

— Mesmo depois que ele deu o fora nela?

— Ela deu o fora nele. Foi uma história feia.

Luke reconstituiu o episódio.

Bridget olhou espantada para ele.

— Gordon fez isso?

— Sim. Veja, desde aquele tempo ele já não era normal.

Bridget estremeceu.

— Desde aquele tempo... desde aquele tempo...

— É possível que ele tenha dado cabo de muita gente que nós nem venhamos a saber. Foi só essa rápida sucessão de mortes que houve ultimamente que chamou a atenção sobre ele. Talvez diante de tanto sucesso ele se tenha tornado imprudente.

Durante alguns instantes, Bridget ficou em silencio, pensativa. De repente perguntou:

— O que foi exatamente que a Sra. Fullerton disse a você aquele dia no trem?

Luke procurou recordar.

— Disse-me que estava indo a Scotland Yard. Mencionou o Chefe de Polícia local, disse que era um bom sujeito mas não apto a lidar com crimes.

— Esta foi a primeira vez que ela mencionou esta palavra?

— Sim.

— Continue.

— Então ela disse: “Vejo que o senhor ficou surpreso. Eu também fiquei a principio. Na verdade, nem podia acreditar. Achei que estava imaginando coisas.”

— E depois?

— Eu perguntei se ela tinha certeza de que não estava... imaginando coisas e ela disse com toda a calma: “Oh, não! Podia ser que estivesse na primeira vez mas não na segunda, na terceira ou na quarta. Depois disso, a gente tem certeza.”

— Assombroso! — disse Bridget — continue.

— Então naturalmente fingi que concordava com ela. Disse que ela estava fazendo o que era certo. Fui um verdadeiro São Tomé.

— Eu compreendo. É muito fácil acreditar nas coisas depois que acontecem. Eu teria agido da mesma forma... gentil,

condescendente com a pobre velhinha. Como prosseguiu a conversa?

— Deixe-me ver. Oh, ela mencionou o caso Abercombrie... você se lembra, o envenenador de Welsh. Disse que ela não havia acreditado realmente que ele tivesse um modo de olhar... um modo especial de olhar a sua próxima vítima. Mas que agora ela acreditava, porque ela mesma tinha visto.

— Quais foram suas palavras exatas?

Luke franziu a testa tentando lembrar-se.

— Ela disse naquela sua vozinha bem educada: "Naturalmente, eu não acreditei quando li, mas é verdade." E eu perguntei: "O que é verdade?" E ela respondeu: "O olhar da pessoa." E, por Deus, Bridget, o jeito que ela me disse aquilo me chocou! A voz baixa, a expressão do seu rosto... como alguém que tivesse visto uma coisa horrível demais até para contar.

— Continue, Luke. Conte-me tudo.

— E então ela deu uma relação das vítimas... Amy Gibbs, Carter, Tommy Pierce. Disse que Tommy era um menino horroroso, e Carter, um bêbedo. Em seguida disse: "Mas agora ontem, foi o Dr. Humbleby, e ele é tão bom, um homem tão bom mesmo!" E disse que se fosse diretamente ao Dr. Humbleby e lhe contasse, ele não acreditaria nela. Apenas iria rir!

Bridget suspirou profundamente.

— Entendo — disse. — Entendo.

Luke olhou para ela.

— O que há Bridget? Em que é que você está pensando?

— Numa coisa que a Sra. Humbleby me disse uma vez. Eu gostaria de... Não, não tem importância, continue. O que foi que ela disse pouco antes de ir embora?

Luke repetiu as palavras sobriamente. Tinham-no impressionado e ele não conseguira esquecer.

— Eu disse que era difícil escapar impune de tantos assassinatos, e ela disse: "Não, não, meu caro rapaz, é aí que o senhor se engana. É muito fácil matar, desde que não se suspeite da gente. E o senhor sabe, a pessoa em questão é exatamente a última pessoa de quem se poderia suspeitar."

Ele ficou em silencio.

— Fácil matar? — disse Bridget estremecendo. — Terrivelmente fácil, essa é a verdade. Não admira que você não pudesse esquecer as suas palavras, Luke. Eu nunca mais vou esquecer... nunca mais, enquanto viver! Um homem como Gordon Easterfield! Oh, naturalmente que é fácil!

— Mas não vai ser fácil provar — disse Luke.

— Você acha? Tenho a impressão de que posso ajudar.

— Bridget, eu a proíbo!

— Você não pode! Não posso ficar de fora, esperando. Estou metida nisso Luke. Pode ser perigoso, eu admito, mas tenho que desempenhar o meu papel.

— Bridget...

— Eu estou metida nisso Luke! Vou aceitar o convite da Sra.

Waynflete e ficar lá.

— Minha querida, eu suplico...

— É perigoso para nós dois. Eu sei disso. Mas estamos metidos nisso Luke. Estamos os dois metidos nisso!

Capítulo 22

Depois daqueles momentos de tensão dentro do carro era um contraste a calma da casa da Sra. Waynflete. A aceitação de Bridget ao seu convite foi recebida por ela de uma maneira um tanto duvidosa. Luke, entretanto, apressou-se a reiterar a oferta da hospitalidade da Sra. Waynflete, mostrando a Bridget que suas dúvidas eram devidas a outras causas, que relutava em recebe-la.

— Eu penso que é realmente a melhor coisa a ser feita, já que a senhora foi tão gentil, Sra. Waynflete — disse ele. Eu ficarei no Bells and Motlet. Prefiro ter Bridget sob as minhas vistas do que em Londres. Afinal, lembre-se do que aconteceu lá.

— Quer dizer, com Lavínia Fullerton? — perguntou a Sra. Waynflete.

— Sim. Eu costumava achar que uma pessoa estaria segura no meio de uma multidão.

— O senhor quer dizer que a segurança de uma pessoa depende do fato de ninguém desejar mata-la? — perguntou a Sra. Waynflete.

— Exatamente. Chegamos ao ponto de depender do que se chama a boa vontade da civilização.

A Sra. Waynflete concordou pensativa.

— Há quanto tempo a senhora sabia que... que Gordon era o assassino, Sra. Waynflete? — perguntou Bridget.

— Esta é uma pergunta difícil de responder, minha cara. Acho que no íntimo eu tinha certeza há um bom tempo. Mas não

queria aceitar. Sabe, eu não queria acreditar, e então convenci a mim mesma de que não passava de uma idéia má e monstruosa da minha parte.

— Nunca temeu por si mesma? — perguntou Luke.

A Sra. Waynflete refletiu.

— O senhor quer dizer que, se Gordon suspeitasse de que eu sabia, encontraria meios para se livrar de mim?

— Sim.

— Naturalmente tive que admitir esta possibilidade —disse a Sra. Waynflete. — Tentei ser cuidadosa. Mas não creio que Gordon me considerasse uma verdadeira ameaça.

— Por quê?

A Sra. Waynflete corou levemente.

— Acho que Gordon não acredita que alguma vez eu fizesse algo que... que o colocasse em perigo.

— A senhora foi tão longe a ponto de preveni-lo? — perguntou Luke.

— Sim. Isto é, eu insinuei a ele que era estranho que toda pessoa que o desagradasse sofria logo um acidente.

— E o que disse ele? — perguntou Bridget.

O rosto da Sra. Waynflete adquiriu uma expressão preocupada.

— Ele não teve de maneira nenhuma a reação que eu esperava. Ele pareceu... é absolutamente extraordinário!... ele

pareceu satisfeito. Ele disse: “Então você notou?” Estava... estava orgulhoso, se é possível uma coisa destas!

— Ele é louco! — exclamou Luke.

A Sra. Waynflete concordou enfaticamente.

— Sim, na verdade. Não há nenhuma outra explicação possível. Ele não é responsável pelos seus atos — segurou o braço de Luke. — Eles... eles não vão enforca-lo, não, Sr. Fitzwilliam?

— Não, não; vão manda-lo para um hospital, penso.

A Sra. Waynflete suspirou e recostou-se.

— Ainda bem!

Seus olhos pousaram em Bridget, que olhava para o chão, uma ruga de preocupação entre as sobrancelhas.

— Mas nós estamos ainda muito longe de tudo isso — disse Luke. — Eu já notifiquei as autoridades e posso assegurar isso: eles estão dispostos a levar o caso a sério. Mas devem compreender que temos pouquíssimas provas em que nos basear.

— Nós conseguiremos as provas — disse Bridget.

A Sra. Waynflete olhou para ela. Havia alguma coisa na sua expressão que lembrou Luke de alguma coisa ou de alguém que ele vira há muito tempo. Tentou agarrar aquela lembrança que lhe escapava porém não conseguiu.

A Sra. Waynflete disse, meio em dúvida:

— Você está confiante, minha cara. Bem, talvez tenha razão.

— Bridget, vou de carro buscar as suas coisas em Manor —

disse Luke.

— Eu também vou — disse Bridget imediatamente.

— Prefiro que você não vá.

— Mas eu prefiro ir.

— Não banque a mãe protetora para cima de mim, Bridget — disse Luke irritado. — Eu me recuso a ser protegido por você.

A Sra. Waynflete interveio:

— Acho que realmente não há perigo, Bridget... no carro, e à luz do dia.

Bridget sorriu meio envergonhada.

— Estou sendo boba. Acho que esse negocio todo está me atacando os nervos.

— A Sra. Waynflete me escoltou até a casa outro dia. Vamos, Sra. Waynflete, confesse. Foi assim, não foi? — perguntou Luke.

Ela admitiu sorrindo.

— Mas Sr. Fitzwilliam. O senhor não tinha a menor suspeita. E se Gordon Easterfield tivesse desconfiado de que o senhor estava aqui para esclarecer esses casos e não por outro motivo... bem, não era muito seguro. E aquele caminho é muito solitário. Qualquer coisa poderia ter acontecido!

— Bem, agora eu estou ciente do perigo — disse Luke. — Não vou dormir no ponto, podem ter certeza disso.

— Lembre-se de que ele é muito esperto — disse a Sra. Waynflete. — Muito mais do que o senhor possa imaginar. Tem

uma mente engenhosa.

— Estou prevenido.

— Os homens são corajosos, todo mundo sabe disso — disse a Sra. Waynflete, — mas são mais facilmente enganados do que as mulheres.

— Isso é verdade — disse Bridget.

— Falando sério, Sra. Waynflete, a senhora realmente acredita que eu corra perigo? — perguntou Luke. — A senhora acredita que Lord Easterfield esteja realmente atrás de mim?

A Sr. Waynflete hesitou.

— Acho — disse ela — que o maior perigo é em relação a Bridget. Somente depois que ele resolver o caso de Bridget, voltará a sua atenção para o senhor. Mas acho que, sem dúvida, ele tentará com ela antes.

— Bridget — disse Luke aflito, — eu queria que você fosse embora agora... imediatamente.

Bridget apertou os lábios.

— Eu não vou.

— Você é uma criatura corajosa, Bridget — suspirou a Sra. Waynflete. — Admiro você.

— A senhora faria o mesmo em meu lugar.

— Bem, talvez.

Bridget falou com a voz firme.

— Luke e eu estamos juntos nisso.

Ela o acompanhou até a porta.

— Telefono a você do hotel para avisar que sai ileso da cova do leão — disse Luke.

— Sim, faça isso.

— Minha querida! Não vamos perder o controle! Até os mais perfeitos criminosos precisam de um certo tempo para amadurecer os seus planos. Eu diria que estamos seguros durante um dia ou dois. O Superintendente Battle chega hoje de Londres. Desse momento em diante, Easterfield estará em observação.

Pondo a mão no seu ombro, Luke continuou sério:

— Bridget, minha querida, você vai-me jurar que não vai cometer nenhuma imprudência.

— O mesmo eu digo a você, querido.

Ele apertou carinhosamente o seu ombro, entrou no carro e partiu. Bridget voltou para a sala de estar. A Sra. Waynflete estava dando uns retoques na arrumação da sala, meticulosa como uma solteirona.

— Minha cara, seu quarto ainda não está completamente pronto. Emily o está arrumando. Sabe o que eu vou fazer? Vou arranjar uma xícara de chá. É justamente do que você precisa, depois de todos esses transtornos.

— É muita gentileza sua, Sra. Waynflete, mas eu realmente não quero.

Bridget tinha verdadeira aversão por chá. Geralmente lhe fazia mal. A Sra. Waynflete, porém, decidira que chá era o que sua

jovem hóspede precisava. Saiu apressada da sala, para voltar cerca de cinco minutos mais tarde, radiante, com uma bandeja com duas delicadas xícaras de fina porcelana, cheias de uma bebida fumegante e aromática.

— Legítimo chá da China — disse ela orgulhosamente.

Bridget, que detestava chá chinês ainda mais do que o chá da Índia, forçou um sorriso.

Neste momento, Emily, uma moça pequena e desajeitada, apareceu na porta.

— Por favor, senhora, pode dizer-me qual é a fronha?

A Sra. Waynflete saiu apressadamente da sala e Bridget aproveitou a oportunidade para jogar o seu chá pela janela, deixando, por pouco, de escaldar Wonky Pooh que estava deitado no canteiro.

Wonky Pooh aceitou as suas desculpas, pulou a janela e começou a se enroscar nas pernas de Bridget ronronando afetuosamente.

— Que lindo! — disse Bridget passando a mão no seu dorso. Wonky Pooh arqueou-se e ronronou com redobrado vigor. — Gatinho lindo! — disse Bridget afagando suas orelhas.

Neste instante a Sr. Waynflete entrou.

— Oh, minha cara! — exclamou. — Wonky Pooh gostou de você, não é mesmo? Em geral ele é tão arisco! Cuidado com a sua orelha, minha cara. Ultimamente teve um problema na orelha e ainda está muito dolorida.

A informação chegou tarde demais. A mão de Bridget tocara a orelha doente. Wonky Pooh deu-lhe uma patada e, ofendido, retirou-se com toda a dignidade.

— Oh, meu Deus! Ele a arranhou? — perguntou a Sra. Waynflete.

— Não foi nada — disse Bridget, esfregando um arranhão em diagonal no dorso da mão.

— Quer que ponha um desinfetante?

— Oh, não, não tem importância. Não há necessidade de tanto alvoroço.

A Sra Waynflete ficou um pouco desapontada. Sentindo que tinha sido descortês, Bridget acrescentou apressadamente:

— Será que Luke vai demorar?

— Vamos minha cara, não se preocupe. Tenho certeza de que o Sr. Fitzwilliam sabe tomar conta de si mesmo.

— Oh, sim, Luke não é nenhum tolo.

Neste momento o telefone tocou. Bridget correu a atende-lo.

— Alô — disse a voz de Luke. — É você, Bridget? Estou no Bells and Motley. Você pode esperar pelas suas coisas até depois do almoço? Porque Battle chegou... você sabe quem é.

— O Superintendente da Scotland Yard?

— Sim. E ele quer falar comigo imediatamente.

— Por mim está bem. Traga as minhas coisas logo depois do almoço e venha contar-me o que ele acha disso tudo.

— Certo. Até já, meu bem.

Bridget recolocou o fone no gancho e retornou à conversa com a Sra. Waynflete. Deu um bocejo. Uma sensação de fadiga sucedera a toda aquela excitação. A Sra. Waynflete notou.

— Está cansada, minha cara? É melhor você se deitar. Não, talvez não seja bom antes do almoço. Eu ia justamente levar algumas roupas usadas para uma mulher numa cabana não muito longe daqui. É até um bonito passeio pelo campo. Quem sabe você gostaria de vir comigo? Temos tempo suficiente até a hora do almoço.

Bridget aceitou com prazer. Saíram pela porta dos fundos. A Sra. Waynflete usava um chapéu de palha e luvas, o que divertiu Bridget. “Até parece que vamos passear em Bond Street” pensou consigo mesma.

Enquanto caminhavam, a Sra. Waynflete discorria sobre ligeiros casos da cidade. Atravessaram uma campina, cruzaram um caminho abandonado e tomaram uma picada que atravessava um pequeno bosque. O dia estava quente e Bridget achou agradável a sombra das árvores. A Sra. Waynflete sugeriu que se sentassem e descansassem um minuto.

— Hoje está realmente um calor meio opressivo, não acha? Creio que vem uma tempestade por aí.

Bridget concordou sentindo-se um tanto sonolenta. Recostou-se num tronco com os olhos semicerrados, e uns versos cruzaram-lhe a mente:

“Oh, por que você caminha de luvas pelas Campinas

Gorda e pálida mulher a quem ninguém ama?”

Mas isso não era exato! A Sra. Waynflete não era gorda. Ela alterou as palavras para adapta-las à ocasião:

“Oh, por que você caminha de luvas pelas Campinas

Magra e grisalha mulher a quem ninguém ama?”

A Sra. Waynflete interrompeu os seus pensamentos.

— Você está com muito sono, minha cara, não está?

A frase foi dita de uma maneira comum e gentil mas alguma coisa nela fez Bridget abrir rápido os olhos.

A Sra. Waynflete estava inclinada sobre ela. Havia uma ansiedade em seus olhos, e sua língua passava delicadamente sobre os lábios. Repetiu a pergunta:

— Você está com muito sono, não está?

Desta vez não havia engano possível quanto ao significado do tom de sua voz. Uma luz brilhou na mente de Bridget. Um súbito lampejo de compreensão! Ela havia suspeitado a verdade, mas não fora mais do que uma obscura e indistinta suspeita. Pretendera assegurar-se observando em segredo e em silencio. Mas nem por um momento achou que alguma coisa seria tentada contra ela. Achava que tinha ocultado completamente as suas suspeitas. Nem sequer sonhara que alguma coisa seria tentada tão rapidamente. Idiota! — mil vezes idiota! E de repente se lembrou: “O chá... havia alguma coisa no chá. Ela não sabe que eu não tomei. Esta é a minha única chance. Preciso fingir. O que será que havia nele? Veneno? Ou só uma droga para fazer dormir? Ela acha que eu devo estar com sono... então, é evidente!”

Deixou suas pálpebras se fecharem novamente. Numa voz que, esperava ela, fosse a voz de alguém entorpecido, disse:

— Estou... com um sono terrível. Que engraçado! Acho que nunca me senti tão sonolenta antes!

A Sra. Waynflete concordou silenciosamente. Bridget observava-a por entre as pálpebras semicerradas. Pensou: "De qualquer maneira sou um páreo para ela... Tenho bons músculos. Ela é uma velhota magricela e frágil. Mas preciso faze-la falar... isto é o que eu preciso."

A Sra. Waynflete estava sorrindo. E não era um sorriso agradável. Era astucioso e não muito humano. Bridget pensou: "Ela se parece com uma cabra. Como ela parece com uma cabra! A cabra sempre foi um símbolo da maldade. Agora sei por quê. Eu estava certa... a minha idéia era fantástica mas eu estava certa! Não há nada pior do que uma mulher desprezada! Foi isso que originou Tudo!"

— Eu não sei o que há comigo. Eu me sinto esquisita... tão esquisita! — murmurou Bridget, e desta vez, havia um verdadeiro tom de preocupação em sua voz.

A Sra. Waynflete deu um rápido olhar à sua volta. O lugar era completamente isolado. Era longe demais da vila para que um grito pudesse ser ouvido. Não havia casa ou cabanas por perto. Começou a remexer no pacote que trouxera — o pacote que devia conter as roupas usadas. Aparentemente era o que continha. Ela tirou o papel e uma malha de lã apareceu. Mas aquelas mãos enluvadas mexiam e remexiam.

"Oh, por que você caminha de luvas pelas Campinas?"

Sim, por quê? Por que luvas? Mas é lógico! É lógico! Tudo tão bem planejado!

A malha caiu para o lado. Cuidadosamente a Sra. Waynflete retirou a faca, segurando-a cuidadosamente, para não estragar as impressões digitais que já estavam nela, onde os dedos curtos e grossos de Lord Easterfield a haviam segurado naquela mesma manhã, na sala de estar de Ashe Manor. A faca moura com sua lâmina afiada.

Bridget sentiu-se levemente enjoada. Precisava ganhar tempo — sim, e precisava fazer a mulher falar — esta magra e grisalha mulher a quem ninguém amava. Não devia ser difícil. Porque ela devia querer falar, devia tanto querer falar, e a única pessoa com quem poderia faze-lo era Bridget — que ia ser silenciada para sempre.

Bridget perguntou numa voz fraca e indistinta:

— Para que essa faca?

Então a Sra. Waynflete riu. Era uma risada horrível, suave, musical, refinada e absolutamente desumana. Ela disse:

— É para você, Bridget! Para você! Sabe, eu a odeio há muito tempo!

— Por que eu ia casar com Lord Easterfield? — perguntou Bridget.

— Você é inteligente — disse a Sra. Waynflete. — Você é muito inteligente! Sabe, isto vai coroar as provas contra ele. Você vai ser encontrada aqui, com a garganta cortada, e a faca dele... e as impressões digitais dele na faca! Foi inteligente a maneira como eu pedi para vê-la esta manhã! E então a deixei cair em

minha bolsa, enrolei num lenço, enquanto vocês estavam lá em cima. Tão fácil! Mas foi fácil desde o começo. Eu nem podia acreditar.

Bridget disse ainda com a voz amortecida e pastosa de uma pessoa profundamente entorpecida:

— Isso é por que a senhora é terrivelmente esperta!

A Sra. Waynflete riu outra vez, a sua risada refinada, e disse com uma espécie de orgulho.

— Sim, eu sempre fui inteligente, desde menina. Mas eles se recusavam a me deixar fazer qualquer coisa. Tinha que ficar em casa sem fazer nada. E então Gordon... não passava de filho de um vulgar sapateiro, mas era ambicioso! Eu sabia que ele ia subir na vida. E então ele me deu o fora, me deu o fora! Tudo por causa daquele ridículo pássaro! — Suas mãos fizeram um gesto estranho, como se estivesse torcendo alguma coisa. Bridget sentiu uma forte náusea.

— Gordon Ragg ousou me dar o fora, a mim, a filha do Coronel Waynflete. Eu jurei que o faria pagar por isso! Eu passava noite e dia pensando nisso. E então, nós fomos ficando cada vez mais pobres. A casa teve que ser vendida. Ele a comprou! Ele veio procurar-me, todo condescendente, me oferecendo emprego na minha própria casa! Como eu o odiei! Mas nunca demonstrei meus sentimentos. Fomos treinados assim em crianças... um treino muito valioso. É aí que se nota quem tem berço.

Ficou em silencio por um instante. Bridget a observava, mal se atrevendo a respirar, com medo de interromper a torrente de

palavras.

A Sra. Waynflete continuou baixinho:

— O tempo todo eu pensava e pensava. Primeiro pensei simplesmente em mata-lo. Foi então que eu comecei a ler criminologia... às escondidas, sabe... na biblioteca. E mais tarde, descobri que esta leitura me foi útil várias vezes. Por exemplo, a porta do quarto de Amy, virando a chave na fechadura pelo lado de fora com um pequeno alicate, depois de mudar as garrafas ao lado de sua cama. Como roncou aquela moça! Foi repugnante aquilo! – interrompeu-se. — Deixe-me ver, aonde eu estava?

Aquele dom que Bridget cultivara, que encantava Lord Easterfield, o dom da ouvinte perfeita, era agora de grande valia. Honória Waynflete podia ser uma maníaca homicida mas também era alguma coisa mais simples. Era um ser humano desejosa de falar sobre si mesma. E com esta espécie de ser humano, Bridget estava bastante acostumada a lidar. Numa voz que convidava a falar, disse:

— A senhora a principio queria mata-lo.

— Sim, mas isto não me satisfez... era simples demais. Eu tinha que fazer alguma coisa mais do que simplesmente mata-lo. E então tive esta idéia. Foi uma idéia que me ocorreu. Ele devia ser culpado de uma porção de crimes dos quais estava completamente inocente. Ele devia ser um assassino! Devia ser enforcado pelos meus crimes! Ou então seria considerado louco e encarcerado por toda a vida. Isto podia ser melhor ainda.

Ela agora entremeava as palavras com pequenos e horríveis risadas nervosas. Seus olhos estavam fixos e brilhante, as pupilas estranhas e alongadas.

— Como eu lhe disse, li uma porção de livros sobre crimes. Escolhi minhas vítimas cuidadosamente; não deveria haver muita suspeita a principio. Sabe — sua voz se tornou mais profunda. — eu gostei de matar. Aquela mulher desagradável, Lídia Horton, ela me tratava com superioridade... uma vez se referiu a mim como "velha solteirona". Fiquei contente quando Gordon teve uma discussão com ela. Dois coelhos com uma cajadada, pensei. Tão divertido, ficar sentada ao lado de sua cama e ir pondo arsênico no chá, e depois ir dizer para a enfermeira como a Sra. Horton se queixara do gosto amargo das uvas de Lord Easterfield! E a estúpida mulher nunca contou isso a ninguém, o que foi uma pena. E os outros então! Assim que eu sabia que Gordon tinha um motivo de queixa contra alguém, era tão fácil arrumar um acidente! E ele era tão tolo! Tão crédulo! Eu o fiz acreditar que havia alguma coisa de muito especial com ele! Que qualquer pessoa que ia contra ele era castigada. E ele acreditou com toda a facilidade! Pobre Gordon, acredita em qualquer coisa. Tão simplório!

Bridget lembrava-se dela mesma dizendo a Luke desdenhosamente: "Gordon! Ele acredita em qualquer coisa!" Fácil! Se era fácil! Pobre vaidoso, crédulo e pequeno Gordon! Mas precisava saber mais. Fácil? Isso também seria fácil. Durante anos fizera isso como secretária. Mansamente encorajava seus patrões a falarem de si mesmos. E essa mulher queria desesperadamente falar, vangloriar-se da sua própria esperteza. Bridget murmurou:

— Mas como conseguiu fazer tudo isso? Como conseguiu?

— Oh, foi tão simples! Era só planejar. Quando Amy foi despedida de Manor, empreguei-a imediatamente. Eu achei muito

esperta a idéia da tinta de chapéu... e a porta fechada por dentro me dava toda a segurança. Mas naturalmente eu sempre estive em segurança, porque não tinha o menor motivo e não se suspeita de alguém que não tem motivo para cometer um assassinato. Carter, também foi muito fácil; ele estava cambaleando na neblina, eu o alcancei na ponte de pedestres e dei-lhe um rápido empurrão. Sabe, na verdade, tenho bastante força.

Fez uma pausa e novamente deu uma risadinha nervosa.

— Foi tudo tão divertido! Nunca hei de me esquecer da cara de Tommy quando o empurrei do parapeito da janela aquele dia. Ele não esperava! — inclinou-se sobre Bridget confidencial. — As pessoa são na verdade muito estúpidas, sabe. Eu nunca tinha percebido isso antes.

Bridget disse suavemente:

— Mas a senhora, não, a senhora é de uma esperteza fora do comum.

— Sim, sim, talvez você tenha razão.

— O Dr. Humbleby... este deve ter sido mais difícil... — disse Bridget.

— Sim, foi realmente surpreendente como deu certo. Podia não ter dado, naturalmente. Mas Gordon estava contando a todo mundo a sua visita ao laboratório, e eu achei que podia dar um jeito de as pessoas se lembrarem disso e relacionarem com o que acontecesse depois... E a orelha de Wonky Pooh estava mesmo ruim, purgando muito. Eu dei um jeito de ferir com a ponta da minha tesoura a mão do Dr. Humbleby e depois fiquei muito

constrangida e insisti em pôr-lhe um curativo. Ele não sabia que o curativo tinha sido antes contaminado com o pus da orelha de Wonky Pooh. Naturalmente podia não dar certo, era uma chance em mil. Fiquei encantada quando deu certo — especialmente porque Wonky Pooh era o gato de Lavínia.

Seu rosto ficou sombrio.

— Lavínia Fullerton. Ela descobriu. Foi ela quem encontrou Tommy naquele dia. E então, quando Gordon e o Dr. Humbleby tiveram aquela discussão, ela me apanhou olhando para Humbleby. Eu estava desprevenida. Estava justamente imaginando como ia fazer. E ela descobriu! Quando me virei, ela estava-me observando e... eu me traí! Eu vi que ela descobrira. Não podia provar nada naturalmente; eu sabia disso. Mas assim mesmo tive medo; alguém podia acreditar nela. Tive medo de que a Scotland Yard acreditasse nela. Tinha certeza de que ela ia lá aquele dia. Fui no mesmo trem e a segui.

— E foi muito fácil. Ela estava numa ilha de pedestres atravessando a Whitehall. Fiquei bem atrás dela. E ela não me viu! Vinha vindo um carro grande e eu a empurrei com toda a minha força. Sou muito forte! Caiu bem em frente dele. Eu disse para a mulher do meu lado que tinha visto o número da chapa e dei o número do Rolls-Royce de Gordon. Tinha esperança de que repetisse a Policia. Foi sorte o cara não parar. Aposto que era algum chofer dando uma voltinha sem o consentimento do patrão. Tive muita sorte desta vez. Sempre tenho sorte. Aquela cena com o Rivers outro dia, e Luke Fitzwilliam testemunhando tudo. Tinha-me divertido tanto, conduzindo-o até lá. Estranho como foi difícil faze-lo suspeitar de Gordon. Mas depois da morte de Rivers ele tinha que suspeitar. Precisava! E agora... bem, isto

vai pôr um lindo final na história toda.

Levantou-se e caminhou em direção a Bridget. Disse devagarzinho:

— Gordon me deu o fora. Ele ia casar com você. Toda a minha vida foi uma decepção. Eu nunca tive nada... absolutamente nada!...

“Oh magra e grisalha mulher a quem ninguém ama...”

Estava inclinada sobre ela, sorrindo, com os olhos excitados e brilhantes. A faca brilhava.

Com toda a sua juventude e força, Bridget pulou para a frente! Num pulo de tigre, atirou-se com ímpeto contra a outra mulher, jogando-a no chão e agarrando o seu pulso direito.

Tomada de surpresa, Honória Waynflete caiu ante aquele ataque furioso. Mas depois de um pequeno momento de inércia, começou a lutar. Quando à força, não havia comparação entre as duas. Bridget era moça e saudável, com os músculos fortalecidos pelo exercício. Honória Waynflete era uma criatura frágil, de fraca compleição. Mas a sua força era à força de uma demente. Lutava diabolicamente e sua força doentia era maior do que a força saudável de Bridget. Elas lutavam desesperadamente. Bridget tentando arrancar a faca que Honória Waynflete não largava.

E então, pouco a pouco, começou a prevalecer à força doentia da mulher. Bridget começou a gritar:

— Luke! Socorro! Socorro!

Mas não tinha esperança de que o socorro viesse. honória Waynflete e ela estavam sozinhas. Sozinhas num mundo de

ninguém. Num supremo esforço torceu violentamente para trás o pulso da outra e finalmente ouviu a faca cair. No instante seguinte as duas mãos de honória Waynflete apertavam lhe o pescoço com a força de uma demente, extraindo a vida que havia nela. Bridget deu um último grito abafado.

Capítulo 23

Luke ficou favoravelmente impressionado com a aparência do Superintendente Battle. Era um homem robusto que inspirava segurança, com um rosto franco e corado e um simpático bigode. À primeira vista, não parecia exatamente alguém de talento, mas observando-se melhor, percebia-se seu olhar extraordinariamente arguto. Luke não cometeu o erro de subestima-lo. Havia encontrado homens do tipo de Battle antes. Sabia que se podia confiar neles, e que sempre obtinham resultado. Não poderia ter desejado um homem melhor para tomar conta do caso. Quando ficaram sozinhos, Luke disse:

— O senhor é um bocado importante para ser mandado para um caso como esse.

O Superintendente Battle sorriu:

— É possível que venha a ser um grande caso, Sr. Fitzwilliam. Quando se relaciona com um homem como Lord Easterfield, não queremos cometer nenhum erro.

— Eu agradeço. O senhor veio sozinho?

— Oh, não! Trouxe um sargento-detetive comigo. Está na taverna, no Seven Stars, e sua tarefa é observar Lord Easterfield.

— Compreendo.

— Na sua opinião, Sr. Fitzwilliam, não há dúvida? — perguntou Battle. — O senhor tem plena certeza quanto ao homem?

— Diante dos fatos não vejo a alternativa de nenhuma outra

teoria. Quer que lhe conte os pormenores?

— Obrigado, já os conheço através de Sir William.

— Bem, e o que acha? Suponho que lhe pareça tremendamente improvável que um homem da posição de Lord Easterfield seja um criminoso homicida?

— São muito poucas as coisas que me parecem improváveis — disse o Superintendente Battle. — Quando se trata de crimes, nada é impossível. É o que sempre digo. Se o senhor me dissesse que uma delicada senhora, um acerbispo ou uma colegial era um perigoso assassino, eu não diria que não. Eu examinaria o caso.

— Se o senhor já ouviu os principais fatos de Sr. William, vou apenas lhe contar o que aconteceu esta manhã — disse Luke.

Discorreu brevemente sobre os pontos principais de seu encontro com Lord Easterfield. O Superintendente Battle escutou com grande interesse.

— O senhor disse que ele estava manuseando uma faca. Ele salientou alguma coisa em relação a esta faca, Sr. Fitzwilliam? A ameaça estava relacionada com ela?

— Não expressamente. Ele experimentou o fio de uma maneira desagradável. Com uma espécie de prazer estético ao qual eu não dei muita atenção. A Sra. Waynflete sentiu a mesma coisa, penso eu.

— Esta é a senhora sobre a qual me falou, a que conheceu Lord Easterfield toda a sua vida, e que certa vez foi sua noiva?

— Exatamente.

— Acho que pode ficar descansado quanto à jovem, Sr.

Fitzwilliam. Vou pôr alguém tomando conta dela — disse o Superintendente Battle. — Com essa precaução e com Jackson vigiando Lord Easterfield não há perigo de acontecer qualquer coisa.

— O senhor me tira uma grande preocupação — disse Luke.

O Superintendente Battle concordou compreensivo.

— É muito desagradável a sua posição Sr. Fitzwilliam. Preocupando-se com a Srta. Conway. Note bem, eu não creio que este vá ser um caso fácil. Lord Easterfield deve ser um homem muito sagaz. Provavelmente vai esconder o jogo durante um bom tempo. A não ser que já esteja no último estágio.

— O que chama o senhor de ultimo estágio?

— Uma espécie de egolatria, quando o criminoso acha que simplesmente não pode ser descoberto. Ele é demasiadamente esperto e todos os outros são demasiadamente estúpidos. Se for o caso, então, naturalmente nós o pegaremos.

Luke concordou. Levantou-se.

— Bem — disse, — desejo-lhe boa sorte. Permita-me ajuda-lo no que puder.

— Certamente.

— Há algo que pudesse sugerir?

Battle considerou a pergunta durante alguns instantes.

— Acho que não. No momento, não. Quero primeiro colocar as coisas no devido lugar. Talvez possamos conversar novamente esta tarde.

— Seria melhor.

— Até então já saberei melhor onde estamos.

Luke sentiu-se mais calmo e sossegado. Eram muitas as pessoas que se sentiam assim depois de uma entrevista com o Superintendente Battle. Olhou seu relógio. Deveria ir ver Bridget antes do almoço? Era melhor não, decidiu ele. A Sra. Waynflete poderia sentir-se na obrigação de convida-lo para almoçar e isso poderia desorganizar sua rotina doméstica. Com a experiência que tinha com suas tias, Luke sabia que as senhoras de meia-idade costumam afobar-se com qualquer problema doméstico. Será que a Sra. Waynflete era tia de alguém? Provavelmente sim.

Tinha caminhado até a porta de saída do hotel. Um vulto de preto vinha apressado pela rua. Parou subitamente quando o viu.

— Sr. Fitzwilliam.

— Sra. Humbleby.

Dirigiu-se a ela e apertou-lhe a mão.

— Pensei que tivesse partido — disse ela.

— Não, só mudei de alojamento. Estou aqui agora.

— E Bridget? Ouvi dizer que saiu de Ashe Manor.

— Sim, é verdade.

A Sra. Humbleby suspirou.

— Fico contente... muito contente que ela tenha ido embora de Wychwood.

— Oh, ela ainda está aqui! Aliás, ela está com a Sra.

Waynflete.

A Sra. Humbleby recuou. Luke notou com surpresa a extraordinária expressão de angústia que apareceu em seu rosto.

— Com Honória Waynflete? Oh, mas por quê?!

— A Sra. Waynflete muito gentilmente a convidou para passar alguns dias com ela.

A Sra. Humbleby estremeceu levemente. Aproximou-se de Luke e segurou-lhe o braço.

— Sr. Fitzwilliam, sei que não tenho o direito de dizer coisa alguma. Ultimamente tive uma série de tristezas e aborrecimentos e talvez isso me tenha tornado muito imaginativa. Isso que eu sinto pode ser apenas o fruto de uma imaginação doentia.

— E o que é que a senhora sente? — perguntou Luke bondosamente.

— Esta convicção que tenho do... do mal! — olhou timidamente para Luke. Vendo que ele apenas curvava a cabeça, gravemente, e não parecia duvidar da sua afirmação, continuou: — Tanta maldade... isso é o que eu sinto e não me sai da cabeça... tanta maldade em Wychwood. E esta mulher está por trás de tudo. Eu tenho certeza disso.

Luke estava mistificado.

— Que mulher?

— Eu tenho certeza de que a Sra. Waynflete é uma mulher muito má! — disse a Sra. Humbleby. — Oh, vejo que o senhor não me acredita! Ninguém acreditava em Lavínia Fullerton tampouco. Mas nós duas sentíamos isso. Acho que ela sabia mais

do que eu. Lembre-se, Sr. Fitzwilliam, se uma mulher não se sente feliz, ela é capaz de coisas terríveis.

— Sim, pode ser — disse Luke condescendente.

A Sra. Humbleby perguntou rápida:

— O senhor não me acredita? Na verdade, por que haveria de acreditar? Mas não posso esquecer do dia em que John chegou da casa dela com aquela atadura na mão. Ele não ligou e disse que era apenas um arranhão — ela voltou-se. — Adeus! Por favor, esqueça o que eu acabo de dizer. Eu... me sinto meio transtornada esses dias!

Luke ficou observando-a afastar-se. Imaginava por que teria a Sra. Humbleby chamado honória Waynflete de mulher má. Teriam o Dr. Humbleby e honória Waynflete sido amigos e a esposa do médico estaria com ciúmes? O que foi que ela dissera? “Ninguém acreditava em Lavínia Fullerton tampouco.” Por conseguinte, lavínia Fullerton devia ter confiado algumas de suas suspeitas a Sra. Humbleby. De repente, veio-lhe à lembrança o trem e o rosto preocupado de uma simpática senhora. Ouviu novamente a voz ansiosa dizendo: “Este jeito especial de olhar!” E a maneira como o seu próprio rosto havia mudado de expressão, como se estivesse vendo alguma coisa em sua mente. Por um rápido instante, lembrou-se ele, seu rosto ficara completamente diferente. As palavras sussurradas por entre os dentes, e aquele olhar esquisito semelhante ao de uma cabra.

De repente, pensou: “Mas eu vi alguém olhando exatamente deste modo — com essa mesma expressão. E foi bem recente. Quando? Esta manhã; É claro! A Sra. Waynflete quando olhava para Bridget na sala de Ashe Manor.” E subitamente uma outra

lembrança assaltou-º Há muitos anos, sua tia Mildred dizendo: “Sabe, meu caro, ela tinha uma aparência meio imbecil.” E, por um instante, seu próprio rosto sadio e simpático, adquirira uma expressão imbecil e estúpida. Lavínia Fullerton estava falando do olhar que vira no rosto de um homem... não, no rosto de uma pessoa. Seria possível que, por um rápido instante, sua viva imaginação tivesse reproduzido esse olhar... o olhar de um assassino para a sua próxima vítima?

Sem ter muita consciência do que estava fazendo, Luke apressou o passo em direção à casa da Sra. Waynflete. Uma voz repetia incessantemente no seu cérebro: “Não um homem... ela nunca mencionou um homem. Você concluiu que era um homem porque estava pensando num homem, mas ela nunca afirmou isso. Oh Deus! Estarei ficando louco? O que estou pensando não é possível. Certamente não é possível; não faz sentido. Mas eu preciso ver Bridget. Preciso saber se ela está bem. Aqueles olhos... aqueles esquisitos olhos cinzentos. Oh, eu estou louco! Eu devo estar louco! Easterfield é o criminoso. Tem que ser ele. Ele praticamente o confirmou.” E, ainda assim, como num pesadelo, ele via o rosto da Sra. Fullerton numa momentânea imitação de alguma coisa horrível e meio insana.

A desajeitada empregada abriu a porta para ele. Um pouco assustada diante da sua veemência, disse:

— A senhorita saiu. Foi o que a Sra. Waynflete me disse. Vou ver se a Sra. Waynflete está.

Luke passou por ela e entrou na sala de estar. Emily correu escada acima. Voltou sem fôlego.

— A patroa saiu também.

Luke agarrou-a pelo ombro.

— Por onde? Por onde elas foram?

Ela olhou embasbacada para ele.

— Devem ter saído pela porta dos fundos. Eu teria visto se tivessem saído pela frente, porque a cozinha dá para lá.

Ela seguiu Luke quando este saiu correndo pela porta e atravessou o pequeno jardim. Havia um homem podando a cerca. Luke dirigiu-se a ele e fez uma pergunta, esforçando-se para conservar a voz normal. O homem respondeu calmamente.

— Duas senhoras? Sim. Já faz algum tempo. Eu estava almoçando a sombra da cerca. Acho que elas nem me viram.

— Por onde foram?

Esforçava-se desesperadamente para falar com voz normal. Ainda assim, os olhos do outro homem estavam um pouco arregalados, quando respondeu devagar.

— Pela campina. Por ali. Depois não sei para onde foram.

Luke agradeceu e começou a correr. Aquela sensação de urgência crescia dentro dele. Precisava alcança-las... precisava! Podia estar completamente louco. Com toda a certeza, estavam apenas dando uma volta, amigavelmente, mas alguma coisa dentro dele exigia que se apressasse. Se apressasse mais!

Atravessou a campina e parou hesitante num caminho abandonado. Por onde seguiria agora? E então ouviu o grito — longe, fraco, mas inconfundível: “Luke! Socorro! Socorro!” E mais uma vez: “Luke!” Seguro agora, mergulhou no pequeno bosque na direção do grito. Ouvia outros barulhos agora, o som de pés

arrastados, respiração ofegante, um grito baixo e abafado. Ele apareceu por entre as árvores a tempo de arrancar as mãos de uma mulher louca da garganta de sua vítima, segura-la, enquanto ela se debatia, praguejava, espumava, até que finalmente tivesse um estremecimento convulso e se tornasse rígida entre os seus braços.

Capítulo 24

— Mas eu não compreendo — disse Lord Easterfield. — Eu não compreendo.

Esforçava-se para manter a dignidade mas, atrás da aparência controlada, era evidente que estava completamente aturdido. Mal podia acreditar nas coisas extraordinárias que lhe estavam contando.

— É isso, Lord Easterfield — disse pacientemente Battle. — Para começar, há uma tara na família. Eu diria que ela possuía uma predisposição nesse sentido. É comum nessas famílias antigas. Além do mais, era uma pessoa ambiciosa e frustrada. Primeiro em sua carreira, depois no seu amor — tossiu. — Eu acredito que foi o senhor que deu o fora nela.

— Eu não gosto da expressão "deu o fora" — disse Lord Easterfield secamente.

O Superintendente Battle corrigiu a frase:

— Foi o senhor que terminou o noivado?

— Bem, sim.

— Diga-nos por que, Gordon — pediu Bridget.

Lord Easterfield corou.

— Oh, está bem, se é necessário! honória tinha um canário. Era louca por ele. Ele costumava pegar açúcar nos seus lábios. Um dia, em vez de pegar o açúcar, bicou-a violentamente. Ficou com raiva, pegou-o e... torceu-lhe o pescoço. Eu... eu não podia sentir o mesmo depois disso. Disse-lhe que achava que ambos

havíamos cometido um engano.

Battle disse:

— Isto foi o começo de tudo. Como ela disse a Srta. Conway, dedicou todos os seus pensamentos e sua indiscutível capacidade mental a um único propósito.

Lord Easterfield perguntou incrédulo:

— A me fazer ser condenado como assassino? Eu não posso acreditar nisso.

— É verdade, Gordon — disse Bridget. — Veja, você mesmo se surpreendia da maneira extraordinária como todas as pessoas que o aborreciam eram castigadas.

— Havia uma razão para isso.

— honória Waynflete era a razão — disse Bridget. — Ponha na sua cabeça, Gordon, que não foi a Providência que empurrou Tommy Pierce pela janela, e todos os outros. Foi honória.

Lord Easterfield sacudiu a cabeça.

— Tudo me parece absolutamente incrível!

— O senhor disse que recebeu um recado telefônico esta manhã? — perguntou Battle.

— Sim, cerca do meio-dia. Pedia para eu ir até o Bosque Shaw imediatamente porque você, Bridget, tinha algo a me dizer. Não deveria ir de carro mas a pé.

— Exatamente — confirmou Battle. — Este seria o fim. A Srta. Conway seria encontrada com a garganta cortada, tendo ao lado sua faca, com suas impressões digitais! E o senhor seria

visto pelas redondezas na mesma hora! O senhor não teria meios de se defender. Qualquer júri do mundo o condenaria.

— A mim? — perguntou Lord Easterfield espantado e desgostoso. — Alguém acreditaria uma coisa destas de mim?!

Bridget disse com bondade:

— Eu não acreditei, Gordon, eu nunca acreditei!

Lord Easterfield olhou-a friamente e disse formal:

— Em vista do meu caráter e minha posição na cidade, não creio que alguém, por um momento sequer, acreditasse em tão monstruosa acusação.

Saiu da sala com toda a dignidade, fechando a porta atrás de si.

— Ele nunca vai convencer-se de que esteve mesmo em perigo — disse Luke. — Vamos, Bridget, conte-me como foi que você veio a suspeitar da Sra. Waynflete.

Bridget explicou:

— Foi quando você estava me contando que Gordon era o criminoso. Eu não podia acreditar! Você compreende, eu o conhecia tão bem! Era sua secretária há dois anos. Conhecia-o por fora e por dentro. Sabia que ele era vaidoso, mimado, completamente egocêntrico, mas sabia também que era uma pessoa bondosa e com um coração sensível até demais. Preocupava-se até em ter que matar uma vespa. Aquela história dele ter matado o canário da Sra. Waynflete... estava toda errada. Ele não podia ter feito uma coisa dessas. Certa vez tinha-me contado que ele rompera o noivado. Ora, você insistia em que ela

o tinha feito. Bem, podia ser! Seu orgulho podia tê-lo impedido de confessar que ele havia sido posto de lado. Mas não aquela história do canário! De maneira alguma aquilo era do tipo de Gordon! Ele nem caçava porque ficava enjoado só de ver matar! Portanto, eu sabia que aquela parte da história era mentira. E, se era assim, a Sra. Waynflete mentira. E, pensando bem, era uma mentira muito singular! E, de repente, fiquei imaginando se ela teria contado outras mentiras. Ela era uma mulher muito orgulhosa — isso era fácil de se notar. Ter sido posta de lado deve ter ferido terrivelmente seu orgulho. Provavelmente deve ter ficado muito zangada e com vontade de se vingar de Lord Easterfield — particularmente. Então imaginei o que ela sentira quando ele reapareceu mais tarde, rico e poderoso, cheio de sucesso. Sim, provavelmente ela gostaria de arranjar um crime do qual ele fosse culpado. E então, meus pensamentos deram uma reviravolta e eu pensei: imagine se tudo o que ela diz é mentira. E percebi como seria fácil para uma mulher como aquela enganar um homem. Disse comigo mesma: é fantástico, mas suponha que foi ela que matou todas aquela pessoas e convenceu Gordon de que era uma espécie de castigo divino! Seria muito fácil para ela faze-lo acreditar nisso. Como eu já dissera a você antes, Gordon era capaz de acreditar em qualquer coisa! E me perguntei: poderia ela ter cometido todos esses crimes? E percebi que sim! Podia ter dado um empurrão num homem bêbedo, empurrado um menino pela janela, e Amy Gibbs morrera em sua casa. A Sra. Horton também... ela costumava fazer-lhe companhia quando estava doente. Dr. Humbleby era mais difícil. Eu não sabia então que Wonky Pooh estava com uma infecção na orelha. A morte da

Sra. Fullerton foi mais difícil ainda, porque não conseguia imaginar a Sra. Waynflete numa roupa de chofer, dirigindo um

Rolls-Royce. E então vi que esta era, afinal, a mais fácil de todas! Um empurrão por trás, tão simples no meio de uma multidão. O carro não parou e ela sentiu aí a sua oportunidade e disse à outra mulher que havia visto o número do carro, e deu o número do Rolls-Royce de Lord Easterfield. Naturalmente isto tudo estava muito confuso em minha mente. Mas se positivamente Gordon não cometera os crimes — e disto eu sabia — quem o teria feito? E a resposta me pareceu tão evidente! Alguém que odiasse Gordon! E quem odiava Gordon? honória Waynflete, naturalmente. E lembrei-me de que a Sra. Fullerton mencionara um homem como assassino. Isto punha abaixo toda a minha bela teoria porque, se a Sra. Fullerton não estivesse certa, não teria sido morta. Então fiz você repetir exatamente as palavras da Sra. Fullerton, e logo descobri que ela realmente não dissera "homem" nem uma vez. Então senti que estava verdadeiramente na pista certa! Resolvi aceitar o convite da Sra. Waynflete para ficar com ela, resolvida a descobrir a verdade.

— Sem dizer nada para mim? — perguntou Luke zangado.

— Mas meu bem, você tinha tanta certeza, e eu não tinha certeza nenhuma! Era tudo tão vago e duvidoso! Mas nunca imaginei que estivesse em perigo. Achei que tinha muito tempo.

Ela estremeceu.

— Oh, Luke! Foi horrível! Os olhos dela... e aquele pavoroso jeito de rir... não parecia humano! — Virou-se para Battle. — Como está ela agora?

— Perdeu a razão — disse Battle. — É o que normalmente acontece nesses casos, sabe. Não conseguem enfrentar o fato de não terem sido tão espertos como julgavam ser.

Luke disse pesaroso:

— Bem, eu não dou muito para policial! Nem por um minuto suspeitei de honória Waynflete. Você se teria saído melhor, Battle.

— Pode ser que sim, pode ser que não. Você se lembra de eu ter dito que nada é impossível quando se trata de crimes? Creio que até mencionei uma senhora.

— Você também mencionou um arcebispo e uma colegial. Devo supor que você considera todas essas pessoas como criminosos em potencial?

Battle deu um largo sorriso.

— Qualquer um pode ser um criminoso. Foi isso que eu quis dizer.

— Exceto Gordon — disse Bridget. — Venha Luke, vamos procura-lo.

Encontraram Lord Easterfield em seu escritório, ocupado em fazer anotações.

— Gordon — disse Bridget numa voz mansa e dócil, — por favor, agora que você já sabe de tudo, você nos perdoa?

Lord Easterfield olhou para ela afavelmente.

— Certamente minha cara, certamente. Eu compreendi a verdade. Eu sou um homem muito ocupado e me descuidei de você. A verdade é que, como diz tão sabiamente Kippling: “Anda mais depressa quem anda sozinho.” Meu caminho na vida é solitário — encolheu os ombros. — Carrego comigo uma grande responsabilidade. Devo carrega-la sozinho. Para mim não pode haver uma companhia que me ajude a carregar o fardo. Devo

atravessar a vida sozinho, até o fim.

— Querido Gordon — disse Bridget, — você é tão amável!

Lord Easterfield fez uma carranca.

— Não é questão de ser amável... Vamos esquecer toda esta bobagem. Eu sou um homem ocupado.

— Eu sei que você é.

— Estou escrevendo uma série de artigos que vou começar a publicar imediatamente. Crimes cometidos por mulheres através dos séculos.

Bridget olhou-o com admiração.

— Gordon, acho que esta é uma idéia maravilhosa!

Lord Easterfield estufou o peito.

— Então, por favor, deixem-me sozinho agora. Eu não posso ser perturbado. Tenho muito trabalho a fazer.

Luke e Bridget saíram em silencio do escritório.

— Ele é mesmo amável — disse Bridget.

— Bridget, eu acho que você gostava mesmo deste homem.

— Sabe de uma coisa, Luke? Eu acho que sim!

Luke olhou pela janela.

— Ficarei contente em ir embora de Wychwood. Não gosto deste lugar. Há muita maldade por aqui, como diria a Sra. Humbleby. Não gosto do jeito como essa serra rodeia a cidade.

— Falando da Serra Ashe, e Ellsworthy?

Luke riu meio sem graça.

— Aquele sangue em suas mãos?

— Sim.

— Parece que tinham sacrificado um galo branco.

— Que coisa repugnante!

— Acho que alguma coisa de desagradável vai acontecer ao Sr. Ellsworthy. Battle está planejando uma pequena surpresa.

— E o pobre Major Horton nunca tentou matar a esposa, e o Sr. Abbot, suponho eu, apenas recebera uma carta íntima de alguma senhora, e o Dr. Thomas é apenas um jovem médico simpático e despretensioso.

— Ele é um asno arrogante!

— Você diz isso de ciúmes porque ele vai casar com Rose Humbleby.

— Ela é boa demais para ele.

— Eu sempre achei que você gostava mais dela do que de mim.

— Querida, você não está sendo meio absurda?

— Não, não estou — ficou em silencio por alguns instantes, e depois perguntou: — Luke, agora você gosta de mim?

Ele fez um movimento em sua direção mas ela o repeliu.

— Eu disse “gosta” Luke, não “ama”.

— Oh, compreendo! Sim, gosto. Eu gosto de você, Bridget, e a amo também.

— Eu gosto de você Luke — disse Bridget.

Sorriram um para o outro, meio tímidos, como crianças que se tornaram amigas numa festa. Bridget falou:

— Gostar é mais importante do que amar. É o que dura. Quero que o que existe entre nós dure, Luke. Não quero só que nos apaixonemos, casemos, cansemos um do outro e depois nos casemos com outra pessoa.

— Oh, minha querida, eu sei! Você quer que seja verdadeiro. Eu também. O que existe entre nós vai durar para sempre porque se baseia em sentimentos verdadeiros.

— Isto é verdade, Luke?

— É verdade, meu amor. Acho que é por isso que eu tinha medo de me apaixonar por você.

— Eu também tinha medo de me apaixonar por você.

— E agora, você tem medo?

— Não.

— Nós estivemos perto da morte muito tempo — disse ele. — Agora isso acabou! Agora vamos começar a viver!

FIM

Sobre a Autora

Agatha Christie iniciou sua brilhante carreira literária com o livro "O misterioso caso de Styles" em 1921. Desde seu primeiro romance, revelou uma habilidade fantástica para arquitetar um mistério policial, engendrando uma série de pistas falsas. Ao mesmo tempo, demonstrava um notável senso de observação psicológica.

Nascida em Torquay, na Inglaterra, em setembro de 1891, Agatha Mary Clarissa Miller era filha de mãe inglesa e pai americano, que morreu quando ela ainda era bem criança. Na infância e juventude, dedicou-se com entusiasmo à leitura, e logo descobriu seus autores preferidos. Em vez de histórias de amor, seu interesse voltava-se para Charles Dickens e Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes.

Seus conhecimentos de química, poções e venenos, que têm papel relevante em quase todas as suas tramas, foram adquiridos quando trabalhou como voluntária em um hospital da Cruz Vermelha, durante a Primeira Guerra Mundial, ajudando especialmente os refugiados belgas.

Dame Agatha sempre foi excelente cozinheira, gostava da vida doméstica e odiava a publicidade e as ocasiões em que tinha de aparecer em público. Construía seus mistérios caminhando pelos parques ou devorando maças em grande quantidade, durante seus banhos de imersão. Lia muita poesia moderna e detestava o revólver e o punhal: "Prefiro as mortes por envenenamento", costumava declarar.

"A participação do leitor ê essencial. Ele deve desvendar o mistério lentamente, como se estivesse sendo envenenado." Tão traduzida quanto Shakespeare, com quase quatrocentos milhões

de exemplares vendidos, a "dama do crime" é a responsável pela quarta tiragem mundial de todos os tempos: à sua frente estão apenas Lênin, Júlio Verne e Liev Tolstói.

Ao falecer, em 1976, deixou uma obra que continua a merecer a admiração de leitores do mundo inteiro.